

AFONSO SCHMIDT

# COLÔNIA CECÍLIA

*Uma Aventura Anarquista na América*

1889 a 1893



EDITORA ANCHIETA LIMITADA  
SÃO PAULO - BRASIL  
1942

Se la verità ti fa paura, non  
leggere, perché questo libricci-  
no per te é pieno di paura.

DR. GIOVANNI ROSSI

## PREFACIO

Os estudiosos de sociologia estão comemorando o Cinquentenário da Colônia Cecília. Foi essa uma curiosa experiência social levada a efeito em terras do Brasil. Malograda por diversos motivos, sobre ela caiu, durante tanto tempo, a poeira do esquecimento. Tem-se a impressão de que seus amigos e possíveis inimigos desejavam apagá-la da História com o intuito de poupá-la à crítica das gerações que se sucedem.

No entanto, apesar do presumido acôrdo, o silêncio não tem sido completo; ouvem-se de longe a longe vagas referências à famosa iniciativa. Sabe-se que, mediante entendimentos havidos nos últimos anos da Monarquia, entre o dr. Giovanni Rossi e o sr. D. Pedro II, essa comunidade de sonhadores foi fundada nas vizinhanças das localidades de Palmeira e Santa Barbara, na então Província do Paraná.

Essa concessão de terras poderá parecer estranha aos que só hoje dela se intetrem, desconhecedores da situação e das praocupações daqueles dias. A verdade é que pelo Brasil ainda ecoavam as festas de 13 de Maio. O problema do braço para a lavoura era absorvente. Os escravocratas, afim de prolongar os benefícios do trabalho servil, tinham feito a cam-

panha ameaçando-nos de ruina econômica pelo abandono das fazendas. Esse temor levara o govêrno, com antecipação, a tomar extraordinárias medidas. Multiplicavam-se as colônias. Ali perto, em Santa Barbara, já se havia estabelecido o "mir" dos alemães do Volga. O "mir" é uma forma de socialismo agrário. Que mal haveria, pois, em ceder terras, na mesma zona, a anarquistas italianos, num tempo em que a estabilidade social ainda não oferecia perigos imediatos? O govêrno, fazendo tal concessão, pensou inteligentemente que a terra acabaria por absorver as preocupações ideológicas. E o govêrno agiu com acêrto. Os factos lhe deram razão. E' o que se conta nesta reportagem.

Assim estudado, o ato do govêrno monárquico perde muito da sua estranheza. Com êsse espírito, foi concedida licença para o estabelecimento da Colônia Cecília, modesta experiência de uma sociedade ácrata, sem lei, sem religião, sem propriedade individual e principalmente onde a família fosse constituída de forma mais humana, no entender de seus pioneiros.

Por outro lado, tais iniciativas estavam em moda. Não representavam grande novidade na América, como nos outros Continentes. A época era propícia a semelhantes cogitações. E como nenhuma delas tivesse alcançado êxito, as classes conservadoras não lhes davam crédito, levando-as à conta de devaneios líricos de filósofos e poetas. A organização estava sólida, os homens seguros. De nada valia o clamor dos arautos, nos congressos, nos livros, nos jornais, por toda parte.

Os acontecimentos de Paris, vinte anos antes, enchiam a literatura e escaldavam os cérebros. Era o

tempo no nihilismo russo, dos congressos internacionais que abalavam o mundo, das grandes demolições e das vertiginosas construções. Nietzsche, com a alucinação da força, havia soltado entre os homens o demônio de um pensamento que, meio século depois, deveria inspirar os ditadores de toda casta. Por outro lado, teoristas como Marx, Engels, Kropotkine, Bakunine e tantos outros, cada um absorvido na sua obra, mostravam caminhos novos para a humanidade faminta, esfarrapada, ensanguentada, talvez esquecida de Deus.

Não se pode, pois, julgar a Colônia Cecília uma experiência que incluía o amor livre — designação que, por sinal, não satisfazia ao seu fundador — sem conhecer a inquietação característica da época. Ao Congresso Operário realizado em Bruxelas, no ano de 1891, compareceram muitas das maiores personalidades da Europa, numa afirmação de socialismo. O socialismo daqueles dias ainda era uma vasta nebulosa a fragmentar-se em mundos novos de concepções. Dêsse Congresso saíram muitas coisas, entre as quais o Primeiro de Maio como data internacional, afirmativa da luta de classes. Saiu também "a igualdade completa dos dois sexos, assegurando à mulher os mesmos direitos civis e políticos concedidos aos homens. Como esposa, como mãe de família, como trabalhadora, a mulher é tão interessada como o homem na confecção das leis".

Depois dêsse Congresso houve uma mudança na mentalidade da Europa. Dois anos após, no Congresso de Zurique, o circumspecto Benoit Malon escrevia:

"O casamento na antiguidade era fundado sobre o desprezo e a escravidão da mulher; o casamen-



to cristão tinha por princípio a inferioridade e a servidão da mulher; o casamento burguês atual baseia-se sobre a única conveniência dos interesses mercantis e, ainda, na subordinação da mulher. Pela primeira dessas formas matrimoniais o filho era para o pai uma simples coisa; pela segunda, o seu servo, e pela terceira quasi se pode dizer que ainda hoje continha sem direitos. É indispensavel libertar a mulher e conceder direitos aos filhos. O casamento futuro terá como condição a escolha revogável dos interessados, escolha livre e baseada unicamente nas afinidades intellectuais, morais e físicas. Assim ficarão assegurados a felicidade e o aperfeiçoamento dos cônjuges; assim poderá efetuar-se a perpetuação da espécie nas melhores condições morais e físicas”.

A idéia de uma sociedade nova, fundada sobre novas concepções, pairava no céu intellectual. Na Itália, que mais nos interessa no presente caso, homens do relevo de Enrico Ferri prognosticavam que o próximo século, que já alumia o horizonte, traria consigo uma sociedade diferente, com alicerces na justiça e na liberdade. E pelo mundo multiplicavam-se as experiências. Nada mais natural que o imperador do Brasil, um homem inteligente e culto, muito acima da mentalidade geral que o cercava, sentisse uma viva curiosidade por esse problema. Ele havia mostrado outras curiosidades que ficaram históricas. Encorajou Pasteur e deu a mão a Graham Bell. Tinha a paixão dos poetas, dos inventores, dos iluminados. O dr. Giovanni Rossi era o cientista social, applicando às relações entre os homens os mesmos processos que, na Escola de Agronomia, observava entre as plantas. Uma página de sua lavra, sobre a poligamia entre as flôres, é admirável. Daí, o curioso folheto intitulado “*Il commune in riva al*

mare”; daí, como consequência, a colônia experimental. No seu sonho aquilo não devia ser uma colônia, mas um canteiro. Ele sonhava e Deus sorria...

Essa tentativa levada a efeito no Paraná, como tantas outras surgidas no Continente, veio a extinguir-se depois de três ou quatro anos de angustiosa existência. É verdade que nos Estados Unidos subsistem ainda alguns núcleos desse gênero, em plena atividade experimental. Encontramo-los ali de diversas côres, notadamente de fundo religioso. Mas os fatos demonstram que, mesmo nos de caráter mítico, ao abolir-se a propriedade privada, eles tomam imediatamente caminhos libertários, interessando logo a constituição da família. A inter-dependência de tais fenômenos torna-se, assim, evidente ao observador.

Mas a existência de tais colônias, mesmo na América do Norte, é quasi sempre precária. São edificios construídos com materiais retirados de ruínas. Não se faz uma sociedade nova com homens empregados de uma sociedade velha. Por isso, ao que sei, das sociedades experimentais ali instaladas em grande número no século passado, muitas já desapareceram de envolta com as cinzas das desillusões. Nem sabemos de quantas se desvirtuaram, levadas na voragem de uma agressiva concorrência já em vigor naquelas terras privilegiadas, abertas a muitos aventureiros, tanto aos românticos sonhadores de uma humanidade perfeita como aos práticos lutadores em prol do próprio enriquecimento.

Aqui no Brasil essas colônias não têm encontrado melhor destino.

Depois da Colônia Cecilia, no Paraná, que durou, como dissemos, de três a quatro tormentosos anos,

surgiu a Colônia Cosmos, em Santa Catarina, fundada por um libertário chegado da América do Norte. E, ali por 1930, a Colônia Varpa, em Quatá, Estado de São Paulo. Esta última é constituída por letões, tem absorvente cunho religioso e prolonga a sua existência vegetativa através das imensas dificuldades da hora presente. Poderíamos acrescentar que no município da capital de São Paulo já houve, também, uma tentativa de colônia ácrata mas, apesar das animadoras primícias, não teve melhores resultados em consequência de acontecimentos com que ninguém contava, de todo alheios à vontade de seus organizadores.

O dr. Giovanni Rossi, que no nosso trabalho será chamado pelo seu pseudônimo de Cárdias, em 1939 ainda vivia em Pisa, Itália, sua terra natal. Deve contar para mais de 85 anos. Se ele quiser dizer o que fez e o que viu no Brasil, de 1889 a 1894, em que esteve à frente de sua colônia, poderá escrever um grande livro. Enquanto, porém, ele não o faz, nós, jornalista, procuraremos fazê-lo com o carinho com que escreveríamos uma reportagem sentimental.

Na sua mocidade o filósofo italiano escreveu um folheto e depois, como dissemos, resolveu pôr em prática a sua utopia. Insistimos na palavra utopia. Aí está uma palavra que alguns de meus leitores, com certeza, só conhecerão no sentido sorridente que lhe é emprestado. Há uma velha tendência para dar-se a certos termos uma significação pejorativa, afim de malsinar o pensamento que eles representam. Anarquia, por exemplo, que apenas quer dizer negação de autoridade, é repetida a cada passo como sinônimo de desordem. Casa de tolerância, cuja interpretação mais comum é de todos conhecida, referia-se inicialmente à loja maçônica, onde todas as idéias superiores

deviam ser respeitadas, onde havia tolerância para todos os credos. Aqui mesmo no Brasil, durante a Monarquia e depois dela, a palavra república serviu para designar casa de estudantes, assim como quem diz Casa de Orates...

O mesmo se deu com utopia. Essa palavra grega ("u" negação e "topos" lugar) ou seja, lugar, terra que não existe, serviu de título a um romance de Tomás More, nos princípios do século XVI. Na primeira parte o autor ataca a sociedade inglesa, o despotismo das monarquias, o servilismo dos áulicos, o luxo dos nobres e poderosos, a injustiça das leis, a mania das conquistas, e acaba por denunciar como origem de todos os males — a propriedade particular ilimitada. Na segunda parte, o romancista conta pretendido naufragio numa ilha desconhecida, a que deu o nome de "Utopia". Ali encontra uma sociedade diferente. Nada de propriedade individual: a terra e seus produtos pertencem a todos. Deste princípio decorre uma existência comunista, no sentido mais antigo do termo.

É bom lembrar que Tomás More, como ministro de Henrique VIII, a tido na conta do "homem mais honesto da Inglaterra", foi um dia levado aos tribunais e aí condenado à pena da morte, não por ser comunista, mas por não reconhecer no seu rei a qualidade de chefe da Igreja Anglicana. Isto é, foi decapitado pela sua intransigente fidelidade à Igreja Romana, de que é um dos mártires.

É ainda curioso observar como a expressão comunismo está ligada à doutrina cristã, ou melhor à "pregação nazarena do Reino do Céu". Encontramo-la por toda parte: entre os essênios, entre os cristãos primitivos, nos Evangelhos, nos ensinamentos dos



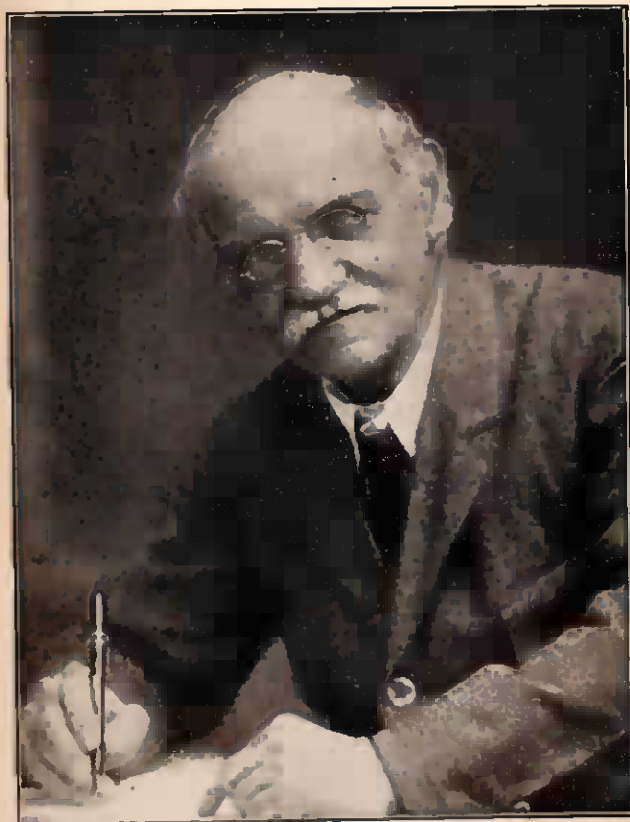
apóstolos e de São Paulo, na organização monástica, na obra dos doutores da Igreja, a começar por São Gregório-o-Grande, cujas palavras em certos passos lembram as objurgatorias de Proudhon; no Abbade de São Pedro e, muito atenuada, em Leão XIII. O Cristianismo, na sua essência, foi, inicialmente, um movimento socialista, no sentido mais largo da palavra. Daí um fenómeno bem atual: as ditaduras totalitárias, que se dizem fundadas contra o comunismo, estão sendo levadas a combater o espírito cristão, onde ainda se encontra um fundo suavemente comunista. Nesse ponto, as referidas ditaduras são, pelo menos, coerentes.

O nome do trabalho de Tomás More foi estendido a todas as novelas que daí para o futuro trataram de uma sociedade imaginária na qual se vivesse sob nova ordem social, tida pelo autor como melhor do que a presente. São utopias: a "Cidade do Sol"; "A Terra Livre", "Viagem pela Icária" e tantas outras. Entre elas, como dissemos, o livrinho do dr. Giovanni Rossi. Mas com uma diferença apenas: Platão, Campanella, More, Jean Grave e outros se mantiveram no puro domínio da ficção, enquanto o filósofo italiano, nas últimas páginas do opúsculo, fazia um apêlo às pessoas bem intencionadas que desejassem acompanhá-lo a qualquer parte da terra, muito distante, afim de realizarem experimentalmente as idéias contidas no livro. Encontrou companheiros. Realizou uma empolgante aventura que ficará para sempre na história do coração humano.

Um pouco da vida dessa ilusão, ou dessa desilusão, é o que se vai ler. Para contá-la recorri aos escritos do próprio dr. Giovanni Rossi, através das citações de que disponho, às pesquisas de Alexandre Cerchiai e

das informações de pessoas que, antes de mim, se interessaram pelo curioso assunto. E com isso poderei contar às novas gerações, que no Brasil de 1889 a 1894, num período de transição entre a Monarquia e a República, com permissão do sr. Dom Pedro II, realizou-se uma asperlância, embora fruste, de um velho sonho da humanidade. Estudando tal obra, observa-se este fenómeno: as facilidades que a Monarquia ofereceu aos pioneiros da Colônia Cecília, os idealistas da República suprimiram logo depois, comprometendo assim o futuro de uma experiência em vista de realização.

E' verdade que se a iniciativa do dr. Giovanni Rossi deixou de vingar, não foi apenas por esse motivo; muitos outros colaboraram no seu malôgro. Em cinquenta anos de pesquisas e estudos da ciência sociológica, aprendeu-se muita coisa. Erros cometidos naquela época, hoje, com certeza, seriam evitados. Mas o conhecimento atual, que nos parece ainda tão frágil, foi amassado com a observação de experimentos iguais a estes, praticados por aí a fora. E' Alexandre Cerchiai quem escreve de Palmeira, diante do pouco que ainda pôde encontrar da Colônia Cecília: "Em última análise, o que aqui se deu foi vasta experiência "in corporo vili", rica de ensinamentos negativos". E tinha razão. A teoria ensina o que se pode fazer, mas a prática, uma prática dura como aquela, serve para ensinar, principalmente, aquilo que não se pode ou não se pode fazer. A ciência sociológica saiu, pois, enriquecida, das taperas da Colônia Cecília.



*Uma das últimas fotografias do Dr. GIOVANNI ROSSI. Retirando-se para a Itália, em 1907, ainda lá vivia alguns meses antes da guerra. Deverá contar 86 anos.*



## NUMA NOITE DE PRIMAVERA

O conferencista concluiu:

“ — Para nós, o Amor, quando verdadeiro ou quando simulado, é a expressão ou patológica ou qui-xotesca do afeto; é aquela forma congestional que arrebata o adolescente por entre as nuvens luminosas da adoração platônica, onde Dante viu passar Beatriz “benignamente d’umiltá vestita”, ou então é o dilacerante martírio de Leopardi, é o suicídio, é o crime dos incontáveis desconhecidos, quando não é a dissimulação de altos sentimentos, a profanação de uma nobre loucura em comedia vulgar, que visa a conquista de um corpo, de um dote, de uma posição social. Querer bem é a forma fisiológica normal, comum do afeto. Querer bem está entre os 20 e os 80 graus centígrados do termómetro do amor; mais para baixo, é o capricho, a preferência de um dia, de uma hora talvez que — leve e gentil — chega, beija e passa; mais para cima é a loucura sublime ou a estupidez ridícula. Querer bem é a feliz e apetitosa mistura de volúpia, de sentimento e de inteligência, em proporções que variam segundo as pessoas que se querem bem. Concluindo: “Querer bem” parece-nos o suficiente para a felicidade efetiva da espécie humana”.

Terminando a conferência, inclinou a cabeça numa ligeira vênia e retirou-se da mesa. Escassas palmas se fizeram ouvir no salão obscurecido pelo fumo dos cigarros, dos charutos baratos, até mesmo dos cachimbos. A sala estava tomada por espectadores rudes, saídos das mais humildes profissões. Os homens conservavam o chapéu na cabeça, discutiam, pitavam com ânsia, tudo isso calculadamente, para que a reunião não se parecesse com as da sociedade. As mulheres, vestidas de sarja verde e colete de veludo, tinham atirado para o alto da cabeça as franjas da "veleta" que, ordinariamente, lhes sombreava os olhos de treva úmida.

Ao descer do estrado, o conferencista encontrou diversas pessoas, umas para felicitá-lo, outras para cobri-lo de amargas críticas. Acolhia-as sorridente, com a mesma fleugma. No fundo, havia em tudo aquilo uma grande melancolia.

Há mais de cinquenta anos, esta cena era comum na Casa do Povo, em Milão. Suas portas estavam sempre abertas a quem quisesse expôr um pensamento à crítica de centenas de ouvintes, filiados às correntes mais em voga na época. Cardias, que nessa noite havia subido à tribuna para expôr o seu ponto de vista filosófico, era um belo tipo de intelectual, ainda na casa dos vinte. Seu nome já era conhecido no meio.

Nascera em Pisa, ali por 1860, de uma família de músicos. Ele próprio, se o quizesse, teria feito carreira como "virtuoso" do piano. No entanto, talvez por força das preocupações que desde muito cedo o atormentavam, encaminhou-se para os estudos práticos, chegando mesmo a formar-se em Agronomia. De posse do diploma, dedicára-se às preocupações filosó-

ficas e ao jornalismo. Em Bréscia, fundou e dirigia um periódico cujo programa estava no título: "Lo Sperimentale". Aplicava na sociologia nascente o processo utilizado pelas outras ciências. Propunha-se estudar as relações entre os homens com a mesma segurança com que penetrava na vida íntima das espécies vegetais. Os mais ortodoxos criticavam-no acerbamente...

Quando ia a Milão, hospedava-se em casa de um parente, o maestro Rossi, professor do Conservatório. O velho tinha um fraco pelo rapaz. Tratava-o bem, ouvia-lhe as longas dissertações, mas incluía-o na conta dos malucos. Daí o bom sorriso com que o via nas raras vezes em que esse prazer lhe era dado. É que Cardias não esquentava lugar. Hospedado no "vilino" de Corso Sempione, passava os dias e as noites na cidade; visitava amigos, frequentava as redações dos periódicos românticos, nas "soffite" de Via Madonina, perambulava ao longo do "naviglio" e, à noite, era certo encontrá-lo na atmosfera fumarenta da Casa do Povo.

Como dissemos, naquela noite de primavera êle também se abalançara a fazer uma conferência sobre o tema que mais o atraía: o Amor. A assistência era a de sempre: ferroviários, sapateiros, tecelões, cigareiros, cocheiros, operários da iluminação, limpadores de chaminés, vendedores de hortaliças no "verzière". Estavam mais ou menos filiados às diversas correntes socialistas da época. Orgulhosos com o desabrochar de uma primeira idéia, tornavam-se irreduzíveis, desconfiados, por vezes truculentos. Aquela figura de artista, cabelos revoltos, chapéu de abas largas, mãos finas e brancas, era apenas tolerada no seu meio. Depois, as suas idéias sobre o amor, crian-

do problemas em que a maioria só encontrava um acidente da organização social, acabou por concorrer para a sua desestima. Poucos acompanharam Cardias na sua inquietação. Alguns camaradas foram ao encontro do conferencista e lhe fizeram perguntas. Tinham apreendido o pensamento nas suas linhas gerais, desejavam detalhes. O rapaz, ali mesmo, cercado de homens e mulheres, em cujas fisionomias se estampavam contraditórios sentimentos, teve, por assim dizer, de improvisar nova conferência.

Foi um dos últimos a sair da Casa do Povo.

A noite estava clara, os ares frescos, as ruas silentes. Um cheiro de jardins orvalhados deliciou-o. Os casarões iguais, de cinco andares, enfileiravam-se à sua frente, de um lado e de outro. As vezes, uma janela iluminada. Uma vigília. Amor? Estudo? Trabalho? Agonia? Ah! o mistério das janelas iluminadas a horas mortas! Músicas perdidas pelas cantinas, sombras oscilantes de "carabiniéri" caminhando dois a dois, de mãos para trás, nos bairros de má nota.

Os bastiões estavam adormecidos. Os lampeões pareciam equilibrar os halos luminosos. As velhas árvores, de folhagem fina, permaneciam imóveis. Nenhuma aragem, nenhum pássaro acordado. Adiante, nas proximidades de Porta Venezia, uma voz feminina se fez ouvir na sombra, chamando-o. Ele aproximou-se e segurou-lhe a mãozinha magra:

— Que tens?

A mulher riu sem responder. Ele esvaiou a bolsa nas suas mãos. E a pobre, escondida na sombra, repetiu o chamado, mas o notambulo já não podia ouvi-la, ia longe, perdido nas suas meditações. Entrou pelo Corso, chegou à praça. O Duomo ao luar era

uma nuvem branca, feita de pedra, pousada sobre a terra. Ali pelas imediações havia algum movimento. Carros de aluguel seguiam a passo, à espera de fregueses. Grupos saídos das caixas dos teatros e das confeitarias boêmias, conversavam pelas esquinas. De quando em quando, reforçando argumentos, garganteavam trechos de ópera. Outros contavam anedotas. As mulheres afogavam o pescoço em peles caras.

Viu-se em Via San Pietro All'Orto. Era uma rua estreita e velha, ladeada de casas de três andares. Alguns portões ainda estavam abertos; de passagem, lobrigou os "cortile" escuros e desertos com a lampada fumarenta nas embocaduras das escadas que grimpavam para os sobrados.

Distraído, esbarrou em outro distraído, que saía de casa. Era um homem de sobretudo, cabeleira, chapéu pequeno e redondo, uma ponta de charuto esquecida no canto da boca. Morava ali. Ao entrar, porém, deu pela falta de charutos e pusera a mastigar queixas contra a memória.

— Bôa noite, Gomes!

O homem voltou-se.

— Ah! É você... Bôa noite!

Era um grande músico brasileiro. Já se tinham encontrado várias vezes no "vilino" de Corso Sempione. Começara por escrever uma ópera-cômica com o nome de "Si sá minga..." em dialeto milanês, que obteve êxito no Dal Verme. A seguir compôs uma ópera de valor e a Itália inteira cantava sua canção "Una piccirella..." Mais tarde, "Il Guarany" lhe dava renome universal. E, naquele momento, contava êle, entregava-se de corpo e alma à partitura de "Lo Schiavo". Andando, confidenciou a Cardias que tinha o hábito de trabalhar à noite, quando a cidade



estava adormecida. Tinha ido para casa com tal propósito... mas esquecera os charutos toscanos e não sabia produzir sem a "mucchia" no canto da boca...

Seguiram juntos em direção ao Corso, onde havia um estanco. Iam a passos lentos, conversando. Gomes entrou de falar da sua ópera, da sua terra.

— Pedro II está doente, vem aí. Já foram tomados aposentos no Hotel de Milão para s. majestade e a escassa comitiva. E' um rei sábio, um pai para o nosso povo, as grandes personalidades da Europa o estimam e admiram-no. Vitor Hugo chamou-o de "neto de Marco Aurélio". É o amigo dos inventores, dos músicos e dos poetas. Nós, artistas brasileiros de Milão, vamos oferecer-lhe um concerto.

Cardias não tinha o menor entusiasmo pela grandeza dos reis.

Mas Gomes continuou:

— Talvez eu execute um trecho da minha ópera, em primeira mão... Parou diante do amigo e, brandindo a bengala, batendo um pé, pôs-se a reger uma imaginária orquestra.

Depois, caiu em si, sentiu-se vexado pelo entusiasmo e quis explicar aquilo:

— Vocês aqui, prisioneiros das cidades, das ruas que parecem prateleiras de estante, das casas que lembram sarcófagos, não podem fazer idéia da minha terra! É grande como um mundo. A Europa inteira caberia lá dentro. Cortam-na imensos rios. Cobrem-na florestas onde homem civilizado jamais pisou. Essas florestas são harmoniosas pelas vozes dos ventos, das águas, dos animais, das aves e dos insetos. Há quedas de águas cujo nevoeiro escurece o dia. E o sol é ardente, vivo, como uma chama! E a lua é

clara, transparente, prateando as árvores, as casas e os caminhos.

Gomes, falando da pátria, se transfigurava. Mas o espírito de Cárrias, diante daquela descrição, já havia eriado asas. E se esse "neto de Marco Aurelio" quisesse interessar-se pelo seu grande sonho... No periódico "Lo Sperimentale" ele havia escrito uma utopia à moda do tempo, que, logo depois, aparecera em folheto. Tratava-se de uma colônia de filósofos ácratas. Sua idéia era realizar de fato essa colônia, já não à beira mar, como havia escrito, mas no Uruguai. No entanto, as lutas entre "blancos" e "colorados" se eternizavam. Sua imaginação voltava-se agora para essa terra admirável de que o músico falava com tanto entusiasmo, onde as divisas eram os horizontes e os homens ainda guardavam na alma um pouco da pureza das selvas pré-colombianas.

Chegando ao Corso, o músico se pôs a correr em direção da "réggia privativa" que estava fechando as portas e ainda conseguiu um punhado de charutos. Cárrias fez-lhe um vago sinal de despedida e tomou o comprido caminho que devia levá-lo ao Corso Sempione, do outro lado da cidade.

A casa do professor Rossi estava dissimulada na neblina. Do jardim subia uma umidade cheirosa. Ao primeiro sinal, o criado abriu-lhe a porta, levando-o ao quarto, onde acendeu as luzes. O moço despiu-se vagarosamente e deitou-se, preocupado com uma idéia. Abriu um livro de cabeceira para depois fechar. Logo em seguida abriu outro. E outro.

Sem poder conciliar o sono, saltou da cama, sentou-se à escrivaninha, escolheu um papel velino, quadrado, e começou a escrever comprida carta. Levantou-se, andou de um lado para outro, repetiu baixi-



nho determinadas frases. Falava consigo mesmo, ensaiando argumentos. Terminado o trabalho, leu-o. Hesitou. Fechou o sobrelenho, depois sorriu... Deu de ombros. Foi buscar um envelope, molhou a pena no tinteiro e ficou a pensar nas dificuldades do endereço. Por fim, afoitamente, na sua melhor caligrafia, desenhou duas linhas sobre o envelope; "Alla Sua Maestá Dom Pietro II — Magnanimo Imperatore del Brasile".

Fechou a carta e deixou-a encostada ao castiçal. A seguir, apagou as luzes e deitou-se, cobrindo a cabeça para poder dormir. Como se isso não bastasse, encolheu-se todo. Virou para o canto... É que a primeira claridade da manhã já batia nos vidros da janela. Fora, os carros passavam à disparada, os sinos cantavam nas torres, os vendedores ambulantes se esguelavam diante dos portões do "vilino". A cidade acordava precisamente na hora em que êle, o filósofo, o poeta, se dispunha a dormir...

## II

## O FILÓSOFO E O IMPERADOR

A carta ficou esquecida na escrivania durante alguns dias. Só saíu dali quando os jornais noticiaram, com alegria, a chegada de S. Majestade o Imperador do Brasil. O filósofo correu ao Corso Sempione, pegou o envelope, meteu-o cuidadosamente no bolso e dirigiu-se ao Hotel Milão. Não esperava ser imeditamente recebido, contentar-se-ia nessa primeira visita em saber as formalidades a que teria de submeter-se para ser recebido por Sua Majestade. Caminhando, imaginou o hotel tomado militarmente, bandas de música, bandeiras e guirlandas... Nada disso. Chegou mesmo a duvidar das informações dos jornais. Subindo a escada, perguntou a um criado que descia:

— O Imperador do Brasil está hospedado aqui?

— Está. No segundo andar.

Subiu e esperou; outro criado veio atendê-lo.

— Quero falar a alguém da comitiva do Imperador.

Dois minutos depois, apareceu um senhor alto, de sóbria elegancia, que acolhedoramente se pôs à sua disposição.

— Sou o médico de S. Majestade.

Cárdias contou-lhe a que vinha e entregou-lhe a carta. O conde Mota Maia explicou-lhe que era hábito do Imperador receber toda gente sem grandes formalidades, mas que, justamente naquela ocasião, as audiências se haviam tornado mais difíceis, não por vontade do Imperador, mas a conselho dos médicos; S. Majestade viajava por doente. No entanto, ia mostrar-lhe a carta em momento oportuno e estava certo de que o velho imperador a tomaria na devida consideração. Voltasse dentro de alguns dias.

Agradeceu e despediu-se. Na rua, não pôde deixar de sorrir. Afinal era a história de sempre. Não voltaria. E não pensou mais nisso. Aconteceu, porém, que, uma tarde, achou-se diante da porta do hotel, e, tomado de súbita inspiração, entrou no estabelecimento. Havia ali um vai-vem desusado. Viu o dr. Achile, de Pádua, e cumprimentou-o. Este explicou-lhe logo: o Imperador fora atacado de uma infecção da pleura e naquele momento ia sair, em maca, para Aix-les-Bains.

Contra a expectativa de muitos, o Imperador, ainda daquela vez, recuperou a saúde. Mas não era homem que se submetesse à vontade dos médicos. O próprio conde de Mota Maia teve de apelar para a Princesa Isabel, solicitando-lhe os seus conselhos, afinal de que seu ilustre pai não se desmandasse em viagens e visitas. Mas tudo foi baldado. Logo depois, voltava êle a Paris, ao seu mundo de cientistas, filósofos e poetas...

Visitou as escolas, as grandes livrarias e os humildes alfarrabistas do cais Malaquais. Êle, de impecável roupa preta e vastas barbas brancas, mais parecia um professor de Strasburgo, que um rei de

país americano. Na rua, o Imperador e o conde de Mota Maia, que geralmente o acompanhava nesses passeios, não se faziam notar entre os transeuntes, e isso lhes dava um grande prazer.

O mais culto e democrático dos monarcas daquele tempo permitia-se gastar longas horas "en bouquinant" entre estudantes e literatos inéditos, nas caixas de vendedores de livros velhos que se alinham ao longo da margem direita do Sena. Foi numa dessas inspeções que suas mãos encontraram, num monte de "in folios" a dois soldos, aquele curioso opusculo intitulado "II commune in riva al mare". Adquiriu-o num lote de obras excêntricas...

— Já li êste nome.

O conde debruçou-se sobre o folheto.

— Cárdias... Sei quem é... É um moço de Milão, que escreveu uma carta a Vossa Majestade, pedindo concessão de terras para um colônia experimental.

O Imperador lembrou-se vagamente. E nunca mais pensou naquele opúsculo.

Nunca mais, é exagêro. No seu regresso ao Brasil, num ambiente carregado, o velho monarca não perdeu os hábitos antigos de leitura e meditação. Numas dessas horas o cabuloso livrinho lhe caiu nas mãos e êle o leu de uma assentada, com a curiosidade de homem inteligente, amigo dos livros e das idéias que sempre desabrocham por aí, como flôres sem nome no canteiro espiritual da humanidade. Leu, gostou, interessou-se pelo assunto.

Era assinado por um pseudônimo: "Cárdias". Mas, na última página, em seguida a incisivo apêlo para formação de uma colônia experimental, que fosse o núcleo inicial de uma sociedade nova, vinha o

nome do autor, que era o jovem Dr. Giovanni Rossi, nascido em Pisa, redator em Bréscia de um semanário socialista intitulado "Lo Sperimentale", em que escreviam desde nihilistas até ponderados reformistas.

Naquele tempo, a palavra socialista constituía ainda uma espécie de nebulosa, dentro da qual se agitavam todas as ideologias que procuravam uma diferente expressão para as relações entre os homens. Só com os anos, graças a tumultuosos congressos, essas tendências deveriam emancipar-se, tomando em alguns casos rumos opostos. Quem se dizia socialista, sentia-se obrigado a explicar ao interlocutor em que ponto estava situado, pois a designação ainda era usada tanto para o reformismo de Turati como para o nihilismo de Bakunine, tanto para o coletivismo de Karl Marx como para o individualismo de Max Stirner, pai de Sorel, avô de fascistas, nazistas e "tutti quanti". Dizia êle: "O que tiverdes a fôrça de ser, tereis também o direito de ser". "Assiste-me o direito de fazer tudo o que tenho a fôrça de fazer". "Se alguém tiver a fôrça de arrebatrar a terra, terá direito de possuí-la; é sua". "Quero e posso, logo é justo". Quando se lêem as suas páginas compreende-se que muitos discursos de Roma e Berlim não são mais do que o eco de palavras proferidas há, precisamente, um século...

O sr. D. Pedro II não teve dúvidas. Homem excepcional, que tanto animara os sonhos de Bell e Pasteur, habituado a falar a linguagem da inteligência incompreendida, mandou que lhe escrevessem uma carta. Felicitava-o pelo trabalho e ao mesmo tempo oferecia-lhe a terra para essa colônia experimental em um Brasil longínquo, quasi lendário, onde a imen-

sidade do horizonte dá vertigens, onde ao Sul, numa província chamada Paraná, o clima é ameno, a temperatura corresponde à do sul da Europa e, certamente, a produção é igual à daquelas zonas privilegiadas. Cárdias recebeu a carta e desde aquêlê instante estabeleceu-se uma correspondência entre os dois filósofos, isto é, entre o socialista e o imperador. Logo depois, nos últimos meses da Monarquia, fundou-se a Colônia Cecília, em Palmeira, Província do Paraná.

Cárdias esperava iniciar ali um núcleo de filósofos, artistas e poetas, tirando da terra, mediante escasso trabalho, o necessário para a subsistência. Mortos a propriedade, o compromisso, a sanção, o preconceito, imaginou uma colônia de trabalho livre, de amor livre, de vida livre.

Seria uma humanidade nua, à claridade do bosque. Sim, nua. Sem o hábito de vestir-se, aceito por grande número. Dizemos grande número, porque apenas 500 milhões de homens se vestem completamente, como nós outros; 750 milhões se contentam com uma simples tanga e 250 milhões andam inteiramente nus, por onde se vê que nós, os de civilização vestida, não podemos invocar a nosso favor nem ao menos a desculpa de sermos a maioria... Também não seguimos o hábito mais antigo, porque o homem nú é anterior ao homem vestido. E, para completar esse pensamento, adiantamos que o pudor subentendido geralmente pelas vestes não é sentimento inato, visto que as crianças só chegam a senti-lo depois de longa educação. Ainda mais, as raças que não se vestem experimentam à vista da indumentária o mesmo sentimento de vergonha que um homem de civilização vestida manifesta ao ser apanhado em flagrante de nudez. Uma bugra de



"soutien gorge" fugiria envergonhada para o mato; um congolês, surpreendido de casaca, morreria de vergonha. Há um pudor para a China e outro para a Turquia, um para o Japão e outro para a América do Norte. Melhor: em nossa terra, como nas demais, há um pudor para o salão e outro para as praias. A moda é regulada pelos interesses da Associação Internacional dos Fabricantes de Tecidos.

Entre outras coisas, a Colônia Cecília deveria ser precursora dos formosos oásis nos quais vive feliz uma população que se rebelou inteira ou em parte contra o "hábito imoral de cobrir a nudez com pedaços de pano".

Até 1930, como os outros apóstolos, os da vida natural eram perseguidos. Muitas pessoas ainda se lembrarão de ter lido telegramas na imprensa falando de diligências policiais nos bosques da Alemanha, Suíça, França, Itália e outras terras, nas quais eram presos muitos homens, mulheres e crianças que se haviam insurgido contra a vida dos centros urbanos, mergulhando nas escassas florestas desses países, afim de viverem de acôrdo com a lei da natureza. Em poucos anos a idéia venceu, tornou-se "legal" e o mundo já conta numerosos núcleos de pessoas que vivem e trabalham expostas ao ar e ao sol.

Dizia São Paulo que para as almas puras todas as coisas são puras. Só os corrompidos poderão achar que a nudez, por si mesma, é imoral.

Os argumentos de Cárdis eram singelos. Dizia êle que o homem é um animal preguiçoso por instinto. Daí o desejo de tirá-lo do meio em que vive, dando-lhe cenário natural de árvores, de campos, de plantações fáceis, onde possa fazer tudo

que desejar, principalmente não fazer nada que não desejar. A vida primitiva. Simples e fácil. Sem cansaço, sem preconceitos, sem sanções. E com amor. Sim, com o Amor. Esses homens tocados pela nova filosofia deveriam fugir às populações das cidades velhas, onde a vida tem um ranço característico, e estabelecer-se em núcleos perdidos nos campos de outros continentes. Homens e mulheres. Nenhuma barreira para o amor, a não ser a vontade de cada um. E esse sonho encontrou uma humanidade cansada, triste, que acreditou nele, não porque fosse lógico, mas porque era doce acreditar. Um pouco de trabalho e longas horas de amor. Era só estender o braço amorosamente e, das sombras das palmeiras, saíam as mulheres amadas. Canções, idílios, as artes cultivadas ao infinito.

O filósofo "viu" no horizonte a floresta harmoniosa, aquela de que o músico lhe falara uma noite, no silêncio da rua San Pietro All Orto. Árvores velhas como o mundo. Suas franças se diluíam no azul, ressoantes de aves e de insetos. Em baixo, a relva macia, pontilhada de corolas. Miríades de borboletas de todas as côres dansavam loucamente ao redor das moitas. E sôbre êsse quadro havia um céu azul puríssimo, um sol cálido, apetecível como uma carícia...

Nessa terra de sonho viveria uma gente feliz. Passaria uma parte da manhã entregue ao amanhã da terra, afim de tirar o necessário para a existência frugal. O resto do dia seria consagrado ao descanso, à cultura das artes e das ciências, ao amor e à educação dos filhos da coletividade. A mulher seria livre, não para ser de todos, mas afinal, para ser de quem ela própria escolhesse. Em tórno



dela, o estímulo de todas as horas. Uns, entregando-se aos esportes, outros às dansas, outros ainda ao apuro do gôsto nas palavras e nas emoções. Onde não há a coação econômica, o amor é logo transformado numa flor muito alta, que obriga a subir para colher!

## III

## OS PIONEIROS

No dia 20 de Fevereiro de 1890 zarpou de Gênova o vapor "Cittá di Roma", conduzindo na proa alguns homens e uma mulher que se destinavam ao Brasil, afim de aqui fundar uma colônia socialista experimental.

O "Cittá di Roma" era da Companhia de Navegação Italo-Brasileira e, segundo os anúncios que se liam nos jornais daquela época, "fazia serviço postal e comercial entre Lisboa, Marselha, Gênova e o Rio da Prata". Era seu comandante o capitão Tiscornia, de longo curso. Apesar de navio postal, como se depreende das publicações do agente em Santos e São Paulo, sr. Domenico Levrero, durante o segundo semestre de 1889 parece que só passou uma vez pelo nosso pôrto, com destino à Europa. Assim mesmo, com a partida anunciada para o dia 5 de Dezembro, só chegou a Santos a 9 ou 10 do mesmo mês, de onde partiu, ao que se lê no movimento marítimo publicado nos jornais, no dia 13, o que demonstra uma certa irregularidade nos seus serviços.

Foi precisamente na viagem seguinte a essa (e da qual não conseguimos notícias) que embarcaram em Gênova os pioneiros da futura colônia.

Quem seriam esses abnegados pioneiros? Um conhecemos nós, o dr. Giovanni Rossi, que figura nestas páginas com o pseudônimo literário de Cár-dias. Mas há outros, muitos outros. Aí está o Gioia — “Gioia Aristide, para o servir”...

“Lo Sperimentale” era um jornal feito para meia dúzia. Apesar disso, a notícia daquela iniciativa correu mundo. Nas vésperas da partida do primeiro grupo de emigrantes, a sua redação recebeu a visita de muitos pretendentes. Eram operários das fábricas de Brescia, modestos profissionais e empregados no comércio, gente que, as mais das vezes, não estava ao par dos intúitos de tal empresa. Isso sem falar nos intelectuais, sempre dispostos a partir, partir fosse para onde fosse ..

Uma dessas visitas interessou particularmente a Cár-dias. Era um velhote pálido, estufado por longa vida sedentária. Ao primeiro olhar, parecia bem posto, roupa lustrosa mas escovada, vincada, boti-nas espelhantes, punhos, colarinhos e peito postiço ainda com o anil da lavadeira, “plastron” impecá-vel, uma flor murcha a alegrar-lhe a lapela. Era meticuloso nos gestos e nas palavras. Sabia pegar convenientemente no castão da bengala, dizer frases bonitinhas e, naquele humilde escritório, onde homens desabusados sentavam nas pontas das mesas, procedia como se estivesse no âmbito de uma repartição pública. Apresentou-se assim:

— Li o seu jornal. Interessei-me por essa colônia. Vim dizer que estou disposto a acompanhá-los.

Cár-dias, que atentamente o estudava, não pôde deixar de sorrir.

— Meu caro... Esta aventura é para uma dú-zia de idealistas endurecidos na luta, dispostos a realizar uma grande experiência social, nunca para pessoas como o senhor, que me parece enquadrado no seu tempo, satisfeito consigo mesmo e com os que o cercam.

O intruso passava nervosamente a mão pelo quei-xo azulado:

— Deixe-me falar de mim mesmo. Estou cansado disto. Ontem tentei suicidar-me, mas a corda era barata e rebentou. Então saí de casa disposto a tomar outro caminho. Quero ir para a América, para a África, para o fim do mundo; quero encontrar qualquer coisa de novo. Não faz mal que seja pior; o essencial é que seja diferente...

— Como se chama?

— Gioia.

— O senhor me parece triste demais para chamar-se Alegria!

— Gioia Aristide, para o servir. Sou toscano como o senhor. Há trinta e tantos anos que trabalho num escritório. Levanto, visto o roupão, calço as chinelas, vou para o banheiro. Mas o banheiro está sempre ocupado. Depois de altercar com a moça magra que trabalha na perfumaria, ou com o moço de cabeleira que há vinte anos conheço como estudante, chega a minha vez. Mas nessa altura o relógio assinala as sete e meia e eu sou obrigado a fazer, às pressas, a colação. Vejo diariamente as mesmas caras deprimentes, ouço as mesmas conversas, os mesmos prognósticos, as mesmas queixas. Na rua vou encontrando as mesmas caras do costume. Não

há mudança em nada, nem sequer nos padres e nos mendigos. Chego ao escritório. Só a vista daquela casa me deixa doente. Olhe como eu fico arripiado ao lembrar-me daquela porta, do corredor, da sala, dos livros grossos, das confidências e das gracinhas dos que trabalham ao meu lado. E o chefe? Usa óculos redondos dêste tamanho, fixa-os sôbre mim durante todo o trabalho; se me distraio num pensamento, êle toma uma notinha discreta num bloco de papel. Espiona-me. Enche de calúnias o ouvido do patrão. Este, quando me vê, fica abstrato; tenho a impressão de que êle pergunta aos seus botões: "Que faz a angina-pectoris que não estrangula este velhaco?"... E o gerente? E aquele maldito relógio que intervêm na vida da gente, como se fosse o patrão, o patrão de todos, o patrão do patrão? Veja como eu fico! — e passava as mãos palidas pelo crânio úmido, que aparecia debaixo do cabelo ralo, côr de aniagem.

Cárdias pensava. Como convencer àquele neurastênico de que a Colônia Cecília não era uma estação de cura? Arriscou uma frase:

— Mas o seu caso não é o nosso, é um caso mais simples; mais comum. Porque não experimenta uma estação de repouso nas montanhas? Agora, na Primavera, a altitude e o descanso lhe farão muito bem.

O homem se pôs a rir, a rir nervosamente.

— Altitude? Repouso? Boa pilheria! Mas eu sou um mendigo em traje de baile. Ganho para viver, vivo para trabalhar. Veja isto. (Levantou a perna e mostrou que as botinas espelhantes já quasi não tinham sola; o pé encostava no chão). E isto... (O colarinho, os punhos e peito postiços, de uma brancura anilada, eram de celuloide). Ganho uma mi-

séria, sem a mais leve esperança de aumento. Ao contrário, com a velhice que se aproxima, ameaçam-me com o olho da rua. Moro num quarto de ínfima classe, com mais dois companheiros. Entro muito tarde e saio muito cedo, para que não vejam o mecanismo da minha elegância. Um dos meus sócios no quarto chega bêbado às sextas feiras e domingos, pela madrugada. Às sextas feiras contenta-se em azeitar o revólver, apontando o cano para os que dormem; aos domingos, vai mais longe, lava o quarto com uma mistura de vinho e grão de bico. O outro é mais quieto, no entanto sonha, e quando sonha fala. Alta noite, escuto-o a rilhar os dentes e a dizer impropérios contra uma pobre Teresina, que êle conheceu na terra natal... E a comida da pensão? Sei com três meses de antecedência o "menu" que me será oferecido em determinado dia do ano. O mundo para mim já tem o cheiro daquelas costeletas queimadas. Li algures que de sete em sete anos o homem se refaz completamente, torna-se aquilo que comeu e bebeu. Repare em mim; eu já não sou um homem, sou uma costela ambulante...

Cárdias começava a aborrecer-se. Êle continuou:

— Sei o que o senhor está pensando. Está dizendo lá consigo que eu poderia pautar a vida de acôrdo com os vencimentos. Poderia ter-me casado, como toda gente. Mas tudo isso é impossível. Ganho menos do que um carregador de estação e tenho de apresentar-me daquela maneira a que os meus chefes chamam de "decente". Daí esta amargura acumulada durante trinta e tantos anos. Estou cansado. Sou uma bexiga de fel. Ou embarco com os pioneiros, ou estouro numa esquina...



Cárdias mostrou-se inflexível. O visitante saiu cheio de medidas, mas triste, muito triste. Grande, pois, foi a sua surpresa quando no dia da partida do "Gittá di Roma", os emigrantes foram encontrá-lo na prôa, de "cachenez", luvas esgarçadas e um sobretudo no fio, de gola muito encebada. Tinha estendido o lenço branco sobre um monte de correntes e ali se sentara, com alarmante serenidade. A princípio Cárdias não quis reconhecê-lo, temeroso de avir-se com um doido. Três dias depois o homenzinho ainda lá estava na mesma atitude. Na semana seguinte ainda lá continuava, indiferente a tudo, os olhos tristes fixados na ponta do nariz. Então o filósofo condeu-se e foi falar-lhe:

— Parece que o conheço...

— Eu sou o Gioia. Gioia Aristide, para o servir.

— Vai viajar?

— Vou consigo.

— Ao menos sabe o que o espera?

— Não importa.

— E se não for melhor?

— Será melhor...

— Mas porque melhor?

— Porque não pode ser pior.

Cárdias coçou a cabeça. Que fazer com aquele teimoso? Então, tirou um livrinho do bolso, o opúsculo que publicára meses antes e deu-lhe:

— Nosso programa está mais ou menos resumido neste trabalho. Procure enfronhar-se nele.

Gioia tomou do livro e, sempre naquele lugar chovesse ou fizesse sol, permaneceu de olhos grudados nas suas páginas. Estaria mesmo a ler? Quem

sabe lá... Chegou-se ao Equador. A temperatura começou a subir. E êle, de sobretudo e de "cachenez", no seu posto. E de luvas escarapeladas nas pontas dos dedos. Lendo sempre. Devia ser louco. Na verdade, o Gioia era triste aquisição para uma colônia que ia servir de experiência para uma sociedade nova. A princípio a sua figura estranha despertara curiosidade entre os passageiros, sempre ávidos de interessar-se por qualquer coisa. Depois, cansaram-se de observá-lo. Tôda gente já o conhecia. Os companheiros submeteram-se à sua presença e começaram a tratá-lo com carinho. Mas êle não queria falar. Uma palavra ou outra. Não queria aborrecer-se, nem aborrecer a ninguém.

Os pioneiros eram intelectuais, professores, médicos, engenheiros, ou operários de Milão e camponeses da região lombarda, afeitos ao amanho de uma terra há milênios cultivada e ao trato das pereiras, dos trigais e dos campos de beterraba. Mas não iam além dessas culturas. Havia também dois homens a quem o cronista se refere individualmente nos seus relatórios: um velho abúlico — svogliato — com quem não se poderia contar para coisa alguma, e um sujeito baixo, espesso, de testa fugidia e braços que batiam para baixo dos joelhos. Forte, alegre e brincalhão. Chamavam-no de Ciccio. Era uma dessas conversões feitas no cárcere, nos dias amargos em que os presos políticos eram atirados para as cadeias atulhadas de criminosos comuns.

Ciccio, tendo cumprido longa pena por crime de morte e frequentes reclusões por furtos e roubos, aderira ao anarquismo e pusera ao serviço desse ideal a energia que até aquêle momento havia empregado no crime. Fôra dos primeiros a atender



ao apêlo publicado em alguns semanários, contribuindo para isso com uma soma que levava meses a ganhar como amassador de uma padaria do curso Loreto. Sentia-se nele a ânsia por uma vida nova e limpa, numa sociedade diferente. Sua dedicação à causa era profunda. Não tomava resoluções com medo de errar, mas sempre que lhe mostravam o caminho, ia até o fim, custasse o que custasse. "Era — escreve Cárrias — o mais hábil, o mais forte, o mais voluntarioso trabalhador do grupo". A única mulher que viera com os pioneiros parece ter-se limitado a seguir o companheiro; era simples, suave, não deixou traços de sua passagem pela colônia. Durante um ano, ela, sentada à porta da cabana, contava e recontava, avaramente, os minguados haveres da coletividade. Era a caixa da colônia. Ela, que tinha pelo dinheiro a mais gélida indiferença!

## IV

## A COLÔNIA

Teriam eles desembarcado em Santos, fazendo transbôrdio para algum navio costeiro que os conduziu a Paranaguá? Ou ainda — o que é pouco provável — o "Cittá di Roma" teria tocado em pôrto paranaense para ali deixar os passageiros que trazia da Itália? Paranaguá não era pôrto da sua escala habitual, mas o mesmo se poderia dizer relativamente a Santos, onde tocou diversas vezes sem, contudo, figurar no itinerário anunciado.

De um modo ou de outro, aquêles viajantes, cujos escassos recursos haviam sido obtidos mediante subscrição aberta nos periódicos libertários, entre os seus leitores, conseguiram chegar a Ponta Grossa. Depois de curta demora para os preparativos necessários ao empreendimento, se transportaram para Palmeira, com suas trouxas e instrumentos de lavoura.

Não eram os primeiros imigrantes europeus. As colônias estavam em moda. Umias morriam, outras vingavam. Ali por 1877, havia começado para aquela mesma região uma corrente imigratória dos alemães do Volga. Eram teutos que se haviam fixa-



do, na segunda metade do século XVIII, na Rússia, onde se constituíram num grande núcleo, e, graças a certos privilégios que o governo imperial lhes concedeu, conseguiram conservar a língua e muitos dos seus costumes. Esses teuto-russos — conta-nos o professor Emilio Willelm — trouxeram para o Brasil uma instituição rural a que chamavam de "Mir". Nesse regime sómente a comunidade possui terras. Tôda pessoa masculina participa, em proporções iguais, da terra para usufruto temporário. De dez em dez anos ou de doze em doze anos, as terras são medidas e repartidas de novo, mediante sorteio. Nessa remedição os usufrutuários falecidos não são contemplados e o seu lugar é ocupado pelos filhos nascidos durante tal período. Ninguém pode ingressar por compra na participação da propriedade; somente os descendentes dos primitivos usufrutuários podem tomar parte na redistribuição. Apenas a comunidade está em contato com o Estado. Este sistema deveria vigorar até 1906.

Mas voltemos aos passageiros do "Cittá di Roma". Sua chegada àquelas terras se deu nos primeiros dias de Abril.

A data de terras que lhes havia sido doada pelo extinto govêrno do sr. D. Pedro II ficava situada entre Palmeira e Santa Bárbara. Eram terrenos absolutamente incultos e desertos; pradaria empolada de colinas, cercada de bosques, numa altitude elevadíssima sôbre o nível do mar.

O comprido carretão de quatro rodas, como se usava em regiões de pinheirais, ajustado para o transporte, deixou-os em meio dos campos, à beira de um córrego esperto, sombreado de arbustos. E o carroceiro, um teuto côr de ferrugem, com olhos muito azuis,

depois de receber a importância combinada, regressou a Ponta Grossa sem olhar para tras. Naturalmente, em caminho, pensando naquela gente que havia ficado ao sol da campanha, teve um sorriso de incredulidade pelo êxito que a esperava. Aquêles homens e a mulher haviam chegado de um modo diferente do habitual e, segundo se falava em certas rodas, pretendiam realizar uma empresa estranha cuja importância êle, o pobre carreiro teuto, tisonado pelo sol da campanha, não compreendia muito bem.

Durante alguns dias, tanto em Ponta Grossa como nas localidades próximas de Palmeira e Santa Bárbara, a chegada dos viajantes foi assunto de conversas, — tendo algumas pessoas manifestado um certo temor pela sua presença. Houve até quem os confundisse com ciganos, dêsses que, à porta dos ranchos, soldam panelas furadas, tiram “buena dicha” e, quando podem, fazem mão baixa nas galinhas que encontram pelas estradas. Formou-se, portanto, ao redor dos pioneiros da Colônia Cecília, um ambiente que não era dos mais simpáticos, embora não oferecesse perigo para eles, pois os paranaenses são de natural muito pacíficos e a sua hospitalidade não tem limites. Mesmo que fossem ciganos, alí estavam, eram portanto bemvindos.

Gioia fôra o primeiro a saltar do carretão. Ajudou os demais a descarregar a bagagem e quando o veículo partiu, êle se transfigurou...

— De quem é isto?

— De ninguém. São terras que nos foram concedidas para a fundação da Colônia.

— Mas há de haver um dono.

— Não há. Não reconhecemos a propriedade privada.

— Quem é o chefe?

— Também não temos chefe.

— É impossível!

— Nós pretendemos provar, precisamente, que isso é possível, ou melhor, que isso é o natural.

— Então eu posso fazer o que quiser?

— Pode.

— Viver como desejo?

— Aqui estamos precisamente para isso.

Ele se pôs a rir, com riso de criança travessa. A fisionomia se lhe tornou resplandecente. Mas ainda não podia acreditar. Como para tirar a prova, perguntou:

— E se eu quiser andar nú?

— Será uma prova de inteligência...

Então, observando na cara dos circunstantes os efeitos da sua afoiteza, começou a despir-se. Tirou o “cache-nez”, o sobretudo, o chapéu e atirou-os às ervas. Ninguém se moveu para apanhá-los. Animado, descalçou as botinas e atirou-as ao córrego. A seguir, os punhos, o colarinho, o peito postigo, a gravata, a camisa. Observavam-no com seriedade, sem protesto. Então, levou ao fim a sua iniciativa: despiu-se completamente e, nú como um grego, sentiu-se criança, absolutamente feliz. Abraçou as árvores, rolou nas ervas, acariciou a terra negra do chão, onde marinavam as formiguinhas, os besouros, os mil insetos desconhecidos; deu saltos, virou cambalhotas, e, por último, inteiramente bêbado de alegria e de liberdade, meteu-se pelo riacho. A água subiu-lhe até aos joelhos, até à cintura... Um



ramo descia até a flôr da corrente. Segurou no ramo, mergulhou com êle, levantou-se, ganhou a outra margem, a rir, a rir como uma criança, e, sem dar atenção aos companheiros, barafustou pela capoeira brava. Ainda ouviram as suas exclamações de júbilo. Depois nada.

Alguns companheiros andaram à noite pelo mato, a chamá-lo pelo nome:

— Gioia! Gioia!

Era como se gritassem: Alegria! Alegria!

Três dias depois passou pela colônia, a correr no encalço de uma grande borboleta azul. Os trabalhadores da estrada do govêrno, em suas conversas, faziam referencias a um gênio da planície que, de quando em quando, atravessava os campos, subia às árvores, virava cambalhotas nas ervas frescas. Era um louco. De uma loucura mansa e lírica que não causava mal a ninguém.

\*  
\*   \*  
\*

Sós, como abandonados no campo, os imigrantes tiveram de tomar imediatamente uma iniciativa, fosse ela qual fosse. Mas qual? E, sentados nas suas trouxas, à beira do córrego, ficaram a discutir, sem que nenhum deles quisesse nem de longe fazer prevalecer a sua opinião. E quando o sol entrou de descer entre os pinheirais longínquos, ainda discutiam entre si. Felizmente uma lua admirável começou a subir em plena tarde, do outro lado do horizonte, ainda muito diáfana, anunciando já uma das noites luminosas que são tão frequentes naquela região de céu puro e ares limpos.

Essa gente, como dissemos, encontrava-se de um momento para outro em plena campanha, diante da bagagem e da ferramenta, na iminência de passar a noite ao relento. Após a longa discussão ficou resolvido construir-se um rancho provisório, onde se recolhessem para fugir à intempérie. Então, Cárdias com Ciccio, o atleta fugido da prisão, e mais um homem do grupo dirigiram-se a Santa Bárbara, cujos telhados de zinco se viam à distância. E aí, com os últimos recursos da subscrição, compraram tábuas, folhas de zinco, pregos e demais materiais necessários, trazendo tudô num carro.

Quando regressaram à beira do riacho, onde os companheiros haviam ficado, ouviram sinos distantes, Ave-Marias.

A lua aparecia mais alta e mais brilhante. E junto à única palmeira daquelas redondezas havia uma cena muito animada: um homem, o mais jovem do grupo, esforçava-se por subir pelo caule, mas todas as vezes que chegava a uma altura de duas braças escorregava até o chão, entre gritos e risadas dos companheiros. Mas depois de amarrar uma corda no tronco, de modo a servir de descanso, já no fim da subida, conseguiu atingir as palmas e realizar o seu intento. Tirou da cintura uma bandeira negra e vermelha, com listas longitudinais, e arvou-a lá em cima, desfraldando-a aos ventos da tarde. Depois, escorregou pelo caule e veio amontoar-se no chão, entre gritos e risadas. Era aquela a bandeira da colônia, que simbolizava nas côres as tendências sociais reunidas no seu programa.

Os homens haviam iniciado a toda pressa a construção do rancho provisório. Enquanto todos trabalhavam nessa obra, o velho abúlico, que se cha-

mava Piero, acendeu uma fogueira, embrulhou-se na manta e acocorou-se ao pé das brazas, com ar feliz. Ciccio perguntou-lhe:

— Não ajudas, Piero?

— Não. Estou cansado de obedecer; passei a vida inteira obedecendo. Aqui eu faço o que quero, não faço o que não quero.

Outra vez, Cárdias ouviu este diálogo:

— Antônio, eu ainda não sei carpir e preciso que você me ensine...

— Não ensino a ninguém. Aqui cada um carpe como quer. Na anarquia não se ensina a ninguém.

O filósofo sorriu com tristeza e lá se foi à frente, para dar o exemplo. A incompreensão de alguns doía-lhe na alma, como um crime feito não a êle, mas a todos, à humanidade de amanhã.

Era a incompreensão do grande sonho, o mal que deveria destruí-lo.

Ciccio riu-se e continuou na sua faina.

Decorreram horas e horas de trabalho, sem trégua, à luz de um luar que parecia claridade meridiana. Quando os galos de Santa Bárbara cantaram pela primeira vez, a construção já se havia tornado mais ou menos habitável; os colônos recolheram-se e procuraram dormir enrolados nas mantas. E isso não lhes foi penoso, pois a noite estava muito fresca, um silêncio cósmico convidava ao sono e o vento brando que vinha da região dos pinheirais animava as brasas da fogueira.

No dia seguinte, o sol a doirar a fimbria dos bosques, os colônos acordaram com o bater espaçado e grave de uma enxada. Era Cárdias que, madrugador, havia começado a cavar as valetas ao redor

do rancho, afim de dar escoamento às águas no caso de alguma tempestade.

Piero voltou-se para Ciccio e disse-lhe:

— Cárdias trabalha...

E o milanês:

— Má de buon, però!

Foi à porta e com viva alegria perguntou-lhe:

— Que é que você está fazendo?

— A casa de uma humanidade nova...

E continuou a bater com a enxada; mas, com o calor suave e com o suor as lunetas se lhe escorregavam teimosamente do nariz.

## A VIDA NA COLÔNIA

Certa manhã, quando os passarinhos começaram a sua granizada alegre nas árvores do terreiro, Cândias levantou-se, correu o pano de aniagem que servia para tapar a única janela do tugúrio e espiou para fora. Clareava. O céu se fazia côr de púrpura; na planície cinzenta, levemente ondulada de colinas, os pinheiros se iam adensando na distância em manchas esfumadas. Os mais próximos, na sua conformação de gigantescas taças razas, pareciam transbordar de champanha côr de rosa: era o primeiro toque de luz nas suas copas.

Tomou de um trapo branco — última lembrança daquilo que outrora havia sido toalha — e seguiu para o riacho. De passagem, notou que os companheiros ainda dormiam. Fratelo, o cachorro de Cício, estava enrolado no lugar em que, na vespera, ardia uma fogueira. Aves afoitas, que mariscavam inútilmente no terreiro, voaram á sua aproximação. As ervas do caminho pendiam encharcadas de orvalho e, batendo nas pernas do colôno, molhavam-nas. A lama fina e gelada da beira do correjo entrou-lhe por entre os dedos dos pés, fazendo-o es-



tremecer. Meio mergulhada na água, havia uma tábua larga; era ali que a velha Rosa, então a única mulher da Colônia, ensaboava e batia a roupa dos companheiros. Ao lado, no capim rasteiro, via-se estendida uma calça de zuarte, do Ciccio. Se a calça azul estava ali, ele nesse dia, com certeza, devia envergar a outra, aquela que nos bons tempos tivera côr de ferrugem... Sorriu.

Ajoelhou-se na tábua, fazendo esforço para não afocinhar no charco. Então, no cristal da água viu o próprio retrato. Achou-se mudado, quasi não se reconheceu. Estava felpudo como um "teppista". Tinha a pele tismada pelo sol, os dentes escuros. E, ensaboando o rosto com sabão de cinza, raspando com as unhas os nós da barba, lembrou-se de outros tempos. Fôra um rapaz quasi bonito. Em Florença, no Conservatório e depois na Escola de Agronomia, ainda estudante, as mulheres olhavam-no com ternura. E seus colegas, onde estariam eles? Teriam progredido, constituído aquilo a que chamavam família? Só ele ali estava, mais pobre que um mendigo, esmagado pelo sonho de uma humanidade melhor... Ah! Aquele sonho! Quando voltou viu a velha Rosa à janela do rancho; amarrava na cabeça um lenço de ramagens e retorcia a boca avelhantada, num rictus de mau humor.

— Você hoje dormiu bem.

— Ora, para que levantar... Não há o que comer...

Só então Cár dias lembrou-se de que a caixa se encontrava vazia e a despensa inteiramente desprovida de gêneros. Coçou a cabeça. Estendeu um olhar em volta. O milharal crescido, todo tremulo ao vento da manhan, mas nem sombra de espiga. Na

horta, de canteiros bem esquadrejados, o verde apontava na terra escura. Mas para que servia aquilo? Para nada. Não havia sal, açúcar, pão, carne...

Os outros colônos foram aparecendo nos seus ranchos, interessados na conversa. Piero, sempre enrolado no cobertor, sentou-se à porta e se pos a rir de um modo escarninho. Aquilo não era homem, era um toco de pau, daqueles que a gente encontra retorcidos mas imoveis nas tiguéras. Se não lhe botassem a comida na boca, morreria de fome. Além disso era amargo, deprimente. Só dizia palavras desgostantes, incomodativas. Que concepção tacanha tinha êle do ideal — daquele idéal que era todo luminosidade e harmonia!

Na casa dos Gattai ardia fogo; uma fumaça azul saía alegremente pela única janela. Cár dias foi até à porta e olhou para dentro:

— Que é isso? Fogo? Para que?

Lá dentro havia duas pessoas: uma blasfemou e outra se pôs a rir.

E as horas foram passando. Os sinos cantaram maciamente na distância. Dentro de pouco, como fizesse frio, todos estavam sentados num retalho de sol, a discutir bisantinismos ideológicos. Para Cár dias, aquilo não era, nem de longe, o que havia sonhado. E a culpa não era da terra, do govêrno local, nem mesmo das classes conservadoras que ainda não pensavam em defender-se; era o resultado das taras de milênios, da pouca inteligência de todos. E ajuntava:

— A sociedade velha deformou a nossa compreensão da vida. Somos uns pobres chineses a quem de um momento para outro, houvessem tirado os sa-

patinhos de ferro que durante milênios lhes foram deformando os pés. Estamos livres, mas não sabemos andar. Conquistamos a liberdade, mas para morrer de fome...

Os circunstantes protestavam, Piero bradou:

— E que tem você com isso? Viemos para aqui, acaso, com o intuito de constituirmos um principado em que vocês dispusesse de nós outros como de súditos? Nesse caso preferimos o rei, o patrão, o "carabiniere"!

Foi quando se ouviu um canto alegre. Era Ciccio, o gigante ruivo. Ele morava um tanto afastado, numa pequena casa, tão pequena que para nela entrar precisava curvar o reforçado busto. Quando tinha hospede, dava o interior da casa e dormia diante da porta, com os pés ao relento... A porta e a janela não tinham folhas para fechar. Quem quisesse, entrava e saía a qualquer hora do dia ou da noite. Aquele homem não precisava de nada na vida. Não tinha nada. Não queria ter nada. O verbo "ter" nada significava para ele. Sua linguagem pobre, escassa, ignorava os possessivos. Fizera aquela casa e chegara a ter duas mudas de roupa, "propriedade" essa que era um trambolho na sua vida: vivia a oferecê-la aos companheiros, na esperança de que alguém lhe fizesse o favor de aceitar.

II campanil de Pisa

Pénde perché diritto non pó star...

Eram os seus "stornelli". Quando entrou no terreiro, mais ruivo, mais corado, mais desageitado, com uma mecha de cabelos agressivamente espetada para a frente, os companheiros puseram-se a rir, sem mesmo saberem porque. Sua presença era agradável e animava. Não precisava falar para transmitir

coragem. Bastava vê-lo. E êle se orgulhava de ser útil, mesmo dessa forma, à colônia.

— Por quê riem?

— Por nada. Estamos com fome.

— Pois eu já fiz a minha merenda.

Ninguém acreditou.

Então êle, sem dizer palavra, voltou ao rancho e de lá trouxe uma brôa das grandes e dois palmos de salame, um jacazinho de mate e um pacote de açúcar. Diante da alegria dos amigos, cortou um bom naco de carne e deu-o ao cachorro que, sem cerimonia, se pôs a comer. Depois entregou aquela riqueza à velha Rosa, que era assim uma especie de "ministra" do interior. Todos se animaram. O próprio Piero saíu do seu lugar e entrou no grupo:

— Vamos comer o resto do cachorro...

Dali a pouco a mesa estava posta e todos, alegremente, quebravam o jejum.

Piero com a boca cheia perguntou:

— Onde teria êle roubado?

Houve protestos: Ciccio não era ladrão.

E êle não pôde ouvir tais palavras, porque já saíra em direção a Palmeira; Cárdias conseguiu alcançá-lo.

— Companheiro, venha comer.

— Já comi.

— É mentira.

Ele não deu resposta. Adiantou-se a gingar o corpanzil. Fratello, o cão, parecia dansar à sua frente. Depois desembocando na estrada do govêrno, perdeu-se entre as árvores.

Certo dia os colônos ouviram uma algazarra na estrada que passava a cem metros das habitações.



Poderosa voz chamava-os pelos nomes, pedindo indicações e auxílio.

Que seria?

Correram para lá.

Um carro cheio de malas e trouxas, estantes e caixotes de livros, estava parado entre as árvores. O dono de tudo aquilo era um homem alto, vermelho, de botas, "culotes", blusão e chapéu de cortiça; andava de um lado para outro, enquanto o cocheiro ia descarregando a carga.

Uma mulher, em traje de montar, caminhou em direção à colônia, ao encontro dos homens que se aproximavam. Cárdias foi o primeiro a alcançá-la.

— Não se lembra mais de mim?

— Confesso que...

— Contessa Colombo!

Abraçaram-se. Eram gente de Turim. O marido, Conde Colombo, proprietário de terras e médico de nomeada, tinha sido durante muitos anos aquilo a que nos meios se dá o nome de simpatizante. Assinava os jornais, comprava os livros, concorria nas subscrições e, como médico, não recuzava serviços aos camaradas que se achavam doentes. Vivendo na alta sociedade, concorria para soltar presos, atenuava a culpa de outros e quando se tratava de arranjar emprêgo a algum necessitado, fazia valer o seu prestígio entre industriais e comerciantes.

Por essa altura, o marido se aproximara também. Era um belo homem, sadio e bem humorado.

Quasi todos se conheciam. Malas, estantes e caixotes foram logo transportados para a Casa do Amor, de onde, mais tarde, seriam conduzidos para

o rancho dos novos colônos, assim que fosse construído.

Cárdias estava vexado. Não compreendia bem como aquêle homem e a espôsa, habituados a uma vida confortável, até certo ponto faustosa, tinham abandonado as propriedades, a clínica, o seu mundo, para se meterem naquela aventura. E a sua curiosidade divertia os viajantes...

Cárdias não se conteve e perguntou:

— Como é que vocês explicam essa resolução?

O conde e a esposa, que estavam a rir, mudaram instantaneamente de humor. Foi como se Cárdias, com a sua pergunta, tivesse revolvido em suas almas alguma chaga muito dolorosa. Inclínaram a cabeça. O rosto se lhes enuviou. A voz dele se fez ouvir, como um gemido:

— A filha morreu, tudo acabou.

E nunca mais se tocou no assunto.

Cárdias, apesar de tudo, acreditou que o casal não se habituasse àquele buraco de sertão. Mas habitou-se. Ambos tomaram parte ativa na vida da colônia. Trabalharam muitas vezes de enxada na mão, como se nunca tivessem feito outra coisa. E, um dia, anos depois, foram dos últimos a se retirar. A condessa chegou mesmo a confessar que ali havia encontrado uma felicidade a que jamais poderia aspirar. Era como se a filha os tivesse acompanhado, como se andasse por ali a brincar com as outras crianças. Só lhes faltava vê-la; sentiam-na por toda parte...

\*  
\* \* \*



A vida dos pioneiros da Colônia Cecília era, pois, a de homens abandonados a suas próprias forças, em plena natureza. Sentiam-se náufragos aportados a uma ilha deserta. É verdade que na orla do horizonte apareciam penachos de fumo subindo da cumieira de outros ranchos e, quando o vento estava de feição, podiam ouvir, à distância, o bimbalar dos sinos de Palmeira e de Santa Barbara.

Mas não eram colonos comuns. Em razão dos seus princípios e intúitos, jamais poderiam invocar o apóio dos hospitaleiros paranaenses ou mesmo dos europeus que ali trabalhavam, amoldados às praxes de uma sociedade velha, tida como errada pelos pioneiros e seus amigos. Eles eram mais pobres do que os ermitões do deserto, pois a convicção mesma que os trouxera da Europa, nessa aventura por longinquas terras do Brasil, os impedia de receberem auxílio, fosse dos agricultores a que chamavam de capitalistas, ou dos governantes que representavam a seus olhos uma organização inimiga. Sobrava-lhes, no entanto, a possibilidade de recorrerem a companheiros e simpatizantes do mundo inteiro, mas essa gente nunca passou de uma escassa minoria, rica de sonhos e pobre de haveres.

Todas as manhãs olhavam com angústia as plantações, belas mas preguiçosas. A terra, por mais produtiva que seja, não restitue da noite para o dia, generosamente multiplicada, a semente que se lhe confia. Era preciso tempo, muito tempo, para colher os primeiros frutos. E essa espera foi terrível para os colonos. Escasseava-lhes tudo: pão, roupa, calçado, o mais comezinho conforto. Vivia-se descalço, esfarrapado, mal nutrido. Quando a vida se tornava de todo impossível, alguns homens se dirigiam às localidades

proximas e trabalhavam de ganho. No fim da semana, recebendo o salário, compravam sal, sabão, farinha de milho e de trigo e regressavam à Colônia. Mas essa atitude não era vista com bons olhos. Piero, o ortodoxo do grupo, que reçumava amargura, erguia os olhos do braseiro em que vivia a aquecer-se e perguntava-lhes:

— Achastes, afinal, o vosso patrãozinho?

Mas os pobres estavam exaustos: não respondiam. E a terra a cainhar os frutos... As mãos de Cárديات não tinham sido feitas para aquilo; empolvavam-se de calos, tornavam-se pesadas e inúteis. Dentro de pouco, era só Ciccio a fazer essas escapadas pelas terras proibidas do "capitalismo e do patronato". O antigo malfeitor dos "bastioni" de Milão não se cançava de tais sortidas. Levava-as a cabo, pondo na obra uma certa religiosidade de cristão primitivo. Sentia-se feliz em contribuir por essa forma para a construção daquilo que nos meios se chamava — a sociedade nova.

Apesar de tudo, a colônia progredia. Surgiram as primeiras casinhas de tábuas de pinho, de teto alcatroado, com seus móveis rudimentares, algumas sementeiras novas, a horta, a fossa higiênica. Esse progresso poderia ser considerado notável, se se levasse em conta que os pioneiros da Colônia Cecília eram leigos em tais serviços. Um deles era estropiado e os demais, como vimos, de quando em quando, tinham de ir ganhar fora o pão comum.

Em fins de 1890, foi derrubada uma larga extensão de mata para a plantação do milharal, sendo ao mesmo tempo construída comprida cerca para defendê-lo do gado dos proprietários vizinhos. Em Janeiro do ano seguinte, chegaram à colônia mais algu-

mas famílias de camponeses. No entanto, logo no começo, viu-se com desgosto que essa gente não se harmonizava com os primeiros chegados. Homens e mulheres manifestaram desde logo o seu desencanto, por não encontrarem ali, à sua espera, o paraíso com que haviam sonhado lendo ou ouvindo ler os opúsculos de propaganda da colônia. Dias depois, diversos desses incrédulos se retiraram para Curitiba e aí se estabeleceram, tornando-se elementos negativos, empenhados em "desencabeçar" os camponeses que, de passagem para a Cecília, lhes pediam hospitalidade.

Os pioneiros da colônia eram da massa dos apóstolos. Tinham a tenacidade irritante dos convictos. E os trabalhos agrícolas, lentos e dolorosos, proseguiram. Foram chegando, com espaços de semanas e de meses, os Gattai, os Marinai, os Colli, os Capellaro... Iniciou-se a construção de um edifício central, para as reuniões. Nos meses de Março, Abril e Maio continuaram a chegar, em turmas, numerosos camponeses, elevando-se a população da colônia por essa altura a 150 pessoas.

Esse crescimento rápido, no entanto, confessa Córdias, foi prejudicial. Constituíram-se grupos por famílias e os mais atilados se aproveitavam da escassa produção, em prejuízo do maior numero. A política fervia. Num grotesco sistema de "referendum", a população perdia o melhor de tempo em assembléias, das quais surgiam fermentadas promessas e ambições mal dissimuladas. Elegiam-se comissões, votavam-se regulamentos, gritava-se a ponto de ficar rouco. Mas — seja dito em seu abono — nunca, nem mesmo nas reuniões tumultuosas, se registou o mais ligeiro desrespeito à integridade física dos contrários. Mais ainda, essa gente exasperada pela de-

siluição, enfraquecida pela escassez de alimento, mas livre de tutores, trabalhava sempre, fazendo o que sabia e como podia: reclamava, mas não descia à violência.

Muitas vezes, aquêles jovens de estômago vasio se apoiavam no cabo da enxada e olhavam, desfraldado no alto de um coqueiro, o pavilhão que sintetizava os seus anseios. E concordavam consigo mesmos:

— D' un pó di polenta e d' un pó d' ideale si vive...

\* \* \*

Aconteceu que, numa clara noite de Novembro de 1892, um par de namorados fazia a pé a estrada de Palmeira. Um carretão que rodava penosamente com o mesmo destino estacou diante deles.

— Prá onde vão?

— Prá Colônia.

— Querem condução?

Os dois caminhantes agradeceram ao carroceiro, atiraram as trouxas para dentro do carro e, por sua vez, trataram de subir pela trazeira do veículo, sentando-se o melhor que puderam nas tábuas do fundo. E a viagem prosseguiu.

A planície era imensa, banhada de luar, pontilhada de sombras escuras de pinheiros. Mas a estrada era má e o carro não tinha molas; dava cada solavanco que parecia virar de banda. A mulher ajeitava o lenço na cabeça e ria, o homem procurava arranjar-lhe um encosto com as trouxas de roupa. De um lado e de outro, a planície, o luar, as sombras



em forma de taças, as mil vozes misteriosas da campanha.

Em certo ponto, o homem quis entabular conversa com o cocheiro, mas desistiu; era um alemão do Volga, gente do "mir", mais desconfiada do que o caboclo. Não passava de "nhor sim" e "nhor não". Súbito o veículo parou na estrada, entre duas árvores, no boqueirão de um atalho.

— A Colônia é ali.

Os viajantes desceram, com palavras de agradecimento, enquanto o cocheiro chicoteou os animais, na ânsia de chegar cedo a Palmeira. Apesar do socorro daquela condução, o casal estava cançadíssimo. Principalmente a mulher, que era fina e pálida. Depois de trocarem algumas palavras entre si, os dois sobraçaram as trouxas e tomaram pelo atalho. Logo adiante, na primeira curva, viram uma clareza. Tratava-se de um aglomerado de casas ainda mais rústicas que as da planície. Ao centro erguia-se um barracão coberto de palha, com ervas a grimparem pelos esteios. Adiantaram-se cautamente. Fratelto, o cachorro de Ciccio, deu o alarma. Pararam. De dentro das casas saíram alguns colonos ao seu encontro. Cárdias conheceu-os logo; eram Éleda e Aníbal.

Foram hospedados na casa de Ciccio que, nos últimos tempos, andava ausente. Cárdias conta assim:

"Foi uma chegada pouco alegre. Os novos companheiros estavam cançados da viagem, prevenidos contra a Colônia, pois os dissidentes — chamemo-los assim — que se haviam estabelecido em Curitiba, lha haviam descrito muito mais pobre e menos socialista do que ela realmente era. Também da minha

parto havia uma certa frieza, pois eu acreditava que eles tivessem hesitado em vir, o que depois averigui não ser verdade. Por isso, naquela noite Éleda não me causou outra impressão a não ser a de uma criaturinha fatigada, um tanto triste. No entanto, aquêles novos companheiros mereciam toda a minha simpatia.

Eu tinha conhecido a Éleda no ano anterior, na localidade de X, numa conferência pública em que fui explicar as idéias sobre o amor livre. Lembro-me de que, tendo-a interrogado em particular, ela me respondeu com simplicidade que o admitia. Vi-a poucos dias depois em um hospital daquela mesma cidade, enfermeira corajosa, devotada, infatigável, junto ao leito de morte daquele valoroso joven socialista que, por cinco anos, fôra seu caríssimo companheiro. E os amigos me contaram naquela ocasião que a vida de Éleda tinha sido uma modesta abnegação, uma luta penosa, mas inteligente e forte, por seu amigo, por seus comuns ideais.

Dela, da sua simplicidade, da sua melancolia, da força de ânimo, eu trouxe comigo um certo sentimento de simpatia e de admiração, mas nunca o mais leve desejo pela mulher. Era para mim uma figurinha nobre e delicada, que se impunha pelo caráter, que me satisfazia pela bondade, que me agradava como nos agrada um companheiro gentil. Os momentos em que conheci a Éleda na cidadezinha de X foram vários, breves e dolorosos, mas essas impressões se tornaram claras e assim as comuniquei à nossa boa amiga Gianotta.

Aníbal é um bom companheiro, daqueles que na agitação socialista se habituaram a perder tudo, a nada ganhar. E' de inteligência acima do vulgar, mas



tem o coração maior do que o cérebro. Sob aparência áspera, esconde uma delicada sensibilidade. Foi dos primeiros e dos poucos que apoiaram decididamente a iniciativa desta Colônia socialista e a ajudaram grandemente, vindo depois fazer parte dela. E' um homem a quem amo, a quem estimo e prezo sob todos os pontos de vista".

\*  
\*   \*  
\*   \*

"Nos primeiros dias de sua chegada à Colônia — escreve Cárrias — tive ocasião de conhecer melhor a Éleda. É uma criaturinha de trinta e três anos, mas quando está tranquila e se sente bem, não parece ter mais de vinte e cinco. Ainda mais, mostra nos olhos e na carinha delicada qualquer coisa de menina. Sua expressão é quasi sempre séria, de uma seriedade triste. Começou a interessar-me e muitas vezes me comprouve perguntar-lhe se não se habituava à solidão daquelas pradarias e bosques, àquela monotonia, àquela pobreza de vida. Respondeu-me que estava procurando habituar-se e que acabaria por consegui-lo. E eu encontrava nela a socialista inteligente, corajosa, boa, que tinha entrevisto na cidadezinha de X. Daí, uma simpatia, uma afeição delicada, respeitosa acreditava eu, mas que era o alvorecer do amor.

Uma noite ela me deu uma carta para ler; tinha recebido da nossa amiga Gianotta, que lhe augurava uma boa viagem para a Colônia. "Se vais só, acompanha lá o meu Cárrias; formareis um gentil casal. E em qualquer caso, dá-lhe um abraço e um beijo que eu lhe mando".

No dia seguinte, perguntei-lhe, a rir:

— E quando me entregarás o presente da nossa amiga Gianotta?

Ela respondeu no mesmo tom:

— Um dia, quem sabe?

\*  
\*   \*

— "Escute, Éleda — disse-lhe uma noite à porta do rancho — você é uma moça séria, a quem se deve falar sem artificios.

Ela me olhou e compreendeu.

— Por quê motivo você não gosta também um pouquinho de mim?

— Porque tenho receio dar um grande desgosto a Aníbal.

— Pois fale com êle a êsse respeito.

Separamo-nos sem um beijo.

Éleda contou a Aníbal, como uma companheira afetuosa, mas livre e sincera, deve falar ao companheiro a quem ama e preza. Aníbal respondeu-lhe como um homem que, acima das suas paixões, põe o escrupuloso respeito pela liberdade da mulher.

— Sofre... — me disse Éleda.

— Era fácil prever — respondi-lhe eu. Mas acreditadas que nele a parte que sofre é a melhor ou a pior do coração? Essa dor será humana, socialística, indestrutível? É a dor do punhal que mata ou a dor do bisturi que cura?

— Eis aí o que é preciso averiguar — respondeu-me Éleda.

E nos afastamos, ainda dessa vez sem um beijo.

Aníbal, êle próprio, disse a mim e a Éleda:

— E' o preconceito, é o habito, é um pouco de egoismo, se vocêis quiserem, mas a liberdade deve estar em primeiro lugar e acima de tudo. A verdade é que amo Éleda e não tenho razão para não mais amá-la. Isso dói. Sofrerei, mas não faz mal. Tu, Cárdias, vives triste e sem amor. Éleda fará bem em encher a tua vida.

— Tens ressentimentos de mim ou de Éleda?

— De ninguém.

Naquele dia Éleda e eu trocámos o nosso primeiro beijo. Aquela noite ela veio para minha casa. E Aníbal chorou na tristeza e no isolamento".

De manhã, quando Éleda voltou para sua casa, ficou admirada de não ver o companheiro já de pé, em plena atividade, como era seu costume. Chegou à porta do quarto e espiou para dentro. A claridade que filtrava pelas goteiras, ela viu Aníbal, deitado de bruços na cama intacta; tinha passado a noite a chorar. E o seu choro era abafado, humilde, como o choro de uma criança.

## VI

## TEM A PALAVRA AS PERSONAGENS

Na Colônia Cecília não havia domingos nem feriados. Quem queria trabalhava, ou ficava em casa, ou ia para o campo. Confiava-se — um pouco demais — na coação da necessidade. Houve um sabado, porém, em que as enxadas ficaram nos cantos, a plantação parou onde estava e a população tratou de outro assunto.

Era, no entanto, uma instituição de experiência, de todos os pontos de vista. O que ali se passava, fosse o que fosse, devia ser documentado, estudado, e transmitido ao mundo inteiro. Por isso, o caso sentimental, um dos primeiros e talvez o último, de caráter experimental da colônia, provocou uma reunião, uma espécie de aula em que as personagens deviam depôr sôbre as próprias atitudes e sentimentos.

A reunião se deu na Casa do Amor. Esse barracão, construído carinhosamente pelos primeiros chegados, não tinha sido verdadeiramente utilizado. Os quadros gregos, de uma ingenuidade primitiva, não tinham sido possíveis, pois durante muito tempo só havia uma mulher, e essa mesma era idosa, carregada de filhos, devotadíssima ao companheiro, a tesou-

reira na Colônia. Mais tarde os pioneiros desanimaram, brigaram entre si e muitos deles resolveram emigrar para Curitiba, onde havia trabalho fácil, regularmente remunerado, com possibilidades de uma vida burguesa que não era o ideal, mas, afinal de contas, estava mais à mão. Em Curitiba, sendo os primeiros a receberem os colônos que iam chegando, realizavam obra contrária, dizendo cobras e lagartos da instituição.

Felizmente, logo depois, apesar da campanha, chegaram muitas outras famílias, a ponto da colônia, em determinado período, contar para mais de trezentas almas. Os ranchos de táboas já se contavam por mais de cinquenta. Mas, de amor livre, nada. O que talvez houvesse, como por toda parte, não passava de ligeiras conquistas, velhas como o mundo, sem o mais leve caráter social. A Casa do Amor, que ainda conservava esse nome, passou a ser casa coletiva. Ao centro, uma grande mesa de pinho, sobre cavaletes. Ao redor, bancos igualmente de pinho. De dia era "auditorium", uma espécie de conselho onde todos tinham voz e podiam discutir os problemas da colônia e, de noite, era dormitório para os rapazes que iam chegando, com a trouxa de roupa pendurada na ponta da vara.

Aquela reunião foi sensacional. Chegou mesmo a ter uma certa solenidade, o que desgostava sempre aos ortodoxos. O jornalista Lorenzini, que tinha o hábito dessas coisas, sentara-se à mesa, diante de folhas de papel almaço, manejando uma pena ágil. Gastou quasi uma hora a redigir os quesitos, um requisiatório especial para cada personagem. Enquanto isso, os presentes formavam grupos e conversavam sobre assuntos que não vinham ao caso.

Nos quatro cantos do pavilhão ardiam candieiros de querozene. Quando Lorenzini levantou os olhos, viu que estava diante de uma autêntica assembléia. As três personagens do drama estavam presentes: Nleda conversava num grupo de mulheres, Cárdias mantinha-se pensativo, sentado na ponta de um banco, e Aníbal esperava de cócoras num canto, ao fundo do pavilhão. Havia gente sentada nos doze bancos fronteiros à mesa, encarapitada nas grades, de cócoras ao longo da única parede lateral. Alguns, tomados de preguiça, haviam-se deitado pelo chão, de cabeça erguida como lagartos. Um par de jovens namorados trepara a uma viga do teto e ali, de pernas penduradas sobre o recinto, arrulhava o seu amor.

O conde Colombo tinha posto o chapéu de cortiça. Enquanto esperava, fazia girar nervosamente o monóculo, no fura-bolos. O professor Damiani, sempre assoberbado nas pesquisas, fazia anotações nas margens da "Eneida". O engenheiro Grillo roía as unhas, olhos fitos nas poucas estrêlas que ardiavam no seu campo visual.

Em certo ponto, Lorenzini bateu palmas. Fez-se silêncio.

—Damiani, você quer ser o escrevente?

O professor custou a cair em si. Mas aceitou. E tomando do lapis, que havia perdido no bolso de Horácio, encaminhou-se para a mesa. Lorenzini deu-lhe um lugar ao lado. O primeiro a ser interrogado foi Aníbal. Este acedeu, com forçada serenidade, pedindo que antes do mais escrevessem esta observação: "Respondo prazerosamente a todas as perguntas, observando porem, que se o amor livre estivesse generalizado, muito *sim* doloroso passaria a ser *não*".



Damiani afocinhou no papel. Tomada essa declaração, começou o interrogatório. A cada resposta, Damiani gatafunhava apressadamente...

— Admites na mulher a possibilidade de amar nobremente a mais de um homem ao mesmo tempo?

— Sim. Mas não tôdas as mulheres.

— Reconheces nela o direito de assim proceder?

— Sim.

— Reconheces o amor livre como útil ao progresso da moral socialista e da paz social?

— Sim. Acreditava-o e continuo a acreditar porque, sem isso, o que seria da liberdade e da igualdade?

— Acreditas que a prática do amor livre faria sofrer a algum dos participantes?

— Sim.

— Qual deles de preferência?

— Talvez aos dois. Assim o creio.

— Acreditas que o companheiro da mulher sofra com a nova afeição da companheira por outro homem?

— Sim, se a ama verdadeiramente.

— Achas que êle poderia passar por isso com indiferença?

— Sim, se não a ama, se é um grosseirão.

— E com alegria?

— Nunca, talvez. Mas poderá alegrar-se de um certo modo, se está convicto de fazer obra consoladora e digna de nossos princípios.

— Poderia desejar, sugerir, favorecer esse amor?

— Esta resposta está compreendida na anterior.

— Agora vamos ao teu caso particular. Quando Éleda te comunicou o pedido de Cárdias sentiste dor?

— Não.

— Surpresa?

— Não. Na Itália eu já havia manifestado a minha maneira de sentir e, portanto, já estava preparado.

— Desdêm?

— Nunca.

— Humilhação?

— Não.

— Ressentimento para com Cárdias?

— Não ressentimento, mas compaixão.

— Foi vaidade ofendida?

— Não.

— Instinto de propriedade ferido?

— Nunca pensei ser o proprietário de Éleda; isso seria uma afronta para ela.

— Egoísmo ou desejo de um bem exclusivo?

— Não egoísmo, antes um certo medo de que diminuisse o seu afeto por mim.

— Temor do ridículo?

— Um pouquinho.

— Idéia de lesa-castidade conjugal?

— Fui eu casto?

— Foi espontâneo o teu consentimento?

— Sim. Absolutamente.

— Foi por coerência aos princípios da liberdade?

— Um pouco por compaixão vendo Cárdias sofrer e um pouco por coerência.

— Foi por compaixão dele que havia tanto tempo vivia sem amor?

— Já respondi.

— Se por acaso se tratasse de outro companheiro, supões que terias provado as mesmas sensações?

- Não posso precisar. Mas a verdade é que no caso afirmativo teria sofrido muito mais.
- Se se tivesse tratado de um proletário que não fosse nosso companheiro?
- A mesma coisa.
- E de um burguês?
- Teria lamentado Éleda e sofrido muito, sem poder afirmar que nesse caso a tivesse deixado...
- Sofreste muito mais antes de saber Cárrias com Éleda?
- Não.
- A primeira vez?
- Sim.
- Ou qual outra vez?
- Sempre, mais ou menos.
- Choraste?
- Sim.
- Na tua dor havia ressentimento contra Éleda?
- Não.
- Contra Cárrias?
- Não.
- Tristeza de isolamento?
- Um pouquinho.
- Mêdo de um desvio no afeto da companheira?
- Conheço suficientemente Éleda para responder não.
- Temor de que Cárrias a tratasse de modo vulgar?
- Não.
- Que a tratasse gentilmente?
- Sim.
- Houve desejo de que ela gosasse de outro afeto fisiológico e intelctual?

- Não sei responder.
- Desgosto com isso?
- Se, de facto, assim fosse eu não teria desprazer.
- Mêdo de que ela se te tornasse menos pura?
- Ainda desta vez conheço suficientemente Éleda para responder não.
- Menos afetuosa?
- Sim.
- Instinto irrazóavel e involutário de egoismo?
- Sabem todos que atualmente somos egoistas, mas não creio que o meu desgosto seja produzido pelo egoismo.
- Contendo a tua dor, sentiste a satisfação de quem faz o bem?
- Por certo.
- Sentiste, embora vagamente, a necessidade de fuga?
- Não fundado, mas por êsse motivo só.
- A apreciação dos outros influiu nos teus sentimentos?
- Desprezei sempre as apreciações alheias; no entanto, ter-me-ia desgostado o saber-me escarnecido por imbecis.
- A estima pela tua companheira é sempre a mesma de antes?
- Sim.
- O afeto por ela continua a ser igual, maior ou menor?
- É o mesmo, talvez maiormente sentido.
- A repetição das ausências de tua companheira alterna a tua dor?
- Sim.
- Exaspera, talvez?
- Não.

- São para ti mais dolorosas as ausências breves?
- Não.
- E as ausências longas?
- Sim.
- Seria mais dolorosa a ausência de alguns dias?
- Aí entraria o egoísmo, pois essas ausências longas fariam de mim um pária do amor, como era Cárdias.
- Sofreste mais vendo a companheira ficar ao lado de Cárdias?
- A princípio sim.
- Ou vendo-a partir de tua casa para a casa de Cárdias?
- Agora se me tornou indiferente.
- Não seria mais aceitável que a companheira vivesse por sua própria conta e preferisse a um e outro, segundo a sua vontade?
- Sim, para a tranquilidade e a liberdade de todos.
- O facto de Cárdias amá-la causa-te despeito?
- Não.
- Acreditas que o amor livre se generalizará pela rebelião das mulheres?
- Sim.
- Pelo consentimento dos homens?
- Embora os homens não queiram, quando as mulheres se rebelarem seriamente o amor livre se dará e todos, depois, ficarão contentes.
- Por desinteressada iniciativa dos homens?
- Não. Salvo algumas excepções, que poderão dar o exemplo.

\*  
\*  
\*

- O interrogatório de Éleda ficou assim registrado:
- Foste educada na moral ortodoxa?
- Sim, até aos vinte anos.
- No primeiro amor da mocidade te sentiste absorvida por um só afeto?
- Sim.
- No teu segundo amor, que foi mais longo e mais intenso, amaste a algum outro contemporaneamente ao teu chorado companheiro?
- Não.
- Tiveste alguma nascente simpatia?
- Sim.
- Cultivaste-a?
- Não.
- Cultiva-la parecer-te-ia uma culpa?
- Não.
- Faltou-te oportunidade?
- Sim.
- Procuraste-a?
- Não.
- A tua afeição por L., que foi a mais breve e menos profundamente sentida, foi exclusiva?
- Sim, até que conheci Aníbal.
- Tive por aqueles tempos outra simpatia, mas, como se costuma dizer, inocente.
- E a tua afeição por Aníbal foi exclusiva?
- Sim, até que conheci Cárdias.
- Há muito tempo que admites a possibilidade de amar-se simultaneamente a duas pessoas?
- Sim.
- Foste alguma vez ciumenta?



- Algumas vezes, mas os meus ciumes foram de breve duração.
- Entregaste-te alguma vez sem amor?
- Nunca me entreguei sem simpatia.
- E unicamente por sensualidade?
- Nunca.
- Toleraste alguma vez violências morais?
- Não.
- Surpreendeu-te a declaração de amor de Cár-dias?
- Um pouco.
- Surpreendeu-te a forma breve e direta que êle usou?
- Ao contrário, agradou-me mais ainda.
- Prometeste por piedade?
- Um pouco.
- Por simpatia?
- Sim.
- O temor de fazer sofrer a teu companheiro foi verdadeiramente o único obstáculo?
- O único.
- Sentiste-te por acaso tentada pela idéia de amar a Cár-dias, sem que o teu companheiro soubesse?
- Não.
- Quando lhe contaste o seu pedido exprimis-te ao mesmo tempo a idéia de satisfazê-la?. Fizeste-o com serenidade de ânimo?
- Sim.
- Com vergonha?
- Não.
- Sofreste adivinhando o sofrimento do compa-nheiro? Sofreste por êle?

- Sim.
- Por ti?
- Também por mim.
- Por Cár-dias?
- Principalmente por êle.
- Tomaste o seu sofrimento como prova de amor?
- Não sei responder.
- Quando procuraste Cár-dias, o consentimento do seu companheiro era completo?
- Era.
- Precipitaste um pouco os acontecimentos?
- Não.
- Consideraste razoável a dor do teu compa-nheiro?
- Considerarei-a como o resultado dos preconcei-tos que, queiramos ou não, pesam sobre nós.
- Destinados a desaparecer?
- Sim, a desaparecer.
- A conduta de Cár-dias perante o teu compa-nheiro te pareceu correta?
- Sim.
- Foste para Cár-dias com a consciência serena?
- Sim.
- Aumentou êle um pouquinho a felicidade da tua vida?
- Sim.
- Tu o amas sensualmente, intelectualmente ou pelo coração?
- Um pouquinho por todos os três modos.
- Tu o amas hoje um pouquinho mais do que no primeiro dia?
- Bem mais.
- Amas mais a Aníbal?

- Sim.
- Esses dois afetos simultâneos te fizeram melhor?
- Sim.
- Mais sensual?
- Não.
- Prejudicaram-te a saúde?
- Não.
- A contemporânea multiplicidade de afetos, isto a que chamamos de amor livre, te parece natural?
- Sim.
- Socialmente útil?
- Acima de tudo, socialmente útil.
- Causar-te-ia desgosto o não poder conhecer a paternidade de um filho que agora viesses a ter?
- Não.

\* \* \*

Cárdias também respondeu a esse inquérito.  
Fê-lo em documentado folheto, a que deu o nome de "Um episódio de amor livre na Colônia Cecília".  
Não cabe, porém, nos moldes desta reportagem.

## VII

## MELANCOLIA

Apesar das declarações que fizera, Aníbal mudou de conduta. Tornou-se calado, sombrio, com uma pontinha de desconfiança dos mais íntimos. Ia de manhã para a roça e voltava à noite, quando a população da colônia estava recolhida às suas casas, conversando ao redor do fogo.

Sua atitude com Éleda, que era até então de franca camaradagem, tornou-se de infinita doçura, uma doçura triste de quem fala com uma criança doente. Acabou por tratá-la como irmã, talvez como filha. Isso a ponto de ela o censurar:

- Você está com medo de mim?
- Ele sacudiu a cabeça, desanimado:
- Vocês se amam. Muito!

Um dia Ciccio ao chegar de Palmeira, onde trabalhava na construção da estrada do govêrno, com o fim de atender às necessidades mais urgentes da colônia, trouxe algumas cartas da agência do correio. Uma delas era para Aníbal. O rapaz leu-a, revirou-a nas mãos e mostrou-se muito aflito:

- Minha irmã, que se acha em Buenos Aires, está à morte e me pede que vá vê-la. E, contra seus

hábitos, contou isso a diversas pessoas. Discutiu-se, comentou-se.

— Vai então para Buenos Aires?

— Vou. Amanhã deixo vocês.

Éleda assim que ficou a sós com êle, interrogou-o:

— E eu?

— Tu ficas com Cárdias. Vocês nasceram um para o outro. Poderão ser muito felizes. É isso o que eu mais desejo.

A viagem foi comunicada a Cárdias, que lamentou a partida do companheiro.

— É essa carta... Estás dizendo a verdade?

Aníbal olhou para a distância e não respondeu.

A partida devia ser muito cedo, ao alvorecer, de modo que êle não apanhasse a soalheira na estrada. Por isso, mais cedo que de costume, Aníbal e Éleda recolheram-se à sua casa. Mas não dormiram. Ficaram a conversar sôbre o passado. Fizeram-se recomendações muito íntimas, muito particulares. Que se escreveriam enquanto vivessem nas suas lembranças. Que não forçariam uma correspondência. E ainda estavam a dizer essas coisas quando os galos dos caboclos amiudaram, os passarinhos se puseram a cantar nas árvores. Ergueram-se, foram ao córrego, mergulharam nas águas frescas. Foi aí que Cárdias, também êle, os encontrou. Sentados na areia prateada do córrego, ouvindo o marulho das águas nas pedras e o cantar das aves nas árvores próximas, conversaram.

— Tu não dormiste, Cárdias?

— Não.

— Nem nós...

Um passarinho esvoaçou sôbre as suas cabeças;

Éleda fêz um grande esforço para alcançá-lo e como não conseguisse, se pôs a rir.

— A carta que você recebeu não é de Buenos Aires, muito menos de sua irmã...

— Se assim fosse?

— Seria a fuga, Aníbal!

— E depois?

— Você foge de si mesmo, de nós, da vida...

— Não. A carta é verdadeira, minha irmã me chama e eu atendo à sua suplica. Mas... se nada disso fosse verdade e eu tivesse de abandonar a vocês, falo-ia, não pela minha felicidade, mas pela de vocês, porque vocês se amam. Amam-se muito.

Sairam da água a tremer de frio, vestiram-se e foram tomar o café com polenta, que Éleda havia preparado. Mudos. Sem uma palavra. Absorvidos em seu próprio drama.

Dalí a pouco, Aníbal vestiu o casaco, botou o chapéu e saiu com a trouxa de roupa na ponta da vara. Cárdias e Éleda o acompanharam, muito de perto, tocando nos seus ombros largos e fortes. Chegaram á estrada que se estendia tortuosa e deserta, por entre bosques de pinheiros. Não pararam.

Aníbal perguntou:

— Vocês até onde vão?

Éleda pensou um pouco.

— Até ali...

E foram andando. Quando o sol nasceu, todos os três ainda caminhavam juntos. Não tinham forças, não tinham coragem de despedir-se. Foi preciso que Aníbal com seu passo elástico, se distanciasse propositalmente até se perder numa curva, entre capoeiras altas. No último instante ainda lhes atirou um beijo



nas pontas dos dedos. E eles o retribuíram da mesma forma.

Só então Éleda e Cárdias regressaram.

Quando chegaram à boca do atalho, descansaram um pouco à sombra das árvores. E iam beijar-se quando receberam uma váia que vinha das copas cerradas. Olharam para cima e viram Gioia a cavaleiro de um ramo. Já não parecia um sêr humano, mas um espirito da floresta. Cabeludo, barbudo, quasi nú, mas alegre como um homem livre.

Os dois fizeram-lhe grande festa e tantas coisas lhe disseram que o coagiram docemente a integrar-se na coletividade, porque, afinal de contas, o homem é um animal sociável. E êle ficou sendo dali por diante o poeta da colônia, um poeta que não escrevia versos, mas vivia em graça, em sonho, em poesia!

\*  
\*   \*  
\*

Nos dias que se seguiram, Éleda andou por entre os casebres, sem ânimo para nada. Os cabelos despenteados caíam-lhe pelos olhos. A cabeça inclinada parecia procurar pelo chão uma sombra entre todas as sombras, dos pinheiros e dos homens. Embalde Cárdias procurou consolá-la. Mas não podia. Ele próprio permanecia abstrato, ausente. Certa noite uma mulher procurou Éleda e, num tom maternal, aconselhou-a:

— Você deve “matar” esse Anibal...

Ao que ela respondeu, a sorrir:

— Você já viu matar-se a um ausente?

## VIII

### A INTIMAÇÃO

Uma tarde muito fresca, de atmosfera tão limpa que permitia ver a planície até o ponto em que os pinheiros tocavam no céu, os homens da Colônia Célia voltaram mais cedo do serviço. Chegando ao riacho arregaçaram as calças e entraram na água até aos joelhos, borrifando a cara e o peito para refrescar a pele tisonada pelo sol. Longe, ouviam-se os gritos das aves da campina, procurando pouso. Nos caniços das margens, iniciava-se o diálogo menciório das rãs.

Saindo do riacho, dirigiram-se para os seus ranchos. Só Cárdias deixou-se ficar por ali, como desencorajado. A bandeira da colônia, que envelhecia no alto do coqueiro, estava inerte e caía a prumo como trapo esquecido pelas aragens. Sobre as águas ia-se formando, com o esfriar da tarde, uma neblina alvacentas; êle podia acompanhar com a vista o curso do regato, seguindo aquela pluma imóvel estendida pelo campo. E o agrônomo ainda estava a contemplar essa tranquila paisagem quando um homem procedente de Palmeira apresentou-se entre os casebres da colônia:

— Boa tarde.

— Boa tarde. Que deseja?

— Venho da parte do delegado e quero falar com o dono.

— Mas aqui não há dono.

— O chefe...

— Também não há chefe.

Os colônos apareceram nas portas dos ranchos e puseram-se a rir da conversa. O visitante, porém, não gostou daquilo e, tornando a voz mais áspera, determinou:

— Pois é com você mesmo. Está intimado a comparecer ainda hoje perante o sr. delegado de polícia...

— Então eu estou preso?

— Preso, não, contanto que não deixe de ir dar explicações.

— Pois irei daqui a pouco.

— Como é seu nome?

— Giovanni Rossi.

O polícia tomou nota num papel, fez um leve cumprimento e saiu.

Piero pôs-se a rir:

— Eu sempre disse que você era o patrão, o chefe...

Por causa dêsse comentário foi preciso reunir a colônia e discutir o caso; serviu até para esquecer a falta do jantar.

Cárdias já não tinha o que vestir. As calças estavam esgarçadas na barra e nas horas solenes em que calçava as velhas botinas, apresentava um ar ainda mais vencido. A camisa não tinha punhos, deixando de fora uns braços magros, peludos, enegrecidos pelo trabalho. A barba rala, tendo crescido de modo desigual, dava-lhe uma catadura de mendigo.

Quanto ás lunetas já as havia perdido não se lembrava onde. Assim mesmo, quis atender à intimação e partiu. Ficaria preso? Seria deportado? Como se sairia dêsse primeiro contacto com as autoridades do país? Atirou o paletó ao ombro e saiu.

O sol já estava a esconder-se; a luz oblíqua, quasi deitada, atirava-lhe uma sombra imensa sobre a campanha deserta. Pássaros fugiam à sua passagem. Os sapos. E sombras alongadas que bem poderiam ser cobras. As moitas pareciam-lhe cheias de asas e de olhos que lembravam beijos, de gritinhos assustados e gemidos de rolas, tristes como saudades. A bolha fina, etérea, da lua começava a subir na orla crespada dos campos.

Noite fechada chegou à Palmeira. Não viu mais do que uma extensa rua de casebres terminando no largo da igreja. Caminhando, observava os interiores humildes através das janelas baixas. Em certo ponto, parou e dirigiu-se a alguém que estava debruçado sobre a meia-porta; perguntou onde era a delegacia. Indicaram-n'a. Para lá se dirigiu, sendo recebido pelo escrivão, isto é, pela mesma pessoa que o havia intimado.

Sentia-se tocado pela doçura daquela noite: achou o homenzinho mais amável. Tão amável que, sem querer, apertou-lhe a mão. Informou-o de que o delegado já havia ido para casa, mas que lá mesmo o atenderia. E, levando mais longe a boa vontade, acompanhou-o até a porta afim de indicar-lhe melhor a residência da autoridade, no largo, duas casas depois da esquina...

Por essa altura a noite estava clara como dia. A atmosfera parecia de cristal. A lua transparente, dominava o casario pobre. Namorados conversavam

nas janelas. Os últimos moleques, algures, brincavam de "tempo será". E aquela doçura inesperada, que o assaltara havia pouco, continuava a derramar-se-lhe pela alma. Afinal, era um moço, um músico, um poeta... As trepadeiras que cobriam os muros perfumavam a noite, uma noite inesquecível...

Caminhou ao longo do muro e parou diante de um portão aberto. Diante dele estendia-se o caminho de areia branca, entre árvores umbrosas. Ao fundo havia manchas de luz. Hesitou; depois entrou. A umidade das folhagens acariciou-lhe o rosto. Seguiu assim até à velha casa chata, de uma porta e duas amplas janelas baixas, debilmente iluminadas. Bateu palmas. Ali mesmo, na sala de visitas, uma voz áspera ordenou:

— Entre!

Obedeceu. No corredor foi tocado por aquela tranquilidade infinita que parecia irradiar das coisas, como um perfume. Parou diante da porta lateral. A mesma voz sem timbre mandou-o entrar. Um velhote magro de óculos, metido numa roupa caseira, estava estirado na cadeira de balanço e, sem dar importância à sua presença, afrouxava um cigarro de palha. Saúdo-o tímidamente...

Que maravilha! Atrás da autoridade havia um piano!

— E' da colônia?

— Sim senhor.

— Porque é que vocês ainda não se mostraram por aqui? Que diacho! Não custava nada, era até uma gentileza...

O piano era de Alessandria. Quiz ver a marca. O teclado tinha o desbotamento característico do uso...

— Não falo por vocês. Mas lá há gente que deve compreender essas coisas. Disseram-me que há mesmo um engenheiro, filósofo, jornalista... Diga-lhe que, segundo estou informado, a República não está disposta a manter as concessões que lhe fez a Monarquia. Pelo menos no que respeita aos impostos... Compreende?

O sr. Hermann Blumenau é que soube fundar a sua colônia. Era um exqu coastão. Não jogava, não bebia e as mulheres (confessava ele em carta) não lhe custavam nada. E isso por causa da impressão moral e também para evitar a libertinagem, que é o pior dos vícios que podem prejudicar a uma colônia nova e lhe deter o desenvolvimento. Ele sacrificava tudo á sua colônia. Vivia menos do que parcamente. Não queria dar azo ás competições odiosas, mostrando a essa gente que é possível acomodar-se quando se quer.

Cárdias estava longe dali.

O delegado continuou:

— E dali ele amava a sua colônia. Desde a chegada e durante muitos anos mandou vir arvores de muitas especies, plantas de outros paises; não temia trabalho nem despezas. Mandou buscar videiras das melhores e mais caras da Argelia, de Bordeus, da Belgica, da Grecia e da América do Norte, pois as videiras alemãs não deram o resultado que se esperava. Chegaram as melhores árvores fructíferas da Europa e da América... Foi, além de colonizador, um grande botânico. Ora, quando eu soube que na Colônia Cecília havia um engenheiro agronomo... como se chama ele?

— Giovanni Rossi.



— Pensei que iam ter em Palmeira o milagre de Blumenau.

Cárdias namorava o piano. A sala estava debilmente iluminada. Por entre ramos via uma lua pálida. A cláridade azul descia sobre o instrumento, diluía-se sôbre toda a sala. Era aquela doçura que êle estava sentindo desde que entrára na cidade. Um jarro abria-se em rosas, em rosas azues. Quadros espalhados pelas paredes deviam ter sido pintados por artistas daltônicos: grandes damas azues; camponezes azues, fustigando bois azues, aravam campinas azues; anjos azues voavam em céus azues... E aquela doçura infinita penetrava até o mais profundo de seu sér. Tudo azul, tudo azul...

O homemzinho continuava a falar:

— E vocês não estão explorando devidamente as terras. Para pagar os impostos é preciso dinheiro, talvez mais do que vocês possam dispôr de um dia para outro... E já há contribuições atrasadas. Tudo isso vai somando, vai crescendo... Não tenho nada com isso, estou falando nestas coisas em benefício de vocês. Por quê não fazem como os russo-alemães, os do "mir"? Eles andam sempre em dia com o govêrno...

Cárdias estava simpatizando com o delegado. Como ele, afinal, estava longe das suas preocupações! Vivia em outro mundo, falava outra língua, parecia um menino atrapalhado com uma caixinha de música. E o luar continuava a entrar pela janela, a ungir de azul o velho piano. Qual seria a marca do instrumento? E inclinou-se um pouco...

— Sente-se.

O colôno olhou em redor e não encontrou outro assento a não ser o tamborete do piano; sentou-se

nele. Nesse instante uma jovem entrou com a bandeja do café. No Paraná é assim. Ele sentiu-se humilhado, sem saber por que. Enquanto era uma "parte" diante do delegado, tudo ia muito bem. Mas convidavam-n'o a sentar, a tomar café, uma chicara azul, fina como se fosse feita de ovo de passaro. Perturbou-se. E quando tomou a chicara na bandeja e sorveu o precioso licor, pai e filha compreenderam que êle, o andrajoso, o barbudo, o faminto, não era o mendigo que parecia. A moça olhou-o com certa curiosidade. Era de um moreno pálido, côr das telas do piano; os olhos eram grandes, azues, calmos e sonhadores. Pousados sôbre ele não mostraram repulsa, mas uma infinita doçura que o aquecia, que o animava... Então ela dirigiu-se ao pai quasi em segredo:

— Pergunte se ele toca...

O velho tirou os óculos, limpou-os na aba do paletó de riscas, e, examinando melhor a Cárdias, acabou por dizer-lhe a rir:

— Minha filha pergunta se o senhor toca piano.

Cárdias não esperou por um convite. O desejo de correr as mãos pelo teclado era tão forte que, se não lho permitissem, ficaria doente.

Estendeu as mãos escuras, mas finas. Os dedos não haviam perdido de todo a agilidade e o instrumento se mostrou dócil, sensível. Um turbilhão de notas cristalinas jorrou numa alegria, encheu a casa, o jardim, a praça adormecida. Poderia mesmo tocar alguma coisa? Hesitou. Não acreditava na resurreição de seus pobres dedos. O velho e a filha esperavam alguma coisa. Uma aragem leve agitou as folhas e as sombras deram baile na janela. A inspiração venceu-lhe o receio. Atirou as mãos aber-

las como dois lírios sôbre o teclado, apalpando-o. Acordes graves e profundos se sucederam num ritmo exaltado, crescendo, subindo, até alcançarem o patético de uma imprecação. Então a noite parou onde estava; a aragem dormiu. A renda de sombras fez-se imóvel no quadro da janela. Alí o prelúdio entrou em declínio; os acordes se espaçaram, as notas entraram de velar-se e dentro de pouco só havia um queixume de notas miúdas e cristalinas, como o ar-quejo de uma alma exausta que procurou escalar o céu e caiu na terra, tonta de azul.

Da sua alma exilada e triste jorrou uma melodia dolorosa, uma queixa, uma imprecação dessas que a gente nunca mais esquece. As notas subiram em cachoeira do piano, precipitaram-se pela janela, enchiam o jardim, casaram-se ao cheiro das madresilvas, à azulescência do luar, à melancolia da planície, à serenidade do céu; rolaram no espaço e enterneceram as estrélas. O músico esqueceu-se de si, dos que o cercavam, da colônia, da terra, de tudo.

Quando terminou, ouviram-se palmas. Como? Olhou em redor de si. Havia outras pessoas na sala. Havia vozes no jardim. Havia gente diante do portão da residência... E quando saiu, pai e filha foram acompanhá-lo até o portão. O velho apertou-lhe a mão com prazer, ofereceu-lhe a casa, pediu que voltasse mais vezes, e a moça, por tras daquele olhar que era uma carícia, convidavá-o também, mas em silêncio, para que voltasse, para que viesse fazer-se ouvir novamente...

Em caminho para a colônia, por trilhos mal desenhados na campina, cortando as sombras dos pinheiros, ele se pôs a pensar, a pensar. Afinal — dizia com os seus botões — a outra classe é mais igno-

rante do que ruim. Essa gente realiza o melhor daquillo que lhe foi ensinado como sendo a moral, a justiça, a honestidade, todas as coisas nobres e elevadas da vida. Tem ela, por ventura, culpa de estar errada? E estará mesmo errada?

Parou angustiado. O orvalho caía levemente, suavemente sôbre a campina. O silêncio era como um perfume; transbordava das taças dos pinheiros.

Sim, estava errada. Aquela família, que o havia recebido, era a parte lírica de um drama que descia às contingências de tragédia; aquela joven tão linda, tão amável, talvez sofresse, por não ter o direito de amar ao escolhido de seu coração. Teria de casar com o homem que a família e a sociedade lhe indicassem para marido. E para sempre, fosse ele quem fosse. O amor não seria levado em conta, nessa escravatura sentimental. Talvez viesse a morrer um dia sem ter conhecido o amor! E as outras? As grilhetas do preconceito? As incontentadas, as tristes, as desiludidas? E a legião infinita daquelas que atravessam a vida, solitárias, como perdidos e inúteis tesouros dos mais elevados sentimentos? As incontáveis, que atravessam as noites como aquela, sem uma palavra de carinho, sem um beijo de amor?

Sentiu-se mais forte na sua filósofia. A Colônia Cecília, para ele, era um apostolado. Daria por ela tudo, tudo, como estava dando a mocidade, a glória, o seu quinhão de felicidade sôbre a terra. E os seus passos firmes resoavam na noite, esmagando as ervas secas, a areia branca do caminho, as gotas de claridade dos vagalumes.

## O HOMEM MISTERIOSO

No terreiro que ficava entre a Casa do Amor e o grupo de cabanas, erguia-se uma alta fogueira de ramos secos. O braseiro era vivo e alegre. As chamas subiam a mais de um metro de altura, prolongando-se em chuva de centelhas, em volutas de fumaça. Apreciando esse maravilhoso espectáculo, os colônos ficaram sentados às portas de suas casas, ou em bancos arrastados para fora. O pavilhão central estava muito animado. Havia gente encarapitada nas grades ou deitada pelo chão.

O regresso de Cárdias despertou interêsse. Eleda quis saber o que lhe havia acontecido. Mas o filósofo estava triste. Não parecia disposto a responder a tôdas as perguntas que ela lhe fazia, umas sobre outras. Sentou-se a uma tripeça que encontrou perto da fogueira e ficou-se a olhar para as brasas. Eleda, que não se havia conformado com o seu mutismo, voltou a interrogá-lo:

- Desanimado?
- Um pouco.
- Cansado?
- Não.



— Então, por que fica assim?

— Fome...

Puseram-se a rir. Os demais não sabiam do que se tratava e fizeram um berreiro. Cárdias procurou acalmá-los.

— Não se apressem. Dentro de pouco eu lhes prestarei contas da missão que me foi... imposta.

Ouviram-se palmas. Relanceou a vista em torno. Estava, de fato, diante de uma assembléia. A população da Colônia, por aquela época, era de trezentas pessoas, aproximadamente. Teve a impressão de que toda essa gente estava ali, ao redor da fogueira, à espera de sua palavra. Éleda voltou do seu casebre trazendo uma caneca de lata, cheia de café, e uma grossa fatia de polenta, tostada no borralho.

— Onde vocês arranjaram isto?

— Presente de Ciccio e De Paola; eles há tempo estão trabalhando na construção da estrada de rodagem do govêrno — um trabalho assassino — e o que ganham entregam à caixa da Colônia.

— Bons companheiros!

Sacudiu a cabeça, alisou os cabelos compridos e, à proporção que tomava o café com polenta, se pôs a falar:

— A coisa não foi tão má como se temia, nem tão boa como seria para desejar. Conversei longamente com o delegado. É um homenzinho liberal a seu modo; lamentou que ainda não tivéssemos dado à Colônia o desenvolvimento econômico das colônias existentes por aí a fora. Evocou o florescimento de Blumenau, de Joinvile, de Dona Francisca. Teve elogios para o "mir" dos teuto-russos. Está certo de que nós nos metemos numa iniciativa comercial co-

mo as demais. Aceitou mesmo que estejamos animados de princípios sociais, um tanto diferentes dos outros. Não se conforma, porém, com a escassa produção agrícola da Colônia.

O conde Colombo entalou o monóculo:

— Chamou a você unicamente para isso?

O engenheiro Grillo:

— Éle, afinal de contas, não tem nada que ver com os nossos processos internos.

E o camarada Damiani, professor de Latim e Grego:

— Seremos então obrigados a apresentar um relatório ao govêrno sôbre o maior ou menor rendimento da colônia?

O jornalista Lorenzini mostrou-se zangado:

— Para mim a velha Monarquia era bem mais liberal do que a joven República.

Cárdias, engulindo o último gole de café e entregando a caneca a Éleda, que havia ficado de pé diante dêle, resolveu-se, de facto, a falar:

— Camaradas, vocês precipitaram as suas conclusões. Eu ainda não contei tudo. A atitude do delegado, pelo menos do ponto de vista da organização atual, tem a sua razão de ser. Tanto mais que êle não praticou nenhuma violência; chamou apenas ao "chefe da colônia"...

Do lado da Casa do Amor registrou-se uma algazarra. Espoucaram risadas, silvaram assobios.

Cárdias deixou passar a refrega e continuou.

— ...quis o acaso que o "chefe da colônia", como êle disse, fosse eu, não por me haver arrogado ou mesmo aceito tal posto, que me encheria de ridículo, mas por que fui eu a pessoa a quem o policial entregou o papel a que êle denominou de "intimação".

Nova algazarra para a banda dos casebres. Uma mulher pediu a palavra. Outras, porém, procuraram dissuadi-la, pelo menos enquanto Cárdias não tivesse, inteiramente, dado conta da sua excursão à terra inimiga. Restabelecido o silêncio, êle recomeçou o relatório:

— O homem que, por sinal, me pareceu simpático, informou-me de que sôbre a Colônia pesa uma dívida de impostos atrasados. Com a advento da República, que não reconhece a concessão de terras, surgiram os impostos. Neste momento já orça por..... 850\$000. E os juros vão crescendo. No fim do ano fiscal, estarão dobrados. E irão por aí até devorarem o patrimonio coletivo. Sinto-me, pois, satisfeito de vê-los aqui reunidos e tão interessados no nosso destino. Aproveito essa boa disposição para interrogar aos camaradas sôbre o que devemos fazer, afim de salvar a Colônia das exigências da Coletoria. Aí vai a pergunta: que devemos fazer?

Sucedeu-se o silêncio; a assembléia procurava a solução. Dois segundos depois, Taravis saiu da noite e levantou a mão aberta, avisando que ia falar. Era um homem alto, magro, tisonado, felpudo, de olhos inquietos e vorazes. Estava sem camisa, mostrando um torso esquelético onde se poderiam contar as costelas. A única vestimenta era uma calça de riscado, arregaçada para cima dos joelhos, mostrando pernas ósseas e felpudas. Apoiava-se, como de costume, a um bastão cheio de nós, que mais parecia uma clava. Uns chamavam-no de Troglodita, outros de Iukanaan. Falava em tom profético, com a cabeça inclinada para trás, os olhos cerrados, erguendo frequentemente a mão. Poderia servir de modelo à figura de um apóstolo. Seria, talvez, o apóstolo da

Violência. Nos meios, julgavam-no atacado de "argentinismo". Era a mania de citar, a propósito de tudo, a eficiência dos camaradas argentinos. "Ah! Se fosse em Buenos Aires...". "Lá sim, é que as colsas fiam fino..."

A verdade é que Taravis conseguira ser uma figura misteriosa até mesmo na Colônia Cecília, onde não se pediam papéis a ninguém, nem se consultava o passaporte dos novos aderentes. Dizia-se albanês, mas os outros albaneses da Colônia negavam-se a reconhecê-lo como tal. Quando Taravis fazia questão disso, o que era de pouca importância numa aglomeração de homens que se dizim "sem Deus, sem Pátria e sem Lei", eles davam de ombros, não queriam gastar palavras com assunto de tão pouca importância. Expressava-se numa língua estranha, que tanto podia ser catalão como rumaiço, provençal ou mirandês. Falava de uma existência em Buenos Aires, vida de atorante, ao relento, dormindo nos bancos das praças públicas, debaixo das pontes ou ainda nas embarcações encalhadas no tejuco das dársenas. Contava a história sombria dos "grupos" organizados para isto ou para aquilo, dos assaltos a mão armada, dos golpes de audácia em proveito da causa. A causa para êle era a Causa, com C maiúsculo. Inculcava um passado de grandes lutas. Dava a entender que, lá longe, a polícia pusera a prêmio a sua cabeça...

Taravis chegara à Colônia numa noite qualquer; dormira no Pavilhão e, no dia seguinte, sem maiores formalidades, se apresentara aos companheiros. Entre êle e Cárdias havia um abismo. Cárdias falava a linguagem do Amor; Taravis a do Ódio. Naquele momento, iluminado pela claridade inquieta



das labaredas, parecia um homem fugido das cavernas. Com a palavra, limitou-se a rugir:

— Nem um tostão para a burguesia!

Uns aprovaram, outros discordaram. Surgiram discussões. Dentro do Pavilhão, os jovens altercavam:

— A burguesia tem por si a lei!

Taravis correu para a grade baixa do Pavilhão e gritou para dentro:

— Mas nós temos a força!

Alguns se aproximaram dêle, perguntando-lhe qual era a força a que aludia.

— A luta de classes!

— Mas eles têm soldados!

— Que quer isso dizer? Nós temos a solidariedade obreira do Paraná, do Brasil, da América, do Mundo! Se nos molestarem aqui, o proletariado internacional cruzará os braços.

Olhava em redor, para ver os que duvidavam.

Foi então que se ouviu aquela palavra fatídica:

— Argentinismo! Argentinismo!

A discussão generalizou-se, azedou. Quando os animos serenaram, Cárrias ergueu a voz macia:

— Há uma medida a tomar. Não será rigorosamente revolucionária, mas nós não temos dois caminhos a escolher. A medida que eu proponho é produzir. Iniciar imediatamente uma vasta plantação de milho, vendê-la e pagar os impostos. Entregamos essa operação de caráter financeiro ao camarada Taravis, que é entre nós um dos mais devotados. Cada um de nós deve assumir o compromisso de, a começar de amanhã, tomar a enxada e tocar para o campo, afim de obter a soma que nos é exigida.

Taravis levantou novamente a mão:

— E, enquanto a terra não produz, como viveremos na Colônia? Proponho seja criado um grupo de expropriação...

Muitas vezes se ergueram, num protesto. Surgiram discussões, altercações. Cinco minutos depois, um rapazola trepou na grade do Pavilhão e declarou:

— Já conversei com 19 companheiros, todos da minha idade, mais ou menos. Sacrifício por sacrifício. Enquanto vocês vão para a roça e plantam e colhem, nós iremos para o serviço da estrada de rodagem do governo, ganhar o nosso salário, para com êle fazer face às despesas mais urgentes da coletividade. Serve?

Cárrias ficou comovido com aquelas palavras. Levantou-se da tripeça e abriu os braços, num impeto de abraçar a todos aquêles jovens, mas não pôde dizer nada porque a emoção lhe havia dado um nó na garganta.

Sua sombra, porém, ergueu-se sôbre o terreiro, estendeu imensos braços inquietos e, dêsse modo, abraçou a quantos ali se encontravam.

\* \* \*

Aproveitaram aquela reunião para assentar os pormenores da obra que ficou com o nome de "campanha pela salvação da colônia". Surgiram numerosas dificuldades. Cárrias, agrônomo, achou que a época era propícia para a plantação de milho. Mas faltava a semente. E, por outro lado, escasseava ferramenta. Discutiu-se muito. A reunião chegaria até o alvorecer-se a solução de tais dificuldades não se ti-



vesse apresentado de um modo singelo. O conde e a condessa, que se mantinham afastados do grupo, vieram em seu socorro.

— Nós ainda dispomos de um joia de família que poderá ser empenhada para a compra de semente e enxadas. Depois da colheita, a colônia poderá resgatar essa jóia, que representa muito, muito, para minha mulher.

Cárdias recusou:

— Não aprovo essa solução. Ou a colônia tem elementos para viver por si mesma, ou deve ser dissolvida.

Nova discussão. Meia hora depois, Taravis, que não era tão ortodoxo como parecia, achou preferível ceder um pouco a perder tudo. Os demais se calaram diante de tais palavras. A condessa desacolchetou a gola do vestido e tirou do pescoço pesada corrente e medalhão de ouro. Com os polegares, destacou o oval de porcelana, onde se via o retrato de uma menina, e entregou o ouro a Taravis.

A Colombo estava comovidíssima. Abria mão daquela lembrança por um desejo superior de ser útil à coletividade. Eleda aproximou-se e, tomando-lhe as mãos, perguntou-lhe:

— Que foi?

Ela mal pôde responder:

— La bambina!

O conde amparou-a e, num passo vagaroso, dizendo-lhe palavras ternas, consoladoras, conduziu-a ao rancho.

Taravis ficou em pé, onde estava. Sopesou os objetos de ouro, mostrando-os aos companheiros.

— Avalio em seiscentos mil reis; no penhor, dará folgadoamente duzentos. É de quanto precisamos.

E seus olhos oblíquos, muito vivos, se enterneceram na contemplação daquêle punhado de ouro, ainda mais belo à claridade da fogueira.

No dia seguinte, foi à cidade e de lá voltou na boléa de um carretão carregado. Trazia vinte sacos de milho para o plantio e uma duzia de enxadas de boa marca, com cabos de caviuna.

Dois dias depois, ao primeiro arrepio da manhã, observou-se animadora atividade na colônia. Homens e mulheres faziam grazinada no riacho, atirando água uns nos outros. No terreiro, foi servido um farto café, com gordas fatias de polenta, da véspera, tostadas no borrarho. Terminada a colação, os homens maduros tomaram da ferramenta e se encaminharam para a roça, ainda orvalhada, com uma evaporação alvadia que o vento ia diluindo. Até mesmo Piero — o abúlico — botou às costas um saco de espigas e acompanhou os demais. Ao mesmo tempo, os 19 moços tomaram o caminho oposto, que ia dar no estradão, e se afastaram alegres, ao som de um velho hino:

“...e pártano cantando  
colla speranza in cor...”

Uma voz, de dentro do mato, cantou o estribilho:

“Eppur la nostra idéa  
Non é che idea d'amor!”

Quem estaria ali, no capão? Um dêles lembrou-se. Devia ser o Gioia.

E todos gritaram, com alegria:

— Gioia! Gioia!

## O TRABALHO

Todas as manhãs era aquela animação. Algumas mulheres ficavam na colônia, entregues aos trabalhos caseiros. Uma forneava a broa, outra areava os caldeirões de ferro à beira do riacho. Os alimentos eram preparados em duas dessas vasilhas, penduradas numa vara, sobre forquilhas. Embaixo, ardia um fogo bravo, de nós de pinho, juntados pelo campo. A mesa grande da Casa do Amor tinha sido arrastada para o terreiro; era ali que as mulheres atiravam a polenta, talhando-a em fatias com um barbante. A pitança que a acompanhava, como de praxe, era servida numa frigideira de cobre, de meio metro de diâmetro. O pão, cosido pela manhã, era leve, alvado e tinha a casca pururuca.

A hora do almoço, os trabalhadores iam chegando. Guardavam as enxadas na Casa do Amor e iam para o riacho, afim de se lavarem. Córdias tinha a paixão do sol. Saíndo da água, deitava-se sobre a relva, quasi nú, e ali ficava até ao fim do almoço. Só depois que todos haviam "feito o prato" e se retirado para casa, o pavilhão ou alguma macega fresca e cheirosa, é que ele ia servir-se. Não comia carne

nem bebia álcool. Contentava-se com muito pouco: um naco de pão, um pouco de polenta e um pé de alface. Nada mais. No entanto, era forte, talvez o mais sadio da colônia. Afirmava nunca ter ficado doente.

A tarde, a cena se repetia com algumas variantes. Voltavam cedo, ainda com o sol e, depois da refeição cada um deles se entregava à ocupação favorita. O conde Colombo, o professor Grillo e outros, que eram médicos, perdiam-se em largas conversas sobre o clima, os hábitos da população brasileira e alemã do Volga, as endemias da região. Não raro, um deles se metia pelos campos e quando regressava à colônia era com a patrona atulhada de plantas, flores e frutos silvestres. O resto da semana era empregado no estudo das suas propriedades terapêuticas. O conde criava preás, à falta de cobaias, para as suas experiências. O professor Parodi, de Gênova, um grande nome, interessara-se pelo caso Gioia. Regressando à colônia, o antigo guarda-livros teve de suportar a curiosidade do velho cientista.

Como foi contado, Gioia, num acesso de neurastenia, ou como queriam alguns, num gesto revolucionário de volta à natureza, tinha passado muito tempo ao relento, quasi nú, comendo ervas e frutas encontradas ao acaso da invejável vagabundagem. E êle, que era um cincoentão balofo, arruinado pela vida sedentária de trinta anos de escritório, tinha voltado do mato com aspeto bem diferente: magro, enxuto, tisonado, um brilho novo nos olhos, na pele e nos cabelos. Uma autêntica obra de rejuvenescimento. O professor Parodi gastava horas inteiras diante dele, a mendigar-lhe respostas.

— Mas você comia tudo o que encontrava?

— Não. Primeiro provava, para saber o gosto.

— Claro. E essas ervas e frutas, algumas vezes, não lhe faziam mal?

— Os joás me davam dor de barriga...

— Mas de que é que você gostava mais?

— Dos mamões que os caboclos me permitiam colher; ou do pão com salame que os trabalhadores da conserva me ofereciam, para me verem de perto.

Não era isso o que o professor queria saber; êle esperava que Gioia, no seu desvaio, tivesse encontrado uma planta que, devidamente mastigada, restituisse a força e a validade dos verdes anos. Mas Gioia não era o caso que êle sonhava.

O professor Damiani, da Universidade de Bruxelas, lia o seu Horácio, deitado de bruços, à sombra de um pinheiro.

Taravis entregava-se à escrita da colônia. Para matar o tempo, organizara também o arquivo. Em grossos cadernos, ia colando as referências dos jornais. Umam eram favoráveis, outras contrárias. Em certa caixa, devidamente etiquetados, reunia os balanços mensais, a correspondência trocada com diversas personalidades, os documentos relativos à doação das terras. Trazia tudo fechado debaixo de chaves e olhava com desconfiança os que, movidos por qualquer interesse, ou simples curiosidade, manifestavam desejo de consultar tais papéis.

Cárdias dedicava-se a outro passatempo. Transportara os bancos do pavilhão para um bosque próximo e, ali, reunia as crianças da colônia. Não raro, filhos de caboclos da vizinhança também apareciam, movidos pela curiosidade, ou para brincarem com os meninos da sua idade. Ficavam sentados, muito



quietinhos, com os olhos vivos e inteligentes na conversa de Cárdias, que dava as aulas em "brasileiro".

Entrava-se em Setembro.

Por êsse tempo, as tardes eram muito bonitas. O sol morria na distância, atirando ao infinito a sombra dos pinheiros. O gado mugia na planície. Os passarinhos procuravam as árvores umbrosas, para se aninharem e pela relva fresca zinia a música finíssima dos grilos. O ar cheirava a flôres de ingá e a rezinas.

Cárdias colhia uma flôr e mostrando-a aos discipulos se punha a decompô-la nas suas partes essenciais:

— Vocês estão vendo isto? Dentro de cada flôr há uma verdadeira oficina. Elas servem para fabricar, para reproduzir as plantas de que nasceram. O trabalho da flôr de laranjeira, por exemplo, é reproduzir a laranjeira de que nasceu. A flôr, geralmente, compõe-se de duas partes, uma externa, representada pelo cálice e pela corola, que vocês aqui estão vendo, e outra interna, aqui dentro do mesmo cálice, da mesma corola... O cálice é constituído por estas folhinhas verdes que se chamam cépalos, e a corola, a parte mais bonita da flôr, por estas folhas róseas, azues, ou amarelas, a que chamamos pétalas... O cálice e a corôla servem, quasi sempre, para defender os estâmes e o ovário. O estame é este fiozinho que se ergue no centro da corola. Na ponta, êle tem uma cabecinha pequenina, como vocês podem ver, chamada antéra, contendo um pó quasi sempre dourado, chamado pólen. O ovário, por assim dizer, é o centro do cálice e da corola. Quando chega o tempo da reprodução, o pólen cai no ovário e aí, encontrando os

óvulos, unem-se formando um grânulo maior, que é a semente...

Por essa altura a lição já se havia tornado tão interessante que "a gente grande" da colônia vinha juntar-se às crianças. E Cárdias, que acima de tudo era apóstolo, ia pouco a pouco se esquecendo das crianças para falar aos adultos. Dentro em breve, estava voltado para os amigos e dizia-lhes:

— Então as plantas fanerogâmicas — aquelas cujos sexos são mais distinguíveis — a promiscuidade é a lei e a monogamia a excepção. O casto lírio fecha na nívea corola cinco estames ao redor de um só pistilo, e a própria rainha das flôres recebe ao redor do único genulário um regimento de masculinos que representa muitas vezes o múltiplo de cinco. Mas se desejais considerar os estames de uma flôr como os diversos órgãos sexuais de um único masculino, pensai nas numerosas espécies de plantas que dão flôres masculinas em alguns indivíduos e femininas em outros. Pensai nas coníferas dos Alpes, nas palmas dos trópicos. São nuvens de polens provenientes de milhares de masculinos que o vento transporta, rodopiando, para longe, afim de depositar nas flôres femininas que os esperam. Os grânulos de pólen da mesma antéra quem sabe sôbre quantos pistilos descem? Quem sabe dizer por quantas antéras um gineceu é fecundado? Quando diversas variedades de plantas pertencentes a uma mesma espécie são semeadas proximas, observam-se numerosos abastardamentos. Suas flôres negam a fabula da monogamia e da fidelidade conjugal. Mesmo entre os animais a monogamia é uma excepção, quasi toda ela resumida à ordem dos passaros, onde a incubação e os cuidados com os filhotes a tornam necessária. Na história primi-

tiva da humanidade, encontramos o matriarcado. Muito mais tarde, e sob a influência de razões econômicas e políticas, vem o patriarcado poligâmico e, por último, o patriarcado monogâmico. Mas algumas escolas filosóficas, seitas religiosas e rebeliões individuais têm afirmado em todos os tempos, até nós, o amor livre como um protesto da natureza e da razão...

Pouco a pouco, a colônia inteira vinha para o bosque ouvir-lhe as lições.

As crianças, sentadinhas nos bancos, deixavam de compreender-lhe a linguagem, tão singela no começo.

E a noite ia caíndo sobre a planície, sobre os pinheirais, sobre o sertão.

De longe vinha um saudoso bimbalar de sinos.

E um mugir de reses.

E o canto dos moços que trabalhavam na rodovia do govêrno e que, ao anoitecer, regressavam à colônia.

\*  
\* \* \*

Na margem oposta do riacho, estendia-se uma planície rasa que ia terminar em pinheirais escuros; pela manhã eram levemente azuis e á tarde pareciam empoados de purpurina. Até lá se estendiam as terras da colônia. Apenas uma parte estava cercada de mourões com um fio de arame; o restante permanecia em aberto e não raro servia de pasto aos animais da vizinhança.

Foi nessa planície que se fez a plantação de milho. Dava gosto observar a atividade daquela gente. O próprio Piero tinha deixado de ser preguiçoso. Gioia,

que era o lirismo em carne e osso, acabara por afeiçoar-se ao cabo de enxada e, como era um repositório de anedotas, "di quelle piú carine", não perdia a oportunidade de divertir os companheiros. Córdias tinha por êle particular estima e designava-o como "o homem que encontrou a si mesmo".

Enfim, todos trabalhavam, dando para a obra o mais que podiam. Tal fenômeno tinha sido previsto pelos autores das mais risonhas utopias, entretanto não havia sido provado. O homem é profundamente solidário. O passado mostra-nos, nas calamidades públicas, populações inteiras, com risco da própria vida, sacrificando-se pelo bem comum. Nas próprias sociedades burgueses, há profissões que, apesar de tudo, parecem animadas desse sentimento. O mineiro que passa a vida no fundo dos poços, entre a ameaça do grisú e de um desabamento, não foge à sua profissão. O mesmo se dá com os lixeiros, que removem os resíduos das cidades e que vivem num ambiente mortífero. Os salários em tais profissões não correspondem, nem de longe, aos perigos a que se expõem. Se eles, de facto, quisessem mudar de vida, fa-lo-iam facilmente, pois qualquer outra modesta profissão lhes asseguraria o escasso salário. No entanto não a abandonam. A roda dêles a morte faz ciranda. E eles, firmes. Esses pobres homens não sabem que estão realizando obra superior, de solidariedade humana. Nas sociedades livres, então, esse sentimento assume grandiosas proporções. Um simples apêlo em prol da coletividade faz levantar todos os homens como se se tratasse de um só. Foi o que se deu na Colônia Cecília.

A planície fronteira aos ranchos, arripiada de ervas daninhas, foi pouco a pouco revolvida por cerca



de quarenta enxadas que se revezavam por turnos. A mancha negra do amanho alargava-se incessantemente. A segunda turma ia batendo os torrões com o olho da ferramenta, amontoando a erva seca, aplainando o campo. A terceira abria sulcos retílineos, substituía penosamente a falta dos arados puxados por parselhas de bovinos, como se via nas empresas ricas. Todas as manhãs, os colônos, entre o banho no riacho e a caneca de café com o naco de broa, ficavam-se a olhar para aquela mancha negra sôbre a qual bailavam evaporações alvacentas. Não eram homens comuns. No fundo de cada um dêles havia um poeta ou um apóstolo. Muitos sonhavam em voz alta.

— Com o excedente da colheita, construiremos um teatro, um teatro diferente, para nossos filhos.

— Mais do que um teatro, um instituto em que todas as artes sejam amorosamente cultivadas. Naquelas evaporações eu vejo bailarinas dansando.

— E uma biblioteca.

— E uma piscina.

— E um campo de esportes.

— E um pomar.

— E um jardim.

Cárdias achou que para uma primavera que se préza, aquela macega bravia se apresentava monótona e incolor. Prometeu mandar vir sementes de flôres e plantas coloridas. Um dia, a planície deixaria de ser parda; cobrir-se-ia de extensas manchas róseas, azuis, amarelas, brancas, como imensa palheta de pintor. Era tão fácil realizar isso...

Taravis sorria mostrando os dentes pontudos.

— Vocês estão sonhando. Tudo isso custa caro. E' preciso muito dinheiro.

A palavra dinheiro enchia-lhe a boca, iluminava-lhe os olhos esbrazeados.

A plantação foi rápida e terminou numa festa, uma pobre festa que os reuniu a todos ao calor da mesma fogueira. Assaram batatas no borralho e tomaram mate à moda do sul. Foram medicos da colônia que tiveram a idéia de adotar o mate. A princípio a bebida não agradou muito. Somente Taravis, que viera da Argentina, e alguns outros se entregaram aos prazeres do chimarrão. Depois, como o mate, em pequenos jacás de taquára, ficasse mais barato que o café, o uso se foi generalizando. Gioia, enamorado da vida simples, fez-se logo apóstolo da bomba e da cúia. Levava para o serviço os petrechos e, enquanto trabalhava, a chaleira fervia na itacoruba. De hora em hora, largava a enxada, batia as mãos para tirar a terra, e, deliciado, se punha a chupar o chimarrão. De longe, o professor Parodi, espiava-o com o rabinho do olho.

Cárdias vivia deslumbrado por tudo que o cercava. Sua simpatia pelo caboclo era notória. Estes procuravam-no frequentemente para consultar sôbre a maneira de combater determinadas pragas. O agrônomo e o matuto, parecidos no jeito, na vestimenta sumaria e no chapéu barato, ficavam de cócoras no caminho e, pitando, conversavam horas esquecidas.

Daí o carinho com que seu nome era pronunciado nos ranchos de algumas regiões do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.



## A COLHEITA

Durante meses a colônia assistiu, esperançosa, à transformação daquela terra negra em milharal. As sementes nasceram de um dia para outro. Foi como se tivesse chovido azinhavre. Depois, as tenras plantinhas foram se desenvolvendo, deitando folhas compridas, tornando-se pé de milho. E cresceram. A princípio, davam pelo joelho dos colônos; depois lhes alcançaram as cinturas. Por último, só se viam os chapéus dos homens e os lenços das mulheres que transitavam pelos carreiros. Com o tempo deitaram pendão, entumeceram, formaram as espigas, as quais, por sua vez, granularam e entraram de secar.

Iniciou-se a colheita. As espigas, durante uma semana inteira, foram transportadas para a Casa do Amor, transformada em tulha. Córdias tomava providências contra os ratos e os gorgulhos. Por outro lado, Tarávis andava numa dobadoura entre a colônia e o comércio de Palmeira. Levava amostras, procurava os negociantes, discutia preços por carro de espigas, fazia as contas das despesas, dos lucros. Certa manhã, a colônia recebeu a visita do coletor estadual, com uma intimação, dessa vez de caráter

fiscal, marcando data para o pagamento dos impostos. Era um sujeito amável. Vendo o milho amontoado no pavilhão, fez cálculos rápidos e ficou contente, pois a colônia estava em condições de quitar-se com o governo. Desbarretou-se e lá se foi.

As coisas estavam nesse pé quando Éleda, que nos últimos tempos se mostrava arredia, deixou-se ficar em casa. No dia seguinte a mesma coisa. Alta noite, Cárdias foi bater à porta do conde Colombo.

— Que há?

— Éleda sente-se mal.

O conde e a condessa correram para lá. De manhã, quando os colônos se levantaram para o trabalho, ouviram choro de criança nova na casa de Cárdias. Entreolharam-se. Ninguém lhes tinha falado nisso... Durante a noite Éleda dera à luz uma linda menina, a quem Cárdias atribuiu o nome de Hebe, deusa da mocidade, do amor e da alegria...

Cárdias não se importou mais com a colônia, o milho, as mil preocupações da véspera. Sentou-se à beira da cama e ali ficou, em adoração. De quando em quando acordava a filha para a ver chorar... Depois do almoço, houve uma romaria de mulheres ao seu rancho. A Cappellaro, a Gattai, a De Paola foram visitar mãe e filha. Quem tinha um palmo de lã e uma fruta madura ia fazer o seu presente. Cárdias não cabia em si. Falava só, conversava com as árvores, sorria compreensivamente para as flores, os pássaros, as nuvens.

Tarávis, entretanto, se afobava na entrega do milho. Apareceu no terreiro o carretão do comprador, sendo recebido com entusiasmo por toda a colônia. Dai a pouco regressou carregado de espigas.

Fez mais uma, duas, três, quatro viagens, até que o pavilhão se esvaziou. Na última viagem embarcou Tarávis, levando consigo um saco cheio de objectos angulosos.

— Você vai levar os livros?

— Claro. É para fazer as contas.

Isso se deu à boca da noite. O carretão partiu, perdendo-se entre as duas árvores da estrada. As crianças varreram a palha caída no terreiro, ajuntaram-na a um canto e puzeram fogo. As chamas se elevaram, iluminando o pavilhão vazio e os ranchos débilmente alumados pelos candieiros de querozêne. Como o dia era de festa, alguns colonos se reuniram à luz daquela fogueira; trouxeram bandolim, sanfona, até mesmo uma gaita de fôle, que ainda não se tinha visto, e o baile começou. Todas as conversas começaram assim:

— Amanhã, quando Tarávis voltar...

Tarávis, porém, não voltou no dia seguinte. Estava, naturalmente, ocupado com os negócios da colônia. Os compradores, talvez, poderiam ter preferido o milho debulhado e ele teve de recorrer às máquinas das colônias ricas. No dia seguinte, também não apareceu. Que teria acontecido? Dificuldades súrgidas à última hora. A burguesia é assim mesmo. Vão ver que alguém está dificultando a venda do milho para prejudicar a Colônia Cecília. Mas a porta do rancho de Tarávis estava aberta. Seria isso possível? Todos sabiam que ele era o único a trancar a porta; andava com a chave no bolso. Quem sabe se já voltara, tarde da noite, e adoecera? Um homem decidido entrou no rancho. Estava tudo revolvido, como depois de mudança. Nenhuma peça de roupa. Na tarimba, só se viam as esteiras esfarrapadas. Nem ao menos o co-

bertor vermelho, de barras pretas, que, nas manhãs de frio, o tesoureiro atirava pelas costas, como se fôra um manto. E o arquivo? Tinham desaparecido os livros grossos dos assentamentos, os amarrados de cartas, os cadernos de recórtés de jornais. O homem curioso chamou os outros. Só então a suspeita surgiu entre os colônos.

— Teria fugido com o dinheiro da colheita?

— Pode ser.

Foram contar a Cárdias. Ele estava a mil leguas de tal idéia. Não acreditou, nem permitiu que se pensasse mal do camarada. Mas no dia seguinte, o coletor voltou. Diante da hesitação das pessoas com quem falava, a sua amabilidade da semana anterior desaparecera. Tornou-se sêco, desconfiado. E saíu com esta ameaça:

— Se vocês até amanhã não pagarem os impostos devidos à Fazenda, entrego a cobrança ao Judiciário.

Então, desde aquêlo momento, a espera tornou-se ansiosa. Durante o dia inteiro, na boca do caminho, interrogando a estrada que ondulava pela planície, ficaram alguns colônos. Seria possível que o companheiro não voltasse? A noite os moços, fatigados pelo trabalho na rodovia, resolveram dar um passeio a Palmeira, para ver se, por acaso, encontravam o desaparecido. Mas foi inútil. Regressaram alta madrugada e como na casa de Cárdias ainda houvesse claridade, bateram levemente à janela. Ele apareceu, com um livro na mão, marcando com o indicador a página em que havia interrompido a leitura.

— Boa noite, rapazes.

— Boa noite, Cárdias.

— Que há de novo?

— Nem sinal do homem. Deve ter fugido com o arquivo e o dinheiro da colheita.

— Parece. Vamos ver até amanhã.

Uma voz aventurou:

— E se apresentássemos queixa à policia?

Cárdias sobressaltou-se.

— Nunca. Nem que ele tivesse, de facto, furtado o dinheiro da colônia. Nem que êle se encontrasse estabelecido em Palmeira, a desafiar-nos.

— Nesse caso?

— Tudo perdido. Os homens ainda não estão na altura de lutar pela própria liberdade. A culpa não é dêles, é da organização que os criou e educou.

Os rapazes se retiraram.

Fratelo, o cachorro da colônia, acuava alguma coisa ao longe; devia ser um gambá.

Cárdias ali ficou, debruçado na janela, a pitar e a refletir sôbre os acontecimentos. Assim viu clarear o dia. O primeiro homem que apareceu no terreiro, perguntou-lhe:

— Hoje não se trabalha?

Ele sorriu tristemente.

— Para quê?

Sim, para quê? A humanidade, em boa parte, ainda está satisfeita com a vida que leva. Criaram-na para escrava; a liberdade amedronta-a. Por isso, é a primeira a tomar o partido do forte contra o fraco, do verdugo contra a vítima. E a culpa de quem é? De nós mesmos que, há milênios, abdicamos de tudo, aceitámos o que nos fazem e o que nos dão. Maravilhoso seria que a humanidade não fosse assim, que os Tarávis não procedessem assim. São os Tarávis que mantêm a organização de fome e de opressão em que vivem todos os Tarávis.



O homem recolheu-se de novo ao seu rancho.

Alguns dias depois, vieram uns meirinhos; entraram sem pedir licença e, isentos de formalidades, puzeram-se a arrolar as propriedades da colônia, terras, ranchos, ferramentas. As reuniões se multiplicavam na Casa do Amor. Não se chegava a acôrdo. O essencial era pagar os impostos e não havia dinheiro para isso. Muitos partiram. Penduravam a trouxinha na vara e descalços, magoando os pés nos torrões da estrada lá se iam... Os rapazes que trabalhavam na rodovia do govêrno foram morar com os demais operarios da estrada, em Palmeira. O conde e a condessa mudaram-se para Curitiba, onde êle abriu consultório. Os professores de Grego e Latim seguiram o exemplo, arranjaram meios de ganhar a vida com suas lições. Na colônia só ficaram Cárديات, Éleda e mais alguns colônos, que não tinham para onde ir.

Sobre êles, palpitava ainda, no alto da única palmeira, um farrapo negro e vermelho; era o que restava da colônia.

Se o filósofo italiano alimentasse alguma ambição poderia ter ficado rico, sem desviar-se da burguesa honestidade. A verdade é que, segundo informam os contemporâneos, aquelas terras tinham sido concedidas a êle, pessoalmente, para nelas estabelecer uma colônia, de acôrdo com as suas convicções. Isto é, em linguagem corrente, as terras eram suas. Qualquer negociante de Palmeira lhe adiantaria, em seu nome, o dinheiro necessário para pagar os impostos e desenvolver a fazenda, sim a sua fazenda, que a Cecília, poderia ser transformada numa imensa e rica fazenda...

Mas ele não quis.

## XII

### O DRAMA

Durante o ano que se seguiu completou-se o desmantelamento da Colônia. Algumas famílias, na impossibilidade de se retirarem para outras regiões do Paraná, ali foram ficando. Pouco a pouco, adaptaram-se às novas condições. Construíram ranchos separados, cercaram os terrenos de que necessitavam para plantações de milho, horta e galinheiro. Ninguém se opôs a isso, pois a preocupação do govêrno, nos anos que se seguiram à Lei Aurea, foi aumentar a corrente imigratoria e fixar no país os camponeses europeus. Com o tempo aquelas famílias deveriam alargar as cercas, apossando-se, legalmente, de extensas datas de terra.

Cárديات não tomou nenhuma providência para conservação da propriedade. Nunca demonstrou resquícios de ambição. Nunca aspirou a ser fazendeiro. O que êle havia desejado — sacrificando anos de trabalho, expondo-se à critica de muita gente — era a realização da sua utopia. Essa havia falido lamentavelmente. Foi para êle um período amargo.

Disponha de profundas amizades na Itália. Enrico Ferri sentia por êle viva admiração; Leônidas Bisso-

Jali, que chegaria a ser ministro, era-lhe mais do que um companheiro, um irmão Poderia, pois, ter voltado à Itália, com a companheira e a filha. Por outro lado, em toda América do Sul a sua experiência tinha despertado o interesse dos governos, partidos, associações, jornais, personalidades de relêvo. Conta-se que Battle y Ordoñez, ex-presidente do Uruguai, quando exilado, fez uma demorada visita à Colônia Cecília, tendo ali, nos dias áureos, tomado o chimarrão de Gioia. Mas as crônicas não falam dessa visita. Embora. Bastaria êle manifestar o mais leve desejo e o govêrno do Estado, ou mesmo o govêrno federal, te-lo-iam chamado para o seu serviço, pois o dr. Giovanni Rossi já havia firmado entre nós a reputação de notável agrônomo. Preferiu ficar ali, no seu rancho, diante da Casa do Amor, transformada em Casa dos Morcegos. Aquêlê quadro triste era um pedaço de sua mocidade. Nenhum recanto do mundo lhe ofereceria tão profundas recordações.

Pôs a sua ciência ao serviço dos agricultores da região. Chamavam-no de Palmeira, de Santa Barbara, até de Curitiba. Os teuto-russos quiseram atraí-lo para a sua coletividade. Cár dias rejeitava sempre. Sua vida, com a mulher e a filha, roçava pela miséria. Tiravam da terra, cultivando-a, quasi tudo o de que necessitavam. O resto era obtido com o pouco que Eleda vendia às pessoas da vizinhança. O agrônomo não cobrava nada pelos seus serviços. E os caboclos tinham-no sempre à sua disposição, fosse de dia ou de noite. Sua presença não alarmava a ninguém. Era natural como a luz, bom como a água. Vestia-se como toda gente da roça: calça de riscado, camisa de chita, chapéu velho, muito surrado, que já havia perdido a forma. Não raro, fazia grandes caminhadas descalço,

principalmente porque êsse era o seu gosto de enalorado da natureza. Eleda, por sua vez, tinha se dado bem com os vestidos daquela chita florada que os mascates, de quando em quando, iam vender por sítios e sitiocas. A menina era um encanto. Começava a andar. Papagueava as primeiras palavras. E todos se sentiam felizes naquela pobreza de franciscanos da Porciúncula. Foi ali que êle escreveu o seu livrinho.

Assim mesmo foram intimados a abandonar as terras. Aconteceu, porém, que Eleda deu à luz a segunda filha. Chamaram-na Janina. Dirigindo-se às autoridades, foi-lhe concedido o prazo necessário para o restabelecimento da espôsa e a obtenção de meios com que fizessem a sua mudança. Cár dias escreveu diversas cartas, pedindo colocação. Começou a esperar.

Um dia chegou do Rio Grande do Sul proposta tentadora: ofereciam-lhe lugar de professor da Escola Superior de Agricultura, de Taquarí. Aceitou. Quando êle e a mulher deliberaram partir, as filhas ficaram doentes. Foi um golpe terrível. Não compreendia isso. Como é que crianças podem ficar doentes? E como o mal se agravasse, chamou com urgência o conde Colombo. Este chegou uma noite de Curitiba e, depois de examinar as duas crianças, abraçou tristemente o amigo... Crupe.

Impossível descrever a dôr daquele homem que era todo coração. Na hora pálida do alvorecer, as duas crianças fecharam os olhos, morreram. A angustia foi para êle tão funda que — diversas pessoas dão testemunho — desvairou-se. E, nesse desvairo, permaneceu por algum tempo. Em Palmeira corre ainda uma versão, registada por Alexandre Cerchiai, segundo a qual Cár dias obteve da bondade do dr. Co-



lombo embalsamasse as filhinhas mortas. Feito isso, recolheu-as a duas urnas de madeira, que mais pareciam caixas de violino, e colocou-as no seu quarto, como os religiosos fazem com os santos. Diante daquelas duas flôres humanas, emurchecidas pela morte, êle ficava horas inteiras, em adoração.

Logo depois foi publicada a sua nomeação para professor. Com a notícia, chegou-lhe a importância necessária para a viagem. Não se demorou em partir. As terras da antiga colônia eram ansiosamente esperadas pelos pretendentes. Ademais, aquilo já não o prendia. Tinha sofrido ali de todo jeito. Sua alma se partira como um cristal finíssimo, à sombra daquelas duas árvores, à beira daquele riacho de águas mansas, com um ingazeiro coberto de flôres alvas e perfumadas...

\*  
\*   \*  
\*

No ano seguinte, vamos encontrá-lo em Taquarí. Morava numa casinha baixa, no caminho da Escola. Já não era, porém, o rancho da colônia. Tinha sala de visitas, janela com vidraças, jardimzinho bem tratado. A sala ostentava mobília austríaca, estantes carregadas de livros, flôres sôbre os consoles. No canto da sala, coberto por toalha de crivo, com um bocal cheio de rosas, o grande piano alemão.

Cárdias, com a viagem, o trabalho na Escola, os cursos, se havia reposto, em parte, da crise moral. Mas já não era o mesmo. Vivia calado, pensativo, por vezes abstrato. Embalde a mulher o tratava como a uma criança doente, inventando cuidados e atenções. De pouco valia a solicitude. Sua tristeza era profunda, contagiante, irremediável.

Assim que chegaram a Taquarí, o agrônomo e a mulher conquistaram a simpatia daquela hospitaleira gente. No entanto, a vida de ambos era retraída. Por mais que lhes fizessem convites, que instassem para visitas e passeios, os dois passavam a vida sozinhos, em casa. As pessoas que tratavam com ambos sabiam perfeitamente que aquilo não era por mal entendida vaidade de professor; afirmou-se, ao contrário, que o seu retraimento só poderia ser levado em conta de excessiva modéstia. E a curiosidade dos vizinhos ainda ficou mais aguçada ao constatar que, todas as noites, havia música naquela casa pobre, perdida no velho caminho da Escola. Que seria?

Certa madrugada, duas mulheres que voltavam do baile, viram a janela iluminada, ouviram um planger de piano que mais parecia de órgão. A curiosidade é má conselheira. Aproximaram-se da janela e, através da vidraça, espiaram para dentro. O professor estava sentado ao piano, como num êxtase. Diante dêle, sôbre o instrumento, havia duas caixas de violino com duas bonecas louras, pálidas, tão pálidas que causaram arrepios às duas curiosas. Não, aquilo não eram bonecas, eram crianças mortas...

E Cárdias continuou, diante dos sarcófagos das filhas, improvisando ao piano composições que eram queixas, profundas como soluços, dolentes como rezas. E assim, êle na terra, as filhas no céu, conversavam ácerca do mistério azul, faiscante de estrêlas, daquela noite sôbre os pampas.



### XIII

#### EPILOGO

Neste ponto o nossa personagem se desdobra: Cárdias, o filósofo, o sonhador, o poeta, o pioneiro da Colônia Cecília, morre. Em seu lugar fica o dr. Giovanni Rossi, agrônomo, escritor, pai de família, uma das personalidades estrangeiras mais interessantes do Brasil dos fins do século passado. Falemos, pois, do dr. Giovanni Rossi.

Dali por diante, mercê da solicitude da suave Éleda, a sua tormenta foi amainando, amainando. Do passado só lhe ficou uma saúde que andava esparsa por tudo. Ele a encontrava nos livros, nas expressões caseiras, nos objetos de uso. A propósito de qualquer coisa, no meio da mais franca alegria, ele se calava, entristecia, os olhos se lhe marejavam de lágrimas. Fora tocado pela irmã invisível, a saúde. Uma vez, ao abrir a gaveta da velha cômoda, que- dou-se imóvel para logo sufocar-se de soluços que ninguém ouviu, nem mesmo Éleda. É que ele tinha sentido um perfume velho; naquela gaveta estava guardado o resto da alfazema que a parteira da roça tinha queimado num pires, na noite do nascimento de Janina.

E os anos foram passando. Em 1895, Éleda lhe deu uma menina; em 1897, outra. E o pai, tendo fundido todos os amores em dois amores, rejuvenesceu, alegrou-se, encarou de frente a vida. E venceu. Em 1900, por ocasião do cinquentenário de Blumenau, escreveu uma página literária, que é um grito de entusiasmo por aquele pedaço de nossa terra.

Foi dos primeiros propagandistas da silvicultura, afirmando que, onde se abatesse uma árvore, deveria ser plantada uma dúzia. Pugnou pela plantação da amoreira e criação do bicho da seda. Escreveu contra a devastação das matas e condenou as queimadas. Em 1905, foi nomeado diretor da Estação Agrícola de Santa Catarina, em Rio dos Cedros, município de Blumenau, e aí fez os primeiros estudos sobre a praga que empobrecia os plantadores de fumo. Ainda mais, dirigiu-se ao seu amigo Bissolati, então no apogeu político, e por seu intermédio obteve que o governo italiano iniciasse a importação do tabaco do sul do Brasil. Infelizmente, naquele tempo, a nossa produção ainda não era de molde a satisfazer ao mercado europeu; a iniciativa não foi adiante, mas a Régia italiana forneceu todas as indicações que facilitassem, de futuro, tal comércio.

Nos últimos meses desse ano deixou a direção da Estação Agrária de Rio dos Cedros e regressou à terra natal, onde havia recebido a incumbência de fundar e dirigir o "Vivaio Cooperativo della Liguria".

Noticiando a sua partida, a "Revista Agrícola" abre o número de Janeiro de 1906 com estas palavras: "A nossa revista, podemos dizer, está sem armas para combater: deixou-nos o eminente dr. Giovanni Rossi. O nosso ilustre amigo foi para a Itália, com sua exma. família e, está nos parecendo, não

voltará mais ao nosso Estado". A notícia prosseguia no mesmo tom de amizade e de admiração.

Voltando à pátria, depois de quinze anos de Brasil, onde sonhou, amou e lutou, êle levou consigo uma lembrança: o cabo da enxada com que trabalhou na Colônia Cecília. Ia cheio de saúdades porque, contam os velhos amigos e se comprova pela leitura de sua vasta correspondência, êle tinha pelo Brasil uma profunda e sincera afeição. Em 1905, data da partida, Éleda era uma beleza fanada, pálida, com os primeiros cabelos brancos. O companheiro repetia, enternecido, que ela era a velha mais bonita deste mundo... As filhas estavam, respetivamente, com 10 e 7 anos. Eram duas lindas gaúchas, louras e de olhos verdes. O pai afirmava que não tinha perdido nenhuma filha. Eram as mesmas. As que morreram em Palmeira nasceram em Taquarí. Êle as reconhecia perfeitamente, e ôlho de pai não se engana...

Na Itália, ocupando altos cargos, não se esqueceu do Brasil; publicou artigos e folhetos restabelecendo a verdade, por vezes deformada, sobre nossa terra e nossa gente. Em 1939, pouco antes da presente guerra, a família inteira ainda estava viva: o dr. Giovanni Rossi, então com seus 83 anos, ainda tomava belos banhos de sol e fazia longas caminhadas a pé, como era seu costume; Éleda estava branquinha, um tanto curva, o que ela por faceirice disfarçava com um grande lenço vermelho cruzado sobre o colo. Seus olhos, porém, estavam moços. Ainda brilhavam com toda a luminosidade dos céus do Brasil! E as gauchinhas? Ah! Essas tiveram um belo futuro. Estavam grisalhas. A mais velha, depois de um belo curso, formara-se, era doutora, professora de uma Universidade. A outra, casara-se cedo, tinha duas

filhas e a sua grande ambição era, um dia, ser chamada brasileiramente de — vovó...

Assim passou pelo Brasil de ontem uma rajada de sonho e de idealismo. Era um sonho velho como o mundo, mas que espagadamente floresce, desabrocha ao sol do sentimento e da inteligência como uma grande flor vermelha.

\* \* \*

E a Colônia Cecília?

Desapareceu.

Em seu lugar está uma tapéira. Alexandre Cerchiai que lá esteve, há alguns anos, escreveu uma carta que é uma lâmina de aço. Contou-nos que, ali, "o espirito morre antes do corpo". Os velhos aceitaram a organização milenar e fumam tranqüilas cachimbadas à porta de suas casas. As crianças, filhas de caboclos, italianos e alemães do Volga, são de uma beleza sem par. Andam descalças e trazem um laço azul nos cabelos de ouro.

Mas do sonho anarquista nada resta. O governo imperial teve razão quando confiou na voracidade da terra. O sonho morreu; o colono vive, trabalha, paga o fisco e, para matar o tempo, guarda moedas de prata num velho pé de meia.

É um lugar como os outros.

Nada lembra a passagem do profeta.

O sonho não sobreviveu ao madeiramento da Casa do Amor.

Nem mesmo às flôres daquele ingazeiro que pendia sobre as águas e embalsamava a brisa da tarde, uma brisa que vinha de longe, dos pinheirais azuis, manchados de ouro pela purpurina do sol...

## NOTAS

Meu intuito inicial foi traduzir o pequeno trabalho "Un episodio d'amore libero nella Colonia Cecilia", escrito e vivido pelo dr. Giovanni Rossi que, para o caso, usou seu pseudônimo de Córdias. O assunto, porém, me interessou de tal maneira que pús de parte as páginas do filósofo e tratei de obter novos dados, afim de esclarecer a amargurada existência da Colônia. Depois, pintando paisagens, acentuando caracteres, comentando situações, acabei por me encontrar diante de obra minha, escrita sobre a narração do ilustre agrônomo, há mais de cinquenta anos. Faço esta ressalva, não porque pretenda louvores que não me caibam, mas para que não sejam atribuídas ao fundador da Colônia Cecília as minhas deficiências. Fique, pois, entendido que o ouro aqui existente é do escritor italiano; a obra de novelista será minha, e nela, como se faz em peças de ourivesaria, inscrevo o nome do lavrante.

\* \* \*

Em 1932, o nome da Colônia Cecília foi lembrado pelos "Quaderni della Libertá" que, por essa época, eram publicados em São Paulo. No número 2 da aludida publicação foi reeditado "Un episodio d'amore libero nella Colonia Cecilia", contado pelo dr. Giovanni Rossi, sob o pseudônimo literário de Córdias, com uma abertura escrita por Alexandre Cerchiai, onde eram igualmente citados os trechos mais interessantes do relatório elaborado, em 1893, pelo mesmo Córdias, e publicado a expensas do semanário "Sempre Avanti" de Livorno, e reproduzido, em 1902, pela "Protesta Umana", de Chicago. Outro manancial de informações para os estudiosos é o grosso volume publicado em Zurique, no ano de 1897, por A. Senflemen, e no qual se encontram as cartas, notícias, relatórios e polémicas de Córdias sobre a Colônia Cecília. Mas esse volume é, ao que parece, igualmente inencontrável. Muito principalmente nos dias que correm. No número 5 dos "Quaderni" de São Paulo, publicação a que nos referimos linhas acima, encontra-se também uma carta de Alexandre Cerchiai. O escritor e jornalista que tantos anos residiu em São Paulo, onde morreu, sentiu-se tentado pelo assunto, foi ao Paraná, dirigiu-se às localidades de Santa Bárbara e Palmeira e aí pôde apreciar — com uma pontinha de amargura — o que



restava da famosa colônia, em 1932, isto é, quasi meio século depois da sua fundação.

Com essas e outras, embora escassas, informações, não resistimos ao desejo de evocar a curiosa tentativa encorajada pelo nosso Imperador. Não tentamos descrever a acidentada história desse empreendimento de filósofos e poetas, ela já está escrita, embora seja difícil, talvez impossível, encontrá-la. Cárrias, que era jornalista e escritor de primeira água, escreveu-a melhor do que ninguém, com o sangue de seu próprio generoso coração. Procuramos, no entanto, contar aos possíveis leitores destas páginas, como o seu sonho pôde ser transplantado e conseguiu florir, embora efemeramente, naquele tempo em que nós recebíamos da formosa Península, além de ótimos trabalhadores para os campos, homens de alma inquieta que renunciavam aos bens materiais para fazerem qualquer coisa em prol dos destinos da humanidade. Eram filósofos, poetas, sonhadores de um mundo melhor. Muitos deles combateram conosco, lado a lado, para a grandeza que em parte conseguimos. Nesse número estão, entre outros, Libero Badaró e Giuseppe Garibaldi.

Na esperança de acrescentar algumas informações às conhecidas, escrevi diversas cartas a descendentes das famílias pioneiras da Colônia Cecília, que ainda os há por aí, a prefeitos paranaenses e a colegas de imprensa capazes de me prestarem esclarecimentos; no entanto, essas cartas, talvez por deficiência de endereço, não alcançaram o resultado que esperei. Entre os poucos que me auxiliaram com o que sabiam, quero registrar aqui o nome do sr. Francisco De Paola, residente nesta capital, do meu amigo comendador Francisco Petinatti, que me falou das relações do então jovem Cárrias com Carlos Gomes, aluno de seu parente professor Rossi, quando ambos viviam em Milão. A escritora Maura de Sena Pereira, de Florianópolis, me pôs em contáto com o sr. Emmembergo Pellizzetti, de Rio do Sul, Santa Catarina, amigo pessoal de Cárrias, que me forneceu interessantíssimo material, constituído de lembranças do filósofo, já velho, aqui e na Itália.

\*  
\*  
\*

Brício de Abreu, diretor do "Dom Casmurro", do Rio de Janeiro, publicou nesse jornal, em data de 18 de Outubro de 1941, uma brilhante crônica da qual destacamos:

"Enfim, cheguei ao meu caro François Coppée e justamente aos exemplares raríssimos de "Mon Franc Parler", que Theophile Gautier e Georges D'Esparbés chamaram de "obras primas da crônica do século". Leitura dos meus 20 anos! Que saudades! Atirei-me para um divan, disposto a recordar aquelas magníficas crônicas do Paris de 1890.

Logo de início, no artigo "Les Femmes et l'Anarchie", datada de 23 de Fevereiro de 1890, encontrei uma das mais curiosas notícias que já tive, sobre o Brasil.

"Par une lettre insérée dans le dernier numéro de la "Revolte", diz Coppée — que me tombe, par hasard, sous les yeux, — j'apprends qu'il existe au Brésil, dans la province de Paraná, une colonie d'anarchistes! et la lecture de cette lettre m'a vivement intéressé.

„Quelques hardis compagnons, dégoutés du vieux monde, mais désespérant sans doute de le détruire ou de le transformer par les moyens révolutionnaires, une poignée de ces désespérés qu'on appelle en Allemagne "Europamude", ont traversé l'Atlantique et tâchent de vivre là-bas, selon leurs principes, en toute liberté, sans loi ni règlement, sans Dieu ni maître. Bravo!

.....

Et ils sont partis, pleins de courage, les émigrants. Le Brésil leur a cédé, comme a tous les colons, un terrain sur un plateau, a neuf cents mètres d'altitude; et ils y ont fondé la colonie Cecília, un vilage de vingt-deux barraques, crânelement baptisé Anarchie, ou c'en est fini de l'impôt, du service militaire, de toutes les corvées sociales, où chacun travaille selon ses forces, pour le bien de tous et non pour un humiliant salaire, où la fraternité n'est pas un mot, ou tout est en commun!"

A carta publicada pela "Revolte" de Paris, é assinada pelo "compagnon" Cappellaro, segundo nos afirma Coppée.

Como se pode crer, a "serpente dos mares", naquela época, ainda não existia para os jornais parisienses... e a imaginação se voltava para esse longínquo Brasil.

Em todo caso, por um desencargo de consciência, procurei na Biblioteca Nacional os jornais de 1890 e, nos pouquíssimos que folheei, nada me foi dado deparar nesse sen-

lido. Em um dos mapas mais minuciosos e modernos do Paraná procurei o nome de "Cecília", como vila, aldeia ou cidade e... nada encontrei também. Deduzi que o tal Cappellaro era um "bobard" que o nosso Coppée enguliu inteirinho. Mas, a sua crônica é deliciosa, hei de traduzi-la e publicá-la aqui em "Dom Casmurro", como um documentário do "desarroi" da imprensa francesa daquela época. O que é certo, é que, segundo nos relata Coppée e ainda segundo a carta do próprio Cappellaro, a tal colônia não vingou; ia tudo mal por falta de mulheres. As poucas que haviam seguido o "son homme" ao Brasil, apesar de "anarquistas", não queriam ser "bem comum" da colônia. Aliás, a carta publicada pelo jornal "Revolte" de Paris, era justamente fazendo um apêlo às "companheiras que ainda existissem no velho continente, para que "embarcassem para o "Paraná", afim de ajudarem a vida e o progresso da idéia". Isso serviu a Coppée para uma série de considerações curiosíssimas sobre o "amor da mulher anarquista", que é igual ao amor de tôdas as mulheres.

Mas, o que é certo, é que ninguém sabe notícias, no Brasil, da tal colônia, nem da tal cidade de "Cecília", fundada pelos "anarquistas", com a boa vontade do nosso governo daquela época!

\*  
\* \* \*

Ontem quase tive um desmaio! Fiquei atarantado durante muito tempo... e não era para menos!... Vocês verão!... Ao abrir a 2.<sup>a</sup> edição de "O Globo", de ontem, 4.<sup>a</sup> feira 15 de Outubro, deparei com uma notícia, cujo título era — "Morreu como um santo". A nota era sobre o falecimento de um frade que viveu como um verdadeiro santo. Tinha o nome que adotou na ordem, mas o verdadeiro era Mario Cappellaro e... nascera em "Cecília", no Paraná, em 1890, diz o vespertino carioca!!!

No jornal indicado pelo cronista apenas encontramos a notícia da morte de um frade, sob o título de "Morreu em cheiro de santidade". E' a seguinte:

"Na avançada idade de 71 anos faleceu ontem, no convento de Santo Antônio, frei Burchardo Sasse, da Ordem dos Mínimos de São Francisco de Assis.

Nascido na Alemanha, em 24 de novembro de 1870, ingressou no noviciado da Ordem em 1889. No ano de 1894 veio para a Baía e, no ano seguinte, recebeu ali as ordens sacerdotais. Homem de grande resistência física e de palavra fácil, dedicou-se à pregação das Santas Missões, percorrendo, nesse caráter, varios Estados da União. Em 1931, enfermo, abandonou as missões, depois de ter realizado 50 dessas peregrinações apostólicas.

Em 1931, quando festejou as suas bodas de ouro sacerdotais, jubilou-se. Cada vez mais dominado pela moléstia, o venerando franciscano recolheu-se ao convento de Santo Antônio, onde ontem a morte o surpreendeu, cercado das preces de seus irmãos de hábito e de regra.

Hoje, às 9 horas, foi celebrada missa de "Requiem", saindo em seguida o corpo para a necrópole de São João Baptista, onde foi sepultado.

Frei Buchardo, que desaparece em odor de santidade, deixa impressa uma coletanea de Exercícios de Santo Inácio".

Será a essa que se refere o cronista? Nesse caso não passa de uma "blague" do ilustre jornalista carioca. Um frade alemão, de 71 anos, nascido na Colônia Cecília!

\*  
\* \* \*

Em 1940, escrevi à poetisa d. Maura de Sena Pereira, em Florianópolis, pedindo-lhe colhesse informações sobre os últimos anos da cidade de Cárdias. Essa escritora, amavelmente, se pôs em contato com o sr. José Ferreira da Silva, prefeito de Blumenau, que lhe escreveu a seguinte carta:

"Exma. Snra. — Acuso o recebimento de seu cartão. Demorei em respondê-la porque quis me informar perfeitamente sobre o Dr. Rossi. A respeito desse médico, ninguém melhor do que o Dr. Emmembergo Pellizzetti, de Rio do Sul, poderá dar notícias, pois privou com êle vários anos. Mando-lhe, junto, uma carta que recebi daquele senhor, em resposta a um pedido de informações. Caso V. Excia. de-sejar outras notícias, o snr. Pellizzetti informará com prazer".

A carta a que se refere o sr. Prefeito de Blumenau é a seguinte:



"Rio do Sul (S. Catarina) 24 de Novembro de 1940. — Prezado amigo José Ferreira. — Venho satisfazer ao seu pedido. Vivi com o dr. Rossi os 3 primeiros anos deste século; era considerado como membro da família, seu auxiliar nos trabalhos (no Rio dos Cedros). Em 1904, o dr. Rossi foi dirigir a Estação Agronômica de Coqueiro, que substituiu a do Rio dos Cedros.

Em 1907 (se bem me lembro) o dr. Rossi foi para a Itália e aí ganhava a sua vida escrevendo nas revistas de agronomia, e creio mesmo que fundou um viveiro de árvores frutíferas. Em 1923, por ocasião de minha viagem à Itália, fui visitá-lo em Pisa. Mantive correspondência com ele até 1936; depois, devido à minha precária saúde, deixei de lhe escrever e somente remetí uma carta no princípio deste ano. Arreventou a guerra e nada mais sei.

Se vive ainda, deve ter a idade de 84-85 anos.

Conservo aqui muitas de suas "notas" agrícolas, que costumava remeter-me; amava muito o Brasil e sempre queria ser informado sobre a nossa vida e progresso.

Como bem sabe, ele nunca foi prefeito de Blumenau. Se posso ser útil para dar informações mais interessantes sobre o dr. Rossi (seu modo de pensar, sua vida, seus costumes) estou aqui ao seu dispôr. No caso de que se venha a publicar alguma coisa sobre a "Colônia Cecília", desejo ser informado. Abraços do velho amigo — E. Pellizzetti.

Nota — Tenho também uma fotografia do dr. Rossi, de 1935".

\*  
\*   \*  
\*

Em princípios de Novembro de 1941, o sr Pellizzetti, que é um homem culto, amigo de filósofos e poetas, passou por São Paulo e aqui me procurou. Nas nossas palestras, como se poderá imaginar, falámos muito de Cárrias e da sua Colônia Cecília. As lembranças do meu amável informante, muito contribuíram para a evocação da figura de Cárrias, dos seus companheiros, da vida da colônia e dos seus principais acontecimentos. A todos quantos me auxiliaram nesta obra de exumação histórica, os meus agradecimentos. Ofereço-a aos meus amigos trabalhadores italia-

nos do Brasil: é a luminosa flor de espírito que seus antepassados trouxeram da Península, nas caixas das ferramentas com que, tão proveitosamente, colaboraram no nosso engrandecimento econômico.

\*  
\*   \*

Nos fins de 1904, foi fundada a Sociedade Catarinense de Agricultura, em cuja diretoria figuravam os seguintes nomes: dr. Gustavo Lebon Regis, coronel Antônio Pereira da Silva Oliveira, dr. João Carlos Pereira Leite, alferes-aluno Flávio Queiroz Nascimento, José Gomes da Silva Jardim e farmacêutico Raulino J. Adolfo Horn. Essa sociedade publicou uma bela revista, cujo primeiro numero apareceu a 1.º de Janeiro, tendo como diretor o dr. Giovanni Rossi. Do seu programa, esta promessa: "A revista manterá uma secção dedicada exclusivamente ao ensino agrícola, ficando esta a cargo do ilustrado dr. Giovanni Rossi, Diretor da Estação Agronômica do Estado, auxiliado por eminentes homens de ciência que prometeram a sua colaboração".

Tivemos em mãos exemplares dessa revista. Sob todos os aspectos é primorosa. Não sabemos de melhor publicação particular com o mesmo fim, em todo o país, naquêl tempo.

O número de Janeiro de 1906 abria com esta notícia:

"DR. GIOVANNI ROSSI — A nossa Revista, podemos dizer, está sem armas para o combate; deixou-nos o eminente Dr. Giovanni Rossi. O nosso ilustre amigo foi para a Itália com sua exma. família e, está nos parecendo, não voltará mais ao nosso Estado. A "Revista Agrícola" lamenta sinceramente a ausência do seu Diretor e, desejando render uma homenagem a este homem de ciência, ao mesmo tempo que presta um serviço à lavoura catarinense, vai publicar, em edições sucessivas, os trechos mais interessantes dos relatórios apresentados por ele ao Governo do Estado durante o tempo em que foi diretor da Estação Agronômica. Não encontrará o leitor, no que vai ler, frases bonitas, bem buriladas, mas encontrará ensinamentos valiosos, fruto de pacientes pesquisas e de experiências continuadas".

O primeiro trabalho refere-se à molestia do fumo, que então se havia tornado um problema para vários Estados.



Do comentário da revista depreende-se que o seu estudo foi "o primeiro trabalho em ordem cronológica" sobre tal matéria.

\*.

\* \* \*

Na Itália, o dr. Giovanni Rossi continuou a ser um grande amigo do Brasil. As pessoas com quem conversámos a seu respeito, falam das suas frequentes cartas, cheias de referências elogiosas à nossa gente. No que se refere à agricultura, então, ele perguntava sempre pela maneira como havíamos resolvido este ou aquêl problema, elogiando nossos cientistas e administradores.

Temos em mão um trabalho muito interessante. E' o folheto intitulado "Agricoltura primitiva negli Stati meridionali del Brasile". Foi publicado em Florença, no ano de 1908, no "Stablimento Tipografico Pei Minorenni Corrigendi". O nome do autor é seguido das suas qualidades: Diretor do Viveiro Cooperativo da Liguria, que me informam ter sido por ele fundado, e professor da Escola Superior de Agronomia, de Taquari, Rio Grande do Sul, e Diretor da Estação Agraria do Estado de Santa Catarina. Como se vê, ele não esquecia o Brasil, tanto para lhe ser útil em suas publicações, como também para citar os cargos que aqui exerceu no início de sua carreira.

\*.

\* \* \*

Em 1900, quando se comemorava a fundação de Blumenau, o agrônomo italiano escreveu esta página que, pelo estilo, concepção e conhecimentos que revela deveria figurar entre os mais altos gritos de entusiasmo e de admiração que o Brasil tem despertado em alma estrangeira.

"O' Blumenau, recanto gentil do mundo descoberto por Cabral, eu desejaria ser filósofo, artista e poeta para entender e para cantar a tua glória. O teu céu límpido, azul e profundo canta hinos de paz e de alegria. Mas algumas vezes é brumoso e velado, como a pobre alma humana. Nas tardes de verão inflama-se em um oceano de calor, de luz

e de força sideral, terror do viandante, mas sublime doador de vida à flora opulenta; depois se cobre de espessas nuvens e desaba a chuva, entre fulgores de relâmpagos e estrondos de raios. E, nas noites serenas, as estrélas cintilam como em outros céus nunca ví e, mais do que em nenhum lugar, pesa sobre nosso pensamento a visão do infinito.

Se o teu verão é ardente e chuvoso, o teu inverno é enxuto e tépido, como uma primavera da Itália. Tão doce que a videira, apenas perdidas as folhas, os brotos já reponham. túrgidos, como mamilos de pubere precoce, desejosa de amor. Os teus montes são majestosos com seu esqueleto de granito e seu manto soberbo de florestas virgens, perenemente toucadas com todas as inimagináveis tonalidades do verde. Os teus vales são férteis, banhados pelos afluentes do largo e pitoresco Itajaí, que te beija, e ao mesmo tempo te ameaça, e algumas vezes te invade, amigo infiel e caprichoso, ó gentil cidade de Blumenau! Os teus bosques são uma maravilha para o artista e o estudioso. O "ficus doliaris" af se expande solene, carregado de bromélias, de orquídeas, de begônias e de cactus; a "bougainville" se adorna de bractéias violáceas; a "euterpe edulis" abre no alto os seus elegantes parasóis, enquanto o "astrocarium" espinhoso e o útil "geomoma" se confundem, na miuda multidão vegetal, com a "brunfelsia" de grandes flôres cerúleas, com a "heliconia", de amplas folhas lustrosas e rubra haste floral, com o "ginograma", o "polipodium", o "adiantum" e todos os finos juncos flexuosos. Os teus bosques são ainda preciosos tesouros pelas madeiras que escondem, pelo humus que acumulam, pelas fontes que conservam. Tenha piedade dêles a barbara foice do colono!

Nos teus bosques, à rica variedade da vida vegetal, corresponde uma variedade igualmente rica da vida animal; as industriosas larvas que se transformam em crisálidas de ouro, ou que urdem casulos estranhos dos quais sairão gigantescas borboletas de vivas côres; os grandes reptis, inócuos ou venenosos; os pássaros maravilhosos pela plumagem, como os colibris, ou extranhos pelo grito, como a araponga; os marsupiais, como a raposa; os unglados, como o tapir e o catete; os desdentados, como o tatú; os roedores, como a paca e a cotia; os carnívoros como a onça e o tigre; os primatas, como os macacos.

As margens dos teus rios vêem florir o ingazeiro, que fica como coberto de neve, cujas vagens são caras às crianças pela doçura das bagas; e são embalsamadas pelo perfume das brancas e delicadas flôres do "hedichium coronarium", a "zingiberacea" que floresce nas serras da Europa. Os teus campos compensam a fé do trabalhador com os produtos mais variados, do arroz ao açúcar, do vinho ao café. Nos teus vergeis cintilam ao sol as laranjas e maduram os enormes cachos da Musa paradisiaca. Os teus pastos, ó Suíça de tórrido sol, são ricos de vacas de leite, que a antiga origem holandesa recordam no seu tipo.

O' Blumenau! O fado quer que o teu nome germânico te anuncie caríssima a Flora. E de flôres são enredadas as casas dos teus agricultores; de flôres que muitos ricos jardins invejariam, na fria Europa. De flores e de plantas raras se rodeiam e se alindam magnificamente os palacetes da tua industriosa cidade.

De flôres, eternos simbolos de poesia; de flôres das tintas mais vivas, das formas mais bizarras, de inebriante perfume, é esmaltado todo o teu vasto território, que mais parece um só jardim. Mas as tuas flôres mais belas e mais gentis, ó Blumenau, não são as orquídeas das tuas florestas; são as moças dos teus lares, que todas as flôres vencem em beleza, na doce primavera da vida; são os recém-nascidos nos teus berços, são as crianças das tuas escolas que, sôbre as ruínas da nossa civilização decrépita e mentirosa, ainda verão, um dia, talvez, esplender o futuro".

\*  
\* \*

Como dissemos em diversos passos dêste livro, muito devemos do nosso trabalho a Alexandre Cerchiai. Nem todos saberão quem é, ou quem foi, êsse homem. Tito Batini, escritor patricio que acaba de surgir vitoriosamente com seu romance intitulado "E AGORA, QUE FAZER?" no-lo conta, a nosso pedido, na carta que se segue. Publicando-a, prestamos homenagem a um dos mais ilustres jornalistas proletários do Brasil.

"S. Paulo, 3 de fevereiro de 1942.

Meu caro Afonso,

Sôbre mestre Alexandre? Mestre Alexandre era como o chamavamos e êle não permitia. "Poldo", diziam os seus familiares. E nós teimavamos: mestre de cá e mestre de lá.

Isto aconteceu em Baurú, por volta de 1913, vésperas da primeira grande guerra; êle aparecia providencialmente, como para ensinar-nos que não se devia nem sequer pensar em eliminar os nossos semelhantes. Eu poderia ter meus nove anos e meu falecido irmão, uns sete. Fomos aguardá-lo, com nossos pais, também desaparecidos, na estação da Sorocabana. Alessandro Cerchiai devia estar no periodo dos 30 aos 40 anos e nos aparecia cheio de vida ainda, muito risonho, principalmente quando avistava crianças. A sua profissão seria aquela de ensinar, a pequenos e grandes, numa preocupação constante de endireitar o mundo... Amigo dos amigos; e, aos adversarios, procurava explicá-los. Italiano de origem, sua crônica vem contada por outros, inclusive parentes, que sabem mais a respeito. Mas, escrevia como poucos em português e fazia-o dirétamente, sem vacilações. Como você deve saber, foi também colaborador d'"O Estado de São Paulo", anos depois. O importante a assinalar é que a sua adaptação ao nosso ambiente lhe foi fácil e entre o grande número de estrangeiros registado pelas estatísticas, este foi um dos que vieram para praticar o bem, dedicando-se a causas humanas, que só podem valorizar o gráu de desprendimento de que é capaz o homem.

Nessa noite êle vinha barbeado e diferente dos adultos daqueles tempos: não usava colête, apenas o palitô-saco sobre a camisa branca, muito limpa; amarrada sob o colarinho móle, uma gravata prêta, de pintor; escondendo fartos cabêlos, um chapelão prêto que também lhe dava ares de pintor. Ou de poeta, como queira.

Vinha à chamado dos amigos que desejavam dar a seus filhos um bom professor. Não trazia doces ou presentes, mas a grande dádiva de uma bondade esparramada, e umas lições fáceis e macias como suas proprias mãos grandes. Como professor, era um grande psicologo prático, (foi sempre auto-didata). Aos sábados, uma ou duas vezes por mês, levava-nos aos arredores da pequena cidade, onde nos dava aulas de botânica ao ar livre. Admitia, com muito bons modos, que os alunos discutissem questões relacionadas com o ensino. Lembro-me de um desacerto em que me metí (nove anos contra quasi quarenta), por causa do nó-vital de uma plantinha arrancada e que me parecia normal. Êle afirma-



As margens dos teus rios vêem florir o ingazeiro, que fica como coberto de neve, cujas vagens são caras às crianças pela doçura das bagas; e são embalsamadas pelo perfume das brancas e delicadas flôres do "hedichium coronarium", a "zingiberacea" que floresce nas serras da Europa. Os teus campos compensam a fé do trabalhador com os produtos mais variados, do arroz ao açúcar, do vinho ao café. Nos teus vergeis cintilam ao sol as laranjas e maduram os enormes cachos da Musa paradisiaca. Os teus pastos, ó Suiça de tórrido sol, são ricos de vacas de leite, que a antiga origem holandesa recordam no seu tipo.

O' Blumenau! O fado quer que o teu nome germânico te anuncie caríssima a Flora. E de flôres são enredadas as casas dos teus agricultores; de flôres que muitos ricos jardins invejariam, na fria Europa. De flores e de plantas raras se rodeiam e se alindam magnificamente os palacetes da tua industriosa cidade.

De flôres, eternos simbolos de poesia; de flôres das tintas mais vivas, das formas mais bizarras, de inebriante perfume, é esmaltado todo o teu vasto território, que mais parece um só jardim. Mas as tuas flôres mais belas e mais gentis, ó Blumenau, não são as orquídeas das tuas florestas; são as moças dos teus lares, que todas as flôres vencem em beleza, na doce primavera da vida; são os recém-nascidos nos teus berços, são as crianças das tuas escolas que, sobre as ruínas da nossa civilização decrépita e mentirosa, ainda verão, um dia, talvez, esplender o futuro".

\*  
\*   \*  
\*

Como dissemos em diversos passos dêste livro, muito devemos do nosso trabalho a Alexandre Cerchiai. Nem todos saberão quem é, ou quem foi, êsse homem. Tito Batini, escritor patricio que acaba de surgir vitoriosamente com seu romance intitulado "E AGORA, QUE FAZER?" no-lo conta, a nosso pedido, na carta que se segue. Publicando-a, prestamos homenagem a um dos mais ilustres jornalistas proletários do Brasil.

"S. Paulo, 3 de fevereiro de 1942.

Meu caro Afonso,

Sobre mestre Alexandre? Mestre Alexandre era como o chamavamos e êle não permitia. "Poldo", diziam os seus familiares. E nós teimavamos: mestre de cá e mestre de lá.

Isto aconteceu em Baurú, por volta de 1913, vespuras da primeira grande guerra; êle aparecia providencialmente, como para ensinar-nos que não se devia nem sequer pensar em eliminar os nossos semelhantes. Eu poderia ter meus nove anos e meu falecido irmão, uns sete. Fomos aguardá-lo, com nossos pais, também desaparecidos, na estação da Sorocabana. Alessandro Cerchiai devia estar no período dos 30 aos 40 anos e nos aparecia cheio de vida ainda, muito risonho, principalmente quando avistava crianças. A sua profissão seria aquela de ensinar, a pequenos e grandes, numa preocupação constante de endireitar o mundo... Amigo dos amigos; e, aos adversarios, procurava explicá-los. Italiano de origem, sua crônica vem contada por outros, inclusive parentes, que sabem mais a respeito. Mas, escrevia como poucos em português e fazia-o dirétamente, sem vacilações. Como você deve saber, foi também colaborador d'"O Estado de São Paulo", anos depois. O importante a assinalar é que a sua adaptação ao nosso ambiente lhe foi fácil e entre o grande número de estrangeiros registado pelas estatísticas, este foi um dos que vieram para praticar o bem, dedicando-se a causas humanas, que só podem valorizar o grau de desprendimento de que é capaz o homem.

Nessa noite êle vinha barbeado e diferente dos adultos daqueles tempos: não usava colête, apenas o palitô-saco sobre a camisa branca, muito limpa; amarrada sob o colarinho móle, uma gravata prêta, de pintor; escondendo fartos cabêlos, um chapelão prêto que também lhe dava ares de pintor. Ou de poeta, como queira.

Vinha à chamado dos amigos que desejavam dar a seus filhos um bom professor. Não trazia doces ou presentes, mas a grande dádiva de uma bondade esparramada, e umas lições fáceis e macias como suas próprias mãos grandes. Como professor, era um grande psicologo prático, (foi sempre auto-didata). Aos sábados, uma ou duas vezes por mês, levava-nos aos arredores da pequena cidade, onde nos dava aulas de botânica ao ar livre. Admitia, com muito bons modos, que os alunos discutissem questões relacionadas com o ensino. Lembro-me de um desacerto em que me meti (nove anos contra quasi quarenta), por causa do nó-vital de uma plantinha arrancada e que me parecia normal. Êle afirma-



va uma degenerescencia. Como não me conformasse, aconselhou-me (aconselhava, não mandava), que a levasse para casa e por lá, com vagar e com paciencia — com vagar e com paciencia, repetia constantemente — verificasse, consultasse e decidisse o caso, voltando à carga durante uma nova aula. A razão estava com êle; reconheci-o e não me ficou nenhum recalque. Era um modelador de almas, ao mesmo tempo em que ensinava. Haveria uma causa para a degeneração do nó-vital, explicou. A natureza não faz as coisas por fazer. Si fôssemos mais adiantados, dizia, iria destrinchar-nos a dialética da natureza. As suas imagens eram simples e inescucíveis. Começou a comparar a planta ao homem e à sociedade. Onde houvesse desharmonia e insegurança, procurassemos as causas, que deviam andar pelas raízes e pelo nó-vital.

Outra vês, dentro do salão enorme, durante uma aula. A Sociedade Italiana Dante Alighieri era uma instituição que a politica não dividira, ainda, e nada tinha a vêr com as atuais "Casas da Italia", de hoje; aquela, cedêra o salão para as aulas. Desta outra feita avisou que esperassemos, pois ia à procura do elemento para a lição da tarde. Meteu-se no porão do palco e de lá voltou com a roupa suja de teias-de-aranha, trazendo um pequeno bicho negro, mamífero e de azas. Coisa impressionante a preleção de Alexandre Cerchiai sobre o morcego. "Prendia-o na mão esquerda enquanto falava, procurando sobre a mistura de sua mesa um polido bisturí com que certa manhã abrira o dedão do pé do meu coléga de carteira, cheio de puz. Preveniu então, que mostraria o morcego por dentro. Como poderia o mestre — tão bondoso mestre Alexandre — matar o bichinho, apenas para satisfazer a nossa curiosidade de saber? Não poderia substituir esta aula ao vivo, pelas gravuras dum livro? Entretanto, lembro-me de uns olhos castanho-claros, doces e inteligentes, que se moviam rapidamente, satisfeitos do trabalho. Dias antes falara-nos de liberdade. Respeitassemos a liberdade dos pássaros. Eles cantam nas gaiolas, é verdade. Mas, até mesmo o canto do homem, quando não se é cantor mecânico de opera, (naquele tempo não havia radio), o canto é quasi sempre um lamento. As canções são queixas e os proprios soldados, quando entôam marchas, fazem-no da saudade de seus lares. Pássaros não se deviam encarcerar. Homens também não. E ali mantinha preso, êle, um inofensivo morcego. O bichinho numa

das mãos e o bisturí na outra, fez-nos uma preleção sobre a morte e sobre a vida. Quem vai esquecer estas coisas? Mestre Alexandre! A vida não seria apenas cada um de nós, enquanto consegue movimentar-se. A vida seria o conjunto, todo o conjunto universal. O homem sente mais do que o animal e sófre a tortura de comprehender o sofrimento, sentindo-lhe, ademais, a propria explicação; o animalzinho, não. Mas, isso não deveria dar-nos o direito de matar somente porque nós, bichos superiores, sabiamos todas essas coisas, delas nos prevalecendo. Entretanto, o homem não devia siquer estremecer diante da morte. O morcego seria morto. Ora, a vida prossegue nas outras vidas. Uma pequenina manifestação ia ser sufocada. Mas, a parte maior, que eramos todos nós, iria enriquecer-se de conhecimentos. Referveria uma bôlha no cadinho da cultura que êle formava em nossas cabecinhas. A vida mais rica. Deu-nos as costas, advinhámos-lhe uns movimentos, pelos cotovelos. Depois, chamou-nos para a sua mesa, ficámos como em cima de um operado. Habilmente realizou o trabalho, explicando todo o mecanismo daquele bichinho.

Seria longo para uma carta, recordar tudo. Mas, uma palestra pública, em linguagem filosofica e especial para crianças, que mais tarde realizou, parece-nos que é digna de registro. Foi numa noite de festa e esto o têmea: "O grãozinho de areia". Cada um de nós, um grão de areia. Eramos grandes e eramos pequenos. O vento transportava-nos para as montanhas de areia do mundo. E só a montanha possuía valôr, somente o conjunto possuía força; cada grãozinho, isolado, nada valia. Meu caro Afonso não vai querer que eu recorde tudo...

Mestre ou amigo, eu não posso defini-lo. Não dava lições montado num largo colarinho duro, nem assumia importante aspecto de sabichão e, admitia, até, que um mestre errasse. Excepcional, o homem, portanto.

Nos dias de festa, levava-nos a algum sitio ou chacara. A frente seguia o mais alto, ou quem quizesse, levando a enorme bandeira da escola. A seguir, uma banda de música, si não me engano, a "Banda do Zezinho". E, ao lado, alguém soltando rojões. Assim era a festa...

Até o dia em que se cansou e nós fomos, chorosos, despedir-nos, na mesma estação em que êle chegára.

Crescí e êle envelheceu em meio a colunas de jornais, de lutas, de ingratidões e desenganos. Várias vezes palestrá-

mos, aqui em São Paulo e nos seus jornais publicou alguns dos meus pequenos trabalhos. Mas, não me fixava como quem fixasse sua própria obra, ao vêr-me preocupado, como êle, em escrever. Outras maneiras de agir, embóra visando um mesmo objetivo, davam diferente fórmula ao barro em que também êle havia trabalhado.

Quando veiu a doença irremediavel, eu estava com a jornada completa dedicada a um jornal, que nós preparavamos com muito esforço e sacrificio. Não conseguia roubar meia-hora para chegar ao bairro distante e ali olhar uma última vês seus cabelos já brancos, nem ouvir sua vós, a mesma que me havia ensinado coisas bêlas e úteis. Mas, si mestre Alexandre soubesse das verdadeiras razões dessa ausencia, na certa estaria de acôrdo comigo na sua lógica prática, produtiva, e ao mesmo tempo cheia de sentimento. Estavamos fazendo um jornal que ensinava, falando de assuntos que outros jornais não falavam. Si ainda raciocinasse, estaria satisfeito da nossa obra. Nós somos um grãozinho de areia, cada um, que o vento leva. Fui me conformando, conformando... Até que veiu a notícia definitiva. A sala em que me encontrava com os colégas atarefados, encheu-se de fumaça para mim. Nenhum faról daquela máquina férrea que o levára ao interior para banhar nossas cabeças: cada qual cumpria um rumo diferente e não podiamos, reunidos, chorar o grãozinho de areia roubado pelo vento.

Haveria muito mais que dizer deste homem bom e útil e produtivo, que foi Alexandre Cerchiai, turmeiro da Sorocabana, lixeiro aqui em São Paulo, soldado garibaldino, jornalista, uma porção de outras profissões e, também, grande mestre. Diremos essas coisas de outra fórmula, em outros lugares, que aqui o que você me péde é uma simples carta e como carta já vai longa. E' a minha homenagem e em nome de seus antigos alunos, si você me permite, uma homenagem daqueles garotos que hoje, homens feitos, andam por aí espalhados e não o esquecem, não.

Até outra vês, portanto e um abraço do

Tito Batini".

## INDICE

	Pág.
Prefácio .....	7
Retrato do Dr. Giovanni Rossi .....	15A
I — Numa Noite de Primavera .....	17
II — O Filósofo e o Imperador .....	25
III — Os Pioneiros .....	33
IV — A Colônia .....	50
V — A Vida na Colônia .....	50
VI — Têm a palavra as Personagens .....	67
VII — Melancolia .....	79
VIII — A Intimação .....	83
IX — O Homem Misterioso .....	93
X — O Trabalho .....	103
XI — A Colheita .....	113
XII — O Drama .....	119
XIII — Epílogo .....	125
Notas .....	129

## Opiniões dos mais abalisados jornais do país sôbre os livros de Afonso Schmidt "A Marcha" e "Tesouro de Cananeia"

O Sr. Afonso Schmidt parece ter encontrado no conto o seu genero definitivo. E' um narrador habil, que se lê com agrado e cuja linguagem é notavelmente limpa e escolmada de barbarismos, tão comuns em nossa época. O conto "O Tesouro de Cananeia", que abre o livro, é uma história de piratas, com os habituais mistérios de grandes riquezas enterradas. O cenário é histórico e a quantidade de fantasia utilizada pelo autor é, apenas, a necessária a fazê-lo realçar na moldura literária. "Silvio Floreal" é uma homenagem a uma das mais belas vocações artísticas que o autor conheceu; Domingos Alexandre, que escolheu para nome de guerra o de Silvio Floreal". "O desvio" tem uma nota sombria, quasi trágica — e já revela, de maneira segura, os recursos do Sr. Afonso Schmidt no gênero em apreço. Segue-se "Turma 12", um dos mais emocionantes, vivos e magistrais contos do volume, talvez a obra prima de todos. E' a história de um grupo de pobres trabalhadores paulistas a quem seduz a miragem dos Estados Unidos, o sonho dos dólares, desejo de ficar milionário... Vigaristas sem alma ludibriam-nos de maneira infame; muitos são presos à hora de partir o navio onde se tinham metido; outros, porém, na ânsia de fugir à polícia, metem-se pela carvoeira do navio, onde morrem, horas depois, sem ar e sem luz... E' um trabalho excelente, que por si só, recomendaria a capacidade literária do Sr. Afonso Schmidt e este volume, dos melhores que tem aparecido nos últimos tempo.

-- Do "Jornal do Comercio" -- Rio, 2/11/41

★

O Sr. Afonso Schmidt conquistou, de golpe, um lugar de relevo entre os nossos autores de ficção. Dono de um estilo limpo e asseado, não lhe falta talento nem amor à linguagem. Os quadros são coloridos de maneira suave e natural. Não há esforço na evocação das figuras humanas. Se tudo isso implica em trabalho e esforço longo, o leitor não o percebe — e é como acontece quando o público só vê os quadros, sem uma mostra de arte, sem pressentir a habérdia e o atropelo do atelier...

"Boca de sertão", "A chave", "Os Caifazes" "A Marcha", "Luz de Mel" são narrativas tão naturais que a gente imagina estar vendo tudo:



as casas, as pessoas, os gestos, as atitudes, os olhares... Parece-nos, também, ouvir o diálogo dos interlocutores e perceber no íntimo de cada um, o que a palavra lhes esconde...

Contrariamente ao que fazem muitos dos nossos romancistas e contistas modernos, o Sr. Afonso Schmidt usa uma linguagem e põe outra, bem diversa, na boca de suas personagens. Isso evita a monotonia da leitura e corresponde a um preceito elementar da técnica literária, no gênero ficção.

Além disso, as narrativas fluem de maneira tão desprentenciosa que se sente, em tudo, o pulso de um verdadeiro artista, para quem a Literatura é um instrumento maravilhoso da sensibilidade humana.

— Do "Jornal do Comercio" — Rio, 2/11/41

Há entre os brasileiros que julgam ser amor pelo nosso país a ignorância e a intransigência que revelam com relação aos nossos problemas nem sempre dignos de odes e das nossas falhas pouco antológicas, uma grande maioria que não gosta de lembrar que tivemos uma escravidão, muito menos de que ainda nos beneficiamos dos frutos do trabalho escravo e, sobretudo, de que fomos dos últimos povos a libertar o negro, no concerto das nações civilizadas.

Quando se fala em patriotismo, ocorrem-me os versos do poeta que, julgando-se incapaz de servir a nossa terra, quanto o deveria, sonhava ao menos ama-la quanto pudease... E não me convence que seja de bom brasileiro, de conciente e sadio patriota, acreditar piamente, quando na idade madura, naquelas lições, belas sem dúvida, mas suscetíveis de censura, das professoras primárias: que o nosso país é o mais rico do mundo, que o Amazonas é o maior rio do planeta, que a cachoeira de Paulo Afonso ou das Sete Quedas são as mais importantes que existem; que o Cruzeiro do Sul é exclusivamente brasileiro, e que, finalmente, ainda com outro poeta, "nosso céu tem mais estrelas, nossos bosques tem mais flores..."

Ora, muito bem. Ensine-se às crianças que assim é; ensine-se aos futuros cidadãos essas falsas concepções patrióticas: ensine-se que eles nasceram numa terra privilegiada, "onde se plantando tudo nela dá", — e aguarde-se como resultado uma geração de papalvos deslumbrados, inúteis para a pátria que deviam servir, mandraços sonhadores do leite e do maná das Escrituras, ou, então, o que ainda é pior, tristes e amargos desiludidos diante da realidade das coisas.

Porque se, na verdade, os nossos antepassados nos legaram uma nação coesa e unida, pacífica e capaz de extraordinária prosperidade, quase virgem do esforço humano, nós não somos ricos e muito menos ainda o seremos se imergirmos na contemplação beatífica do que temos de belo,

esquecendo-nos do que teríamos de útil quando para isso trabalhássemos. Importam pouco as "palmeiras onde canta o sabiá", e muito, muito mais, árvores com aplicações práticas no desenvolvimento econômico do país. Pouco interessa a importância estética das cachoeiras, se não as aproveitamos para a energia elétrica. E chega até a ser uma lastima que em nossa terra, se plantando, tudo dá... O esforço humano fica reduzido a um mínimo, joga-se aos ombros da providência a nossa sorte, e incorremos no erro de por em prática a simbólica figura do nosso hino, onde há um "gigante deitado eternamente em berço esplendido", que não é decerto sugestão das mais felizes para a nossa época e a nossa situação. Já não se disse, ahures, que as nações menos beneficiadas pela natureza são as mais poderosas do mundo?

Para o elogio do brasileiro, felizmente essa classe de patriotas perde proselitismo cada dia que passa. E' que uma nova mentalidade, mais prática e mais sadiamente patriótica, deixou de preocupar-se com o superficialismo do namoro à pátria e cuida, isso sim, de desenvolvê-la, enriquecê-la e dignificá-la pelo esforço do seu braço, que realmente adianta pouco louvava-la com os lábios...

E é dentro dessa compreensão um tanto agressiva do patriotismo que desagradará aos que invocam o santo "nome da Pátria em vão", que eu reconheço por bom e benéfico aceitar o fenómeno escravocrata e compreender que ele nos serve tanto de escarmento quanto a emancipação foi para nós um sublime, mas crucial sacrifício. Fomos dos últimos escravocratas, mas não fomos dos primeiros a lançar mão do braço servil. A colônia era bem pouco brasileira, no sentido que hoje damos ao vocabulo, quando para aqui se trouxeram as levas de negros africanos. Mas foi o brasileiro — ah! isso foi! — quem pagou com ouro e sangue pela reabilitação dos escravos, lesando fundamente a economia nacional por puro idealismo, e ainda por puro idealismo "dando aos pobres cativos a liberdade de morrer de fome".

E é ainda dentro desse espirito de compreensão, chocante, mas saudável, que eu encontrei no livro de Afonso Schmidt, "A Marcha", motivo para quatro horas de reconfortante entusiasmo pela nossa gente, que tem grandes defeitos como todos os povos, mas que como poucos povos tem virtudes raras e dignificantes!

E' uma historia, um romance da Abolição. Um casal de namorados ama o negro e luta pela sua libertação. Os caifazes e os capitães-do-mato. O jornalismo e os artistas, os fazendeiros e o governo. As tendências patronais da policia assalariada e a atitude de recusa do Exército, que teve na batalha pela libertação, um dos seus instantes mais altos. A marcha dos cativos em demanda do Jabaquara, pela serra do Mar, nas pérgadas do preto Pio. E Santos.

Afonso Schmidt, esse grande bucolico que ama os simples e fala a sua linguagem, realiza com "A Marcha" o seu livro mais notavel. Esse romance, que eu testemunhei desde os primeiros vagidos, acalentado nos joelhos pelo querido companheiro de tarimba jornalística, é o melhor da sua bagagem literaria. Digo "acalentado nos joelhos", porque foi escrito às pressas, nos poucos ócios da redação, entre um falecimento da primeira classe e a inauguração de um certame qualquer!

É um livro profundo e sincero. Muita gente não gostará da lembrança de Afonso Schmidt:

— Esse moço não tinha outro assunto... mais arejado, mais patriota?!

Não, não tinha. Somente mesmo sentindo em toda a sua intensidade a tragédia do servilismo e compreendendo a riqueza que o braço escravo representava para a nossa economia, é que nos redimiremos da pecha de ser um dos últimos países escravocratas. Porque não seria possível resgate mais pesado do que acatou este povo brasileiro que, num lance teatral de idealismo e ternura humana, se lançou à aventura de um regime que só os decênios consolidariam e quase foi à bancarrota!

— Do "Estado de São Paulo" — MARIO DONATO

★

Mas é preciso não esquecer este outro livro de Afonso Schmidt, "O Tesouro de Cananéa", lançado ao mesmo tempo que "A Marcha", em excelentes edições pela "Anchieta", desta capital, uma novel e promissora editora. Merece mesmo uma particular menção o esforço dessa casa editora, que apresenta as suas obras num primoroso trabalho gráfico, com agradabilíssimo aspecto.

Este segundo livro de Afonso Schmidt, que reúne uma vintena de pequenos contos, uns infantis e outros não, e ainda alguns artigos sobre artistas pouco conhecidos do publico, oferece-nos a oportunidade de surpreender o escritor num dos seus momentos mais felizes: o da criação rápida e definitiva de pequenas obras primas de ficção e evocação jornalística, nas quais ele é inextinguível.

É o mesmo bucolico Schmidt, em eterno deslumbramento diante da natureza, panteísta mesmo, porém mais preocupado com o elemento humano, que é um objetivo primordial das suas paginas. Humano em certo sentido, que Afonso Schmidt, principalmente em "Sete sombras numa estalagem", por assim dizer se "desocidentaliza"; deixa-se empolgar pela volúvel fantasia e como que se nos apresenta sob uma nova feição, oposta à sua feição permanentemente jornalística.

Mas essa, embora estranha, não é uma feição menos legitima de Afonso Schmidt, um coração simples e terno, que ama os simples, sejam retalhos negros de homens, sejam crianças estrangeiras que vivem estrangeiras historias. É o que acontece com inumeras paginas desta "Tesouro

de Cananéa", onde vibra um Afonso Schmidt menos ceptico, isto é, menos jornalista, e fantasista até o absurdo. Aquele "Sete sombras numa estalagem", que já citei, é um primor no genero; incrível, mas terrivelmente verdadeiro pelos conceitos que encerra; fantastico, mas absolutamente realista pelos tipos que descobre.

Recomendo a sua leitura. Primeiro, "A Marcha", para pensar, e segundo, este "Tesouro de Cananéa", para sorrir. Tem coisas tristes, mas que permitem que se sorria delas. As duas produções, em resumo, são o que de melhor existe na obra schmidtiana. Porque os leitores não conhecem o que ficou guardado na gaveta da redação...

— Do "Estado de São Paulo" — MARIO DONATO

Afonso Schmidt é um dos maiores trabalhadores intellectuais que existem no Brasil. Jornalista de actividade diária, que se multiplica em todas as colunas, desde a do simples noticiário até às dos artigos de severa doutrina politica, é dele tambem o poeta, o contista, o romancista, o autor de teatro. Como poeta já nos deu quatro livros; como contista, sete; como romancista, três; como teatrólogo, dois. É um espirito inquieto e infatigavel, como se está vendo.

Esse escritor dá-nos agora a sua *Marcha-Romance da Abolição*. Para escrever esse livro, Schmidt embrenhou-se no periodo mais triste e mais doloroso da evolução social e historica de São Paulo, traçando-nos um quadro soberbo do momento de tantas lutas e tantos sofrimentos, que foi aquele que antecedeu o 13 de maio na grande provincia do café. Seu romance tem como centro de acção o mesmo que encontramos no *Fugindo ao Cativo*, o magnifico poema de Vicente de Carvalho.

*Marcha* é um romance de acção, de caridade, e tambem de minuciosa informação. Está destinado a merecer a atenção dos leitores que busquem nos livros mais do que o simples prazer frívolo de uma meia hora de leitura amena e divertida.

— Do Suplemento Literário d'"A Manhã" — Rio 9/11/41.

O estilo de Afonso Schmidt é sempre vivo, actual, pessoal. Uma pagina basta para dar idéia do ouro em que se lavra a obra. Esta, por exemplo, do "Tesouro de Cananéa":

"Aquele povo, saturado de fosforo, não tendo no que empregar a actividade, vive para dentro. A imaginação anda à solta. Todo morro tem Mãe de Ouro, toda cachoeira tem Mãe de Agua, toda noite escura tem lobishomem. Além dessas maravilhas, há uma arvore fenomenal, no centro da cidade, e um tesouro de piratas enterrado na ilha do Bom Abrigo. A arvore é uma figueira, um desses soberbos vegetais que só se utilizam

da terra para firmar a monstruosa garra das raízes; a copa, essa anda esgalhada pelas nuvens. Nasceu entre as pedras de um resto de muralha. Entanto cresceu, tais raízes deitou um dia, por gratidão, levantou consigo o pano de muro que lhe serviu de berço. Apertou no seio e levou consigo o bendito torrão em que nasceu."

Afonso Schmidt, poeta, romancista, jornalista, é desses intelectuais sensíveis e impressionistas, que fixam, com elegância e precisão, tanto aspectos interiores como exteriores. É um escritor que apreende os imponderáveis, que tem o dom de se transmitir. É um escritor.

Todo o volume, que se lê de uma assentada, está cheio de belezas, de imprevistos, de emoção: um livro encantador.

— Do "Correio Paulistano" — 1/1/942

É o Sr. Afonso Schmidt uma das mais fortes corporaturas mentais de São Paulo de nossos dias.

Poeta, jornalista, dramaturgo e romancista, tem ele sabido manter o nível de sua mensagem intelectual com uma nobreza inalterável, sem jamais transigir com o gosto do público nem pautar com a vulgaridade e a produção em série.

Ainda recentemente aqui anotamos o aparecimento do notável romance "A Marcha", de Afonso Schmidt — narrativa do abolicionismo em terras paulistas, em que se destaca, de corpo inteiro, esse patriarca que se chamou Antonio Bento.

Agora, a Editora Anchieta, de São Paulo, remete-nos um novo livro de Schmidt: "O Tesouro de Cananéia", em que há páginas das mais variadas, narrativas de história local, psicologia urbana, biografias rápidas e incisivas, numa atmosfera geral de "humour" e compreensão humana que sempre nos acostumamos a saudar em tudo quanto escreve o admirável escritor de São Paulo.

A Editora Anchieta recolhe, com "O Tesouro de Cananéia", um triunfo que se iguala àquele obtido por "A Marcha".

— De "Vamos Ler" — Rio, 20/11/41